



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EDGAR DE CAMPOS NETO

**A LINGUAGEM MUSICAL NO DESENVOLVIMENTO DO
PSIQUISMO HUMANO:**

A atividade de estudo no ensino de piano



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Londrina
2022

EDGAR DE CAMPOS NETO

**A LINGUAGEM MUSICAL NO DESENVOLVIMENTO DO
PSIQUISMO HUMANO:**

A atividade de estudo no ensino de piano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Pires Franco

Londrina
2022

EDGAR DE CAMPOS NETO

**A LINGUAGEM MUSICAL NO DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO
HUMANO:**

A atividade de estudo no ensino de piano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a
Sandra Aparecida Pires Franco
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Dagoberto Buim Arena
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof.^a Dr.^a Componente da Banca
Marta Silene Ferreira Barros
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 17 de fevereiro de 2022.

Dedico este trabalho a todos aqueles que me conduziram no caminhar da vida, na formação acadêmica e na formação profissional.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por sustentar a minha vida em suas mãos e permitir-me alcançar lugares não imagináveis por mim. O Salmo 103:2 diz: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios”.

À minha orientadora, professora Dr.^a Sandra Aparecida Pires Franco, pelo voto de confiança depositado em mim na escolha de ser seu orientando, por permitir-me aprofundar os conhecimentos teóricos no desenvolvimento da pesquisa acadêmica e por sua postura ética na condução do trabalho acadêmico, exemplo a ser seguido pelas novas gerações.

Aos meus pais, Cleusa de Oliveira Campos e Moacir de Campos (*in memoriam*), pelo bem que me fizeram ao educar-me nos caminhos da vida, pela simplicidade de terem dado a mim uma família que, apesar da simplicidade, contribuiu para tornar-me o homem que hoje sou. Apesar de suas limitações, eles permitiram que seu filho sonhasse e pudesse ir além do que foram em sua jornada.

À Sandra Sueli Cassaro, por abrir as portas de sua casa a mim enquanto adolescente e apresentar-me o piano, oportunizando que eu o conhecesse. Além disso, por ter dado a mim uma família do coração.

Às minhas queridas professoras de piano Kinue Fugii Tomokuni, Sandra Areais Secco Delallo, Lilian de Almeida (*in memoriam*) e Adriana Penna Almeida, por conduzirem-me na aprendizagem da linguagem musical, mostrando caminhos e possibilidades do significado da música e do piano.

Às colegas de jornada Nathalia Martins e Adrielly Rocateli, por serem tão prestativas e solícitas para com minhas dúvidas durante o percurso.

À minha querida amiga Bruna Leal Silva, pela convivência nessa jornada de formação acadêmica, dividindo momentos bons e ruins em nosso percurso. Sua amizade deixou o processo mais leve.

À professora Dr.^a Marta Silene Ferreira Barros, por compor a banca examinadora. Obrigado, Martinha, por sempre me acolher em suas disciplinas com tanto carinho e pela valorização da minha arte, proporcionando espaços para que outros pudessem ouvir o som de meu piano.

Ao professor Dr. Dagoberto Buim Arena, pelas discussões na disciplina da Unesp e pelo enriquecimento que o grupo de estudo tem me

oportunizado. Sua humildade é uma conduta a ser seguida, pois sempre realiza trocas verbais com os seus ouvintes.

Ao Felipe Rodrigues da Silva, pelas leituras e correções dos textos e pelas explicações dos erros encontrados.

Aos meus amigos, pelo incentivo na jornada, pela compreensão da ausência em alguns momentos e por fazer parte da vida de cada um de vocês.

À Capes, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

À Silvia Maria de Lemos Baptista, diretora do Conservatório Musical de Londrina, pelo apoio à pesquisa e por seu incentivo à propagação da música em nossa cidade.

Por fim, ao meu aluno participante, por sua assiduidade nas aulas e seu comprometimento com o nosso experimento formativo.

O homem ocidental deixa seus cartões em todo o mundo na forma de maquinaria feita ou inspirada no Ocidente. À medida que as fábricas e os aeroportos se multiplicam pelo mundo, a cultura local vai sendo pulverizada no interior desse pano de fundo. Em qualquer lugar para onde se viaje em nossos dias ouve-se a evidência disso, embora somente nos mais remotos lugares a incongruência seja imediatamente notada. O aumento de intensidade da potência do som é a característica mais marcante da paisagem sonora industrializada. A indústria precisa crescer: portanto, seus sons precisam crescer com ela. Esse é o tema estabelecido nos últimos duzentos anos. De fato, o ruído é tão importante como meio de chamar a atenção que, se tivesse sido possível desenvolver a maquinaria silenciosa, o sucesso da industrialização poderia não ter sido tão completo. Para maior ênfase, digamos isso de forma mais drástica: se os canhões fossem silenciosos, nunca teriam sido utilizados na guerra.

(SCHAFER, 2011, p. 115)

CAMPOS NETO, Edgar de. **A linguagem musical no desenvolvimento do psiquismo humano**: a atividade de estudo no ensino de piano. 2022. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Orientadora. Sandra Parecida Pires Franco. Londrina, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as contribuições da música como linguagem na mediação da cultura para o desenvolvimento do psiquismo humano. Tal pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Linha de Pesquisa – Docência: Saberes e Práticas, do Núcleo de Ação Docente e foi desenvolvida no Conservatório Musical de Londrina com um aluno participante. Seu problema norteador teve o seguinte questionamento: quais são as contribuições da música como linguagem na mediação da cultura para o desenvolvimento do psiquismo humano? Como objetivos específicos, elencamos: 1º - entender a situação social, política, econômica e cultural da Educação Brasileira em termos de objetivação do trabalho, a fim de poder perceber o processo de desenvolvimento humano; 2º - definir a tríade música, linguagem e cultura para poder expor as características da arte no desenvolvimento do sujeito; 3º - descrever o processo do desenvolvimento das funções psíquicas superiores (sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento) para o processo de humanização do homem, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural; 4º - explicar o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem e as atividades de estudo do sujeito participante; e 5º - investigar como o aluno operacionaliza suas ações para o desenvolvimento do pensamento teórico por meio da atividade de estudo. Eles possibilitaram a construção dos elementos necessários para a apreensão do nosso objeto de estudo. Nosso referencial teórico são os pressupostos do Materialismo Histórico e Dialético. A metodologia desenvolvida para a geração dos dados foi o Experimento Formativo no desenvolvimento da Atividade de Estudo. Utilizamos duas entrevistas semiestruturadas antes e depois do Experimento Formativo. Na análise dos dados, destacamos os índices da atividade de estudo desenvolvida com o aluno, como também as percepções das alterações no desenvolvimento psíquico do sujeito participante. Evidenciamos transformações na elaboração do pensamento e da linguagem do aluno.

Palavras-chave: Educação. Música. Linguagem. Psiquismo humano. Atividade de estudo.

Campos Neto, Edgar. **The musical language in the development of human psyche: the study activity in piano teaching.** 2022. 168 f. Dissertation (Master's degree in Education) – Universidade Estadual de Londrina. Orientadora. Sandra Aparecida Pires Franco. Londrina, 2022.

ABSTRACT

This research had as general object to understand the contributions of music as a language in the mediation of culture, for the development of the human psyche. The research is linked to the Graduate Program in Education at the State University of Londrina, at the Research Line – Teaching: Knowledge and Practices, from the Teaching Action Center. The research was developed at the Conservatory of Music in Londrina with a participating student. The guiding problem of the research had the following question: what are the contributions of music as a language in the mediation of culture for the development of human psyche? As specific objectives we list: 1st - to understand the social, political, economic and cultural situation of Brazilian Education in terms of objectification of work, in order to be able to perceive the process of human development; 2nd - to define the triad: music, language and culture to be able to expose the characteristics of art in the development of the subject; 3rd - to describe the process of development of higher psychic functions (sensation, perception, attention, memory, language, thought, imagination, emotion and feeling) for the process of humanization of man, from the perspective of the Cultural-Historical Theory; 4th - to explain the role of teacher in the teaching and learning process and the study activities of the participant subject; and 5th - to investigate how the student operationalizes his actions for the development of theoretical thinking through the study activity. They enabled the construction of the necessary elements for the apprehension of our object of study. Our theoretical reference is the assumptions of Dialectical and Historical Materialism. The methodology developed for data generation was the Formative Experiment in the development of the Study Activity. We used two semi-structured interviews before and after the Formative Experiment. In the data analysis, we highlighted the indicators of the study activity developed with the student, as well as the perceptions of the alterations in the psychic development of the participating subject. We evidenced transformations in the elaboration of thought and language of the student.

Key-words: Education. Music. Language. Human psyche. Study Activity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Constituição da primeira amostra das Dissertações e Teses	44
Quadro 2 – Constituição da segunda amostra das Dissertações e Teses	45
Quadro 3 – Dissertações e Teses do ano de 2017	46
Quadro 4 – Dissertações e Teses do ano de 2018	50
Quadro 5 – Dissertações e Teses do ano de 2019	54
Quadro 6 – Dissertações e Teses do ano de 2020	55
Quadro 7 – Sistematização das intervenções realizadas no período de 06/05/21 a 05/08/21	118
Quadro 8 – Sistematização do Experimento Formativo	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

SUMÁRIO

1	HISTÓRIA DE VIDA.....	15
2	INTRODUÇÃO	22
3	O ESTADO DA ARTE.....	30
3.1	O PORTAL DE PERIÓDICOS E O PRIMEIRO OLHAR PARA O OBJETO DE ESTUDO	30
3.2	A SCIENTIFIC LIBRARY ONLINE (SCIELO) E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA MÚSICA	36
3.3	O INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBCT) E AS SUAS PRODUÇÕES DE DISSERTAÇÕES E TESES DO CONHECIMENTO MUSICAL.....	44
4	AS RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE, TRABALHO E EDUCAÇÃO	57
4.1	AS CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE CAPITALISTA E A CATEGORIA TRABALHO NO SEU DESENVOLVIMENTO	57
4.2	A EDUCAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO PERCURSO HISTÓRICO.....	63
4.3	A CONSTITUIÇÃO DE 1988 E A SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	67
4.4	O SÉCULO XXI E O CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO: IMPLICAÇÕES DO GOVERNO ATUAL NA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO	69
4.5	A ESCOLA E O SEU PAPEL HISTÓRICO E SOCIAL	73
5	A ARTE E A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO HUMANO.....	75
5.1	O PAPEL DA ARTE NA VIDA HUMANA E O SEU SIGNIFICADO PARA O CONHECIMENTO DA REALIDADE.....	75
5.2	A MÚSICA E A EXPRESSÃO DE SUA LINGUAGEM MUSICAL EM SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.....	78
5.3	O PAPEL DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES NO DESENVOLVIMENTO	

	HUMANO.....	87
5.3.1	A linguagem musical e a sua representação.....	88
5.4	AS ESPECIFICIDADES DO SISTEMA PSÍQUICO E O PAPEL ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO HUMANO	90
6	O MÉTODO DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO ENQUANTO CONSTRUCTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....	100
6.1	A CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS MATERIALISMO, HISTÓRICO E DIALÉTICO NO MÉTODO.....	103
6.2	A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E O CONTEXTO DE SUA GÊNESE	105
6.3	A DIFERENÇA ENTRE O PSIQUISMO HUMANO E O ANIMAL	108
6.4	A TEORIA DA ATIVIDADE DE LEONTIEV	109
5.5	A TEORIA DA ATIVIDADE DE ESTUDO	112
6.6	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA, A METODOLOGIA E OS INSTRUMENTOS	115
7	A ANÁLISE DE DADOS	118
7.1	OS DADOS GERADOS E A SUA SISTEMATIZAÇÃO	119
7.2	ANÁLISE DA ENTREVISTA INICIAL.....	120
7.3	A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO EXPERIMENTO FORMATIVO – A ATIVIDADE DE ESTUDO E O PSIQUISMO HUMANO	127
7.4	ANÁLISE DA ENTREVISTA FINAL.....	139
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
	REFERÊNCIAS.....	155
	APÊNDICES.....	162
	APÊNDICE A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	162
	APÊNCIDE B – Roteiro da Entrevista semiestrutura	164
	ANEXOS	166
	ANEXO A – Carta de apresentação.....	166
	ANEXO B – Declaração de Concordância da Instituição	

Coparticipante	167
ANEXO C – Programa do Curso de Piano do Conservatório	
Musical de Londrina	168

1 A HISTÓRIA DE VIDA

Tudo o que existe em nosso mundo tem um início. Para conhecermos quem é o autor da presente dissertação, é necessário entender quem é o ser humano na condição de sujeito social que se expressa por meio do texto elaborado. Ao narrar a minha história de vida, peço licença ao leitor para que, em alguns momentos, realize-a de forma poética, pois é nas escolhas de determinadas palavras que se encontram entonações e vivências de vida, visto que, ao utilizar a linguagem escrita como forma da minha expressão, significa que antes ela constitui o meu pensamento, uma vez que ele é verbalizado. Em outros momentos, recorro à linguagem musical na expressão da sensibilidade que a música me permitiu vivenciar.

Quando pensamos e refletimos sobre o que é a vida humana, em seu aspecto tanto singular quanto universal e qual é o seu significado ou sua importância para a humanidade, podemos utilizar diferentes referências, como por exemplo que a vida pode ser comparada a uma sinfonia que, com os seus movimentos, representa os diferentes estágios que vivemos, e que em cada um deles existem os temas que são articulados pelo seu significado. Existem também as nuances que são representadas pela dinâmica, que no senso comum é o que chamamos de “colorido”. É nesse ponto que vemos a beleza da vida humana, porque, como na música ocorrem as respirações e as pausas, na vida existem também os silêncios que enfrentamos em nossa jornada. Assim como a sinfonia tem um fio condutor entre os seus movimentos, com a vida não poderia ser diferente, visto que do momento do nascimento até o momento da cessação completa da vida existe um motivo que nos conduz a nos movermos em nossas ações humanas, o que é da essência humana.

A vida é uma jornada na qual não temos a certeza de dias bons ou maus, mas isso não pode tirar a nossa visão da beleza do percurso. Por outro lado, isso não representa que minha visão é romantizada. Apesar de enxergarmos as contradições que existem em nossa realidade com as suas mazelas que afetam os seres humanos, não podemos deixar de termos a esperança de que é possível acreditar em um mundo no qual os seres humanos possam ascender às suas máximas potencialidades.

É nesse sentindo que, compreendo que cada momento da minha vida e cada experiência vivenciada, sejam elas em seu aspecto positivo ou negativo, contribuem para o homem que sou. Para descrever a minha trajetória, eu optei por realizar um recorte de momentos, apresentando datas que marcaram a minha existência, dado que elas são marcos. O leitor perceberá, no decorrer do texto, que tenho uma predileção por fatos históricos.

Inicialmente, eu fui filho, depois me tornei irmão. Em seguida, conheci o significado do que é ser aluno e posteriormente músico, profissional, acadêmico e pesquisador. O ser humano não é uma ilha isolada, mas vive em sociedade. Foram nas relações sociais que diferentes sujeitos sociais compartilharam da sua riqueza imaterial e enriqueceram o meu mundo. Não conseguimos dimensionar como a cultura transforma a vida de uma criança, de um adolescente e de um jovem.

Eu sou Edgar de Campos Neto, natural de Astorga, um município localizado ao norte do Paraná, cidade conhecida como “Rainha da Amizade”. O meu primeiro pertencimento é ser filho. Meus pais são Cleusa de Oliveira Campos e Moacir de Campos. Eles se casaram no ano de 1974 e não podiam gerar filhos. Cinco anos após o seu matrimônio, em 20 de novembro de 1979, eles foram agraciados com a minha chegada. Dessa fase inicial não tenho muitas lembranças. No segundo momento, tornei-me irmão.

O vir a ser humano foi fruto de um longo processo em minha vida. Inicialmente, foi na apropriação da cultura familiar com meus pais, avós, tios, tias e primos que apreendi as minhas primeiras percepções do mundo ao meu redor. Posteriormente, é no espaço escolar que as minhas vivências ganham novo significado, afinal a escola é considerada como local de formação da cultura.

Em seguida no ano de 1985, conheci a escola e por ela me encantei. Sempre gostei do espaço escolar e das suas descobertas. Iniciei a minha jornada na Escola Municipal Infantil Alfredo Sofientini, cursando o pré-escolar ao longo da primeira e da segunda série. Recordo-me do tempo vivido e da minha mãe segurando a minha mão, sempre me conduzindo à escola e me inculcando o seu valor. Isso é uma contradição, uma vez que ela não estudou, não teve a oportunidade e é analfabeta, além de que meu pai era semianalfabeto. Lembro-me quando criança, pois eu tinha que fazer as minhas tarefas escolares sozinho, dado que não havia ninguém me auxiliando.

E o tempo passou: de uma criança seguindo o seu caminho escolar, adentrei-me na fase da adolescência. E no ano de 1993, especificamente no segundo semestre do respectivo ano, deparei-me com um instrumento que nunca havia visto em minha vida, o piano. Hoje, ao olhar para trás, percebo que o meu encanto com o instrumento continua sendo o mesmo da primeira vez que o avistei. O meu contato para com o piano não ocorreu espontaneamente. É nesse momento que entrou em cena na minha vida a figura de uma segunda mãe, a Sandra Sueli Cassaro, formada no curso de piano. Na primeira vez que fui a sua casa, lembro-me que peguei várias partituras e, sem entender o que elas significavam, pedi a ela que as tocasse para mim. Recordo-me que cada partitura possuía um título e a minha curiosidade era em imaginar como seria a música escrita naquelas “bolinhas”. A Sandra fez o verdadeiro papel de mediadora, porque ela por inúmeras vezes tocou as músicas para mim e, com esse ato, despertou-me a necessidade de estudar o piano.

E então, no ano de 1994, iniciei a minha trajetória no estudo do piano. A minha primeira professora foi Kinue Fugii Tomokuni. Ela não foi somente aquela que me ensinou os primeiros passos na linguagem musical, como também me ensinou a ler a partitura, conhecer e reconhecer as notas no teclado. Essa querida professora enxergou em mim uma potencialidade, pois eu era um adolescente ávido em querer aprender. Eu me recordo que tinha aula de segunda a sábado, e assim ela permitiu que eu conhecesse o universo musical em suas particularidades. Eu sempre penso que a minha segurança em tocar em público e a boa leitura que tenho à primeira vista são frutos da interação com a Kinue.

Foram três anos de estudo com ela que me permitiram alçar um voo até então nunca imaginado, ocorrendo aceleradamente. Guardo até hoje a primeira caderneta de anotações do piano, e quando a folheio e vejo a sua letra posso perceber o seu significado. Estão presentes em seu papel as marcas de uma professora que me doou o seu tempo e me emprestou o seu psiquismo, que conseguiu por meio de sua ação pedagógica satisfazer as curiosidades de um adolescente. Mas houve o momento da separação, afinal recebi com tristeza a notícia de que ela não iria continuar com as aulas de piano. Eu penso que, por mais que eu tente expressar a sua importância em minha vida, talvez eu não consiga somente por meio de palavras.

No ano de 1998, entrou em cena na minha vida Sandra Areias Secco Delallo, o que afirmo ser a expressão do real significado do ser professor. Ela me conduziu em minha formação do 4º ano ao 9º ano do piano fundamental. Aprender piano para mim não foi uma tarefa fácil, uma vez que eu carecesse de capacidades que não adquiri em meu desenvolvimento. Por incrível que pareça, eu era uma pessoa musicalmente surda pois garantia a leitura da partitura pela precisão visual, tanto em seu conhecimento quanto em seu reconhecimento, e nunca me utilizava da percepção auditiva para isso. A Sandra, com toda paciência, zelo e esmero, iniciou um processo de sensibilização que me permitiu avançar no estudo. Ela tinha a certeza de que eu concluiria o curso, mas que eu avancei além do esperado. Com ela, eu aprendi a ler o que não estava escrito, a perceber o que era discursado nas entrelinhas, a entender o subtendido.

E nesse percurso eu terminei a Educação Geral, formando-me em Órgão Eletrônico no ano de 1997, no curso de Solfejo e Teoria Musical pelo Conservatório Musical Santa Cecília de Astorga.

No ano de 2001, ingressei no curso de Física na Universidade Estadual de Maringá, visto que eu havia decidido trabalhar com Radioterapia e Radiologia. A opção pelo respectivo curso era a afinidade com a área de exatas. Nesse ano, ocorreu uma greve nas universidades que durou quase seis meses. Chegou, então, o momento de deixar a minha terra natal e aventurar-me em um polo maior. Em meu coração havia também o sonho de trabalhar como músico profissional. Então, eu me mudei para Londrina, e em 03 de novembro de 2001 tornei-me pianista do Coral “Os Céus Proclamam”, da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Londrina, função a qual exerci por vinte anos. Até então, havia tocado somente em piano de armário, mas agora havia um piano de cauda à minha disposição. Outra função que desenvolvi foi como professor de teclado e piano na escola de música da igreja no período de 2001 a 2010, ano em que ocorreu o encerramento de suas atividades.

Em um novo ambiente, novas necessidades foram criadas e descobri um novo olhar sobre a música, o canto lírico, iniciando os primeiros passos com a Delmar Ferreira Martins, maestrina do coral. Eu me recordo da primeira vez em que acompanhei o coro da igreja, e a regente, na sua condução, em determinado momento começou um descante, técnica em que a sua extensão chegava a notas bem agudas. Aquilo me chamou a atenção, uma vez que, até aquele momento, em minha vida não havia tido contado com uma cantora lírica. A cena era bem típica de

um jovem do interior que vem para uma cidade maior e descobre outros encantos que existem no mundo.

A mudança para Londrina permitiu que a minha formação atingisse um novo patamar, como, por exemplo, ao estudar canto. De um jovem desafinado, tornei-me afinado. Eu não percebia os sons para reproduzi-los. Isso representou um novo salto qualitativo em minha formação humana. Eu tocava piano bem, dado que no instrumento a nota está pronta e que, portanto, você tem a ação de tocar as notas, enquanto no canto existe a construção cognitiva e fisiológica de cada nota nas cordas vocais.

Outro fator que destaco, são as participações de cursos na capital paulista com renomados músicos de visibilidade nacional. Em um dos cursos no ano de 2002, ouvi um órgão de tubo executando o Prelúdio da Bachiana nº 4, de Heitor Villa Lobos. O organista, ao acionar todos os registros, permitiu que percebêssemos a imponência do instrumento. Em outro momento, foram as vozes que entoaram diversas músicas na Catedral Evangélica de São Paulo, cuja reverberação das vozes se misturava com a acústica do local, criando uma ambientação específica e permitindo à nossa percepção o que a música tem na essência, ou seja, a ação de nos transportar, de nos elevar e de nos afetar.

E os anos passaram: continuei a estudar piano e, no ano de 2008, fiz o exame de admissão no Conservatório Musical de Londrina, no qual finalizei os cursos de piano, de História da Música, de Harmonia, de Acústica e de Didática Musical. Desde o momento em que iniciei o estudo de piano, eu visualizava o momento da formatura, e foi no ano de 2012 que apresentei o concerto de formatura em público, no templo da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Londrina, com um auditório de cerca de 500 pessoas. No recital de formatura, contemplei os diferentes períodos históricos da música, mostrando os diferentes estilos da música para o piano.

E como a vida é cerceada de necessidades, havia a frustração de não ter o Ensino Superior. Em vista disso, inicialmente decidi que realizaria um curso à distância. Em conversa com amigos, eles me impulsionaram a prestar o vestibular na Universidade Estadual de Londrina, e assim o realizei. A minha opção de curso foi Pedagogia, porque eu trabalhava como professor de piano e justificava a escolha por ser um curso que contribuísse para a minha formação, oportunizando-me conhecimento na área profissional.

E então uma nova fase se iniciou. Agora universitário, ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2013, aos 33 anos. A vivência em um ambiente universitário promoveu profundas transformações como em nenhum outro momento da educação. Em cada aula, havia a expectativa pelo novo conhecimento, nas leituras dos textos apreendi os conceitos científicos. As discussões com os pares auxiliavam o avanço das ideias. Posso afirmar que o período da graduação foi marcado por uma reconstrução de significados, de valores e de ampliação da leitura de mundo, permitindo-me enxergar novos horizontes até então nunca avistados.

O fato que posso dizer que me marcou profundamente na graduação ocorreu no ano de 2014 ao cursar a disciplina Psicologia do Desenvolvimento. Foi então que, com os estudos da Teoria Histórico-Cultural, compreendi o meu processo de desenvolvimento e encontrei uma teoria que explicava o processo vivenciado por mim.

A cada manhã na universidade, havia expectativa das novas aprendizagens, da ansiedade em compartilhar com os colegas o que havia aprendido de novo na leitura de um texto ou de um livro. E a universidade não se constitui somente de textos, mas também de amizades que se tornaram significativas, vidas que nos marcaram por sua expressividade. Foram quatro anos e meio de convivência, risos, choros, alegrias e esperanças, de um sonho que se gestou, no qual sonhávamos com o dia formatura. E como a vida continua o seu percurso e o tempo não para, após a graduação cursei a Especialização Docência no Ensino Superior entre os anos de 2018 e 2019.

No ano de 2020, ingressei no Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Londrina. E a minha orientadora, Sandra Aparecida Pires Franco, veio também contribuir para a minha formação enquanto ser humano. Não foi a primeira vez que ela participou da minha formação acadêmica. No ano de 1996, fui aluno da sua classe de Língua Portuguesa, no 3º ano de Educação Geral. Com ela, tenho aprendido uma postura ética, um olhar de valorização do texto do outro e o seu respeito em considerar como preciosa a escrita do aluno. A impressão que tenho é que ela tem um olhar para a escrita alheia, como se fosse uma joia de raro valor.

Nessa breve narração de vida, espero que tenha apresentado ao leitor um olhar significativo sobre mim. No papel de filho, eu fui cuidado e amado pelos pais, e com eles iniciei os meus primeiros passos no mundo. Com a escola, foi possível a

descoberta de novos olhares que estavam além do meu ambiente familiar, e que prosseguem até o presente momento. Na música, encontrei não somente o prazer de tocar um instrumento, como também minha profissão. Eu sei que não é possível expressar da mesma forma se eu contasse cada fato visto que os meus olhares, as minhas entonações da voz ou até mesmo a sua falha demonstrariam o significado existente em cada fato narrado. Encerro dizendo que, ao olhar para o passado e contemplar a minha história para poder ver as possibilidades de superação sobre as dificuldades que havia em meu caminho, percebo que é possível, apesar dos obstáculos, ir além do almejado. Com isso, não afirmo que sou exceção, tampouco regra a ser seguida. Entretanto, ver a minha história de vida é contemplar o papel que a educação tem cumprido na vida de um ser humano.

2 INTRODUÇÃO

[é] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém-cultivadas, em parte recém-engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza *humanizada*. (Karl Marx, 2010, p. 110)

Quando iniciamos a escrita da dissertação do mestrado, somos confrontados pela existência de inúmeros caminhos que podemos percorrer, mas foi necessária a opção por uma teoria que norteasse o nosso percurso. A dissertação é uma construção que se constitui de diferentes etapas, e é nesse entrelaçamento que o trabalho é visto em sua totalidade. Como, por exemplo, em nossa vida cotidiana, em que na construção de uma casa a primeira ação que realizamos está na definição dos alicerces, que são a sustentação necessária para que as paredes sejam levantadas, e, com a dissertação, ocorre de forma similar. O nosso primeiro passo foi a escolha de teorias que nos deram a base necessária para que a pesquisa satisfizesse o rigor científico no alcance do seu objetivo.

Outro exemplo está no significado do termo *gestar*. A escolha da referida palavra é a que melhor representa o momento da escrita, pois a construção das ideias, a escolha das teorias, a formulação do pensamento que se constrói por meio das leituras do referencial teórico, pensamento esse que se materializa na escrita. O que se apresenta no trabalho escrito é o fruto de apropriação teórica do autor a partir do conhecimento científico elaborado, e isso permitiu a expressão de suas formulações para o conhecimento do objeto de estudo.

Inicialmente, explicitamos que o Materialismo Histórico e Dialético é o fio condutor da nossa dissertação. Ele não representa somente um método, mas uma concepção de mundo, uma leitura da realidade em que os conceitos estudados,

como a sociedade, o trabalho e o homem, são definidos no mundo real, e que pela possibilidade da ação humana é possível pensar em uma sociedade em que as desigualdades possam ser atenuadas. Segundo Mészáros (2008), é possível pensar em ações que vão além do capital, como, por exemplo, a educação cuja formação seja voltada para a emancipação e não para alienação. A formação humana não pode soar como utópica apesar das contradições existentes.

O ideal é pensar que o homem não nasce pronto, mas que a sua natureza humanizada é um processo de construção e que busca em última instância aquilo que o ser humano tem na sua essência. Ninguém nasce apreciando as obras de arte, ouvindo os clássicos da música ou lendo as obras literárias. Para desenvolver esses hábitos, o homem precisa ser inserido na cultura e no seio da sociedade, que é capitalista. Marx (2010) demonstra que as relações sociais em nosso mundo são desenvolvidas dentro de um sistema em que o capital, para garantir os seus lucros, usurpa a forma do homem enquanto trabalhador para a manutenção do seu *status quo*. O avanço do Capitalismo nos séculos XX e XXI têm alcançado dimensões como em nenhum outro momento da história.

As discussões de Marx (2010) denunciam como o trabalho é apropriado pelo capital, fazendo com que o homem perca a essência de sua atividade vital. Em uma primeira instância, o trabalho é necessário para que o homem satisfaça as suas necessidades, mas não pode ser restringindo somente a isso. A forma como a atividade humana é percebida na sociedade capitalista a reduz somente a um primeiro plano de desenvolvimento, como atividade laborativa para a remuneração na satisfação das condições mínimas de vida do ser humano.

Quando abordamos as relações sociais, políticas, econômicas e culturais existentes em nossa sociedade, entendemos que existe uma luta entre as classes, com uma divisão clara e bem definida. Não se pode, portanto, criar a ilusão ou a falácia de que isso não é real. De um lado, existe a classe dominante que é a detentora dos meios de produção e, do outro lado, a classe trabalhadora que vende a sua mão-de-obra para a manutenção e produção da riqueza por meio do trabalho. Sempre houve a separação entre os homens, entre brancos e negros, ricos e pobres, alfabetizados e analfabetos. Se fôssemos apontar todas as atribuições que causam essa cisão, isso não seria possível, pois em nossa sociedade as divergências têm se acentuado e aumentado com o desenvolvimento histórico.

É nesse sentido que Kosik (1976) demonstra a necessidade que temos de desmitificar a nossa realidade e que é preciso conhecer a sua essência, portanto faz-se necessário buscar um conhecimento científico que nos proporcione a apreensão de sua totalidade, para que não nos enganemos com a aparência, que em muitos casos nos permite uma falsa impressão do real. Em nosso tempo, a elite dominante tem buscado com todas as forças anular a realidade da disputa que existe entre os dominadores e os dominados. E para que esse discurso alcance o seu pleno êxito, percebemos como as ideologias são criadas e se manifestam, podendo-se afirmar que é uma verdadeira arena de disputa.

Ao abordar a sociedade capitalista, a palavra ideologia não pode ser deixada em segunda plano, pois a forma como está organizado o nosso modelo societal em torno do capital cria condições para que as relações sociais, que são desenvolvidas nas instituições, sejam permeadas por ideologias. Para Volóchinov (2019, p. 113), “os corpos físicos e químicos existem fora da sociedade; já os produtos da criação ideológica surgem apenas nela e para ela”, e é no interior da sociedade que é construído todo o aparelho ideológico existente em nossa realidade. Além disso, Volóchinov (2019, p.113) afirma que “as formações ideológicas são interna e imanentemente sociológicas”. É nesse sentido que percebemos que existe um acirramento na propagação de um discurso com teor negativo sobre as instituições públicas, como, por exemplo, as universidades. É perceptível que tudo aquilo que vem trazer uma ruptura com as estruturas de nossa sociedade atual é sempre visto de forma pejorativa.

Ao considerarmos o termo ideologia e toda a carga semântica que ele agrega em si, refletimos sobre como não existe campo de neutralidade em nossa sociedade, pois as ideias, os valores e as concepções são nos apresentados inicialmente pelo ambiente familiar, pela escola, pela sociedade e por outras instituições que estão inseridas em nosso contexto de vida em sociedade. Cada ser humano escolhe uma determinada concepção de mundo, quer pela forma crítica do seu pensamento ou simplesmente pela aceitação da ideologia vigente em determinada época. Essa ideologia pode ter diferentes formas em sua apresentação, e em muitos casos os homens compram ideias que são maléficas para o bem-estar da sociedade.

O cenário político atual de nosso país está em um momento muito delicado e, ao mesmo tempo, é um exemplo de como a ideologia tem cumprido o

seu papel na vida dos sujeitos sociais, pois por meio da polarização dividiu a nação entre a direita, que são aqueles que apoiam o atual governo, e a esquerda, que são os contrários. Nesse sentido, o conceito de práxis, apresentado por Vásquez (2011), permite-nos compreender o homem na condição de sujeito social, que por meio de sua ação transforma a realidade, ou seja, é o ser humano enquanto presente no mundo material e histórico que produz a sociedade em toda a existência de seus bens culturais de forma material e imaterial e as suas ideologias.

O homem age em diferentes esferas da nossa sociedade, seja no âmbito político, social, econômico, filosófico, artístico, entre outros. Vasquez (2011) descreve que o homem, ao produzir o mundo material para a satisfação de suas necessidades, realiza-o por meio da práxis produtiva. Ao desenvolver a ciência e descobrir novos caminhos para o seu avanço, ocorre a práxis experimental. O homem não cria somente bens materiais, como também produtos ideais, como a arte e as suas diferentes manifestações artísticas, afinal isso é a práxis artística. E a ação no seio da sociedade, no âmbito das decisões para a sua manutenção e o seu avanço, é a práxis política. A nossa compreensão não é uma cisão entre os diferentes tipos de práxis desenvolvidas pelo homem, antes, elas são uma representação da totalidade da ação humana.

Portanto, o trabalho, a cultura, a ciência e a política são manifestações das diferentes relações do homem com a natureza e consigo próprio, e esses elementos são lugares de disputa pelo poder entre as classes, pois eles representam os bens materiais e sociais produzidos pela humanidade. Nesse sentido, a ideologia é usada para conformar cada sujeito à sua posição social.

Em contrapartida, na vida cotidiana existe a presença de vários elementos da práxis artística, como as obras de artes (pintura e escultura), as produções cinematográficas, a fotografia, as obras literárias, as diferentes manifestações da dança, como o ballet e o jazz, as peças teatrais e os diferentes gêneros musicais, que são a representação do acervo cultural produzido pela humanidade ao longo das gerações em um processo histórico. Toda essa produção é pertencente à arte enquanto síntese de tudo aquilo que é utilizado como forma de expressão da subjetividade humana, e que segundo Duarte (2014, p. 41) “traz para a vida de cada indivíduo uma riqueza de experiência humana que a sua continuidade dificilmente trará”.

É no patrimônio cultural da humanidade que o homem, por meio da mediação, apropria-se das objetivações existentes na cultura. O significado de cultura é o entendimento que, na perspectiva marxista, de acordo com Malanchen (2019, p. 51), “é constituída pelo resultado da relação produtiva do ser humano, ou seja, tudo aquilo que não é natural e tem atividade humana condensada, é cultura”.

Considerando que o homem se produz e reproduz em sociedade, uma dessas formas de reprodução é observada pela práxis artística que tem na arte o seu objeto de transformação constituinte da cultura. Das artes, o nosso enfoque é a música, que no papel de linguagem contém na sua essência elementos que contribuem para a transformação do psiquismo humano. O homem, para a sua apreensão do mundo, o faz por meio dos seus cinco sentidos: a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato. Ao se tratar da música, o primeiro sentido a ser utilizado é a audição, pois a música é constituinte de som.

A música é uma constituição de elementos que representam a produção do homem em um determinado período histórico, como as danças, as cantigas de roda, o folclore, as músicas instrumentais, as óperas, entre outras, e nos remetem a um sistema de crenças, pensamentos e concepções de mundo. Segundo Schafer (2011, p. 23), “a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler as suas mensagens, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos”. Para entendermos a música, é necessária a apropriação de sua linguagem, pois somente assim o homem será capaz de compreender o que o universo musical tem de representação na formação histórica do ser humano. Schafer (2011, p. 23) ainda afirma que “o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução da sociedade”.

Considerando a práxis artística, as artes dentre as quais se destaca a música, remetemo-nos à escola, que é a instituição social que tem como essência a socialização da cultura elaborada de nossa sociedade. A escola é o lócus da formação humana, pois é necessária em nossa sociedade para a formação das novas gerações. O homem, para se tornar humano em suas máximas potencialidades, precisa do processo de escolarização, pois a sua humanização não é inata ou acabada, antes é uma construção histórica.

É por meio do processo educativo que o homem se apropria de sua humanidade. Martins (2016) afirma que o homem não nasce humanizado, mas sim

hominizado, que o processo de humanização ocorre por meio da mediação da cultura elaborada que contribui para uma transformação do psiquismo do homem, partindo das funções psíquicas elementares (dadas pela natureza) para as funções psíquicas superiores.

E não poderíamos deixar de mencionar o momento crítico de nosso mundo devido à crise sanitária que enfrentamos desde março de 2020, a pandemia da covid-19. Essa doença acarretou inúmeras consequências, como a perda de empregos em uma escala elevada, a mudança das escolas da modalidade presencial para o modelo emergencial remoto, instabilidades na economia. Tais consequências contribuíram para o aumento das desigualdades existentes em nosso país.

A dissertação teve seu início em 2020 e seu término em 2022. Todo o processo de construção ocorreu na pandemia que se instalou não somente no Brasil, como em todo o globo terrestre.

É no percurso apresentado da compreensão da sociedade capitalista e suas contradições, do papel do trabalho humano, da função da arte na vida humana, da música e a necessidade da apropriação de sua linguagem e o seu papel na formação humana que apresentamos o seguinte problema: **Quais são as contribuições da música como linguagem na mediação da cultura para o desenvolvimento do psiquismo humano?**

Para responder à questão norteadora de nosso trabalho, na busca de elementos que nos amparassem à construção do nosso objeto de pesquisa, que é a música, o nosso objetivo geral foi compreender as contribuições da música como linguagem na mediação da cultura para o desenvolvimento do psiquismo humano.

E na consecução de nosso objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: 1º - entender a situação social, política, econômica e cultural da Educação Brasileira em termos de objetivação do trabalho, a fim de poder perceber o processo de desenvolvimento humano; 2º - definir a tríade música, linguagem e cultura para poder expor as características da arte no desenvolvimento do sujeito; 3º - descrever o processo do desenvolvimento das funções psíquicas superiores (sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento) para o processo de humanização do homem, na perspectiva da Teoria Histórico Cultural; 4º - explicar o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem e as atividades de estudo do sujeito participante e 5º - investigar

como o aluno operacionaliza suas ações para o desenvolvimento do pensamento teórico, por meio da atividade de estudo.

A dissertação tem a seguinte organização: inicialmente apresentamos o Estado da Arte, que permitiu compreendermos as especificidades e a complexidade do nosso objeto de estudo. Ele está organizado em três partes específicas: o Portal de Periódicos Capes e o primeiro olhar para o objeto de estudo; a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e suas contribuições para o conhecimento da música e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT) e as produções de dissertações e teses sobre o conhecimento musical. No Estado da arte, expomos ao leitor o que tem sido discutido sobre a música, quais os seus principais referenciais teóricos e quais as diferentes óticas que são construídas sobre a música, como a sua utilização em diferentes ambientes como espaços escolares e não escolares.

No quarto capítulo, explicamos a relação intrínseca da tríade sociedade, trabalho e educação como essenciais para a compreensão do desenvolvimento humano. O caminho delineado nesse capítulo tem como centro a categoria trabalho no desenvolvimento humano no contexto da sociedade capitalista. Em relação à educação, apontamos como ela era vista nas constituições brasileiras, que foram promulgadas na história de nosso país, e como a Constituição de 1988 foi um marco histórico, além das implicações que decorreram da referida Carta Magna para o contexto educacional atualmente. Por último, evidenciamos qual é a função e o papel da escola no seio da sociedade capitalista em sua manutenção.

No quinto capítulo, primeiramente ressaltamos o papel da arte na vida humana e o seu significado para o conhecimento da realidade, no sentido de que a arte é produto da atividade humana. A partir da concepção geral do que é a arte, elucidamos a música e a expressão de sua linguagem no percurso histórico, para então abordarmos a linguagem musical e a sua representação. Para que o homem se aproprie da arte e da linguagem musical, é necessário o sistema psíquico humano. Nesse momento, descrevemos o papel das funções psíquicas superiores no desenvolvimento humano. Como último elemento desse tópico, tecemos breves considerações sobre o papel do professor no processo de desenvolvimento humano.

No sexto capítulo, o nosso ponto de partida foi a caracterização do método do Materialismo Histórico e Dialético enquanto constructo do conhecimento científico. Clarificamos de forma sumária o significado dos termos materialismo, histórico e dialético. A partir da explicitação do método, tecemos considerações

sobre a Teoria Histórico-Cultural como referência para o desenvolvimento do psiquismo humano. Em seguida, trazemos os elementos que constituem a Teoria da Atividade de Leontiev e, por último, a Teoria da Atividade de Estudo e a sua utilização em nossa geração de dados. Posteriormente descrevemos o sujeito participante do Experimento Formativo, os instrumentos para a nossa geração de dados, a entrevista inicial, o experimento formativo com a atividade de estudo e a entrevista final.

No sétimo capítulo, expomos a análise dos dados. Em primeiro momento descrevemos a organização do Experimento Formativo, trazendo os elementos de sua constituição. A análise é constituída em três partes: na primeira, apresentamos os resultados da entrevista inicial em que evidenciamos um diálogo permeado por momentos de hiatos; na segunda, a Atividade de Estudo é descrita por meio das ações de estudo desenvolvidas no experimento formativo, em que destacamos o uso da percepção e da memória; na última parte, na análise da entrevista final, percebemos que houve um salto qualitativo na linguagem do sujeito participante.

Finalmente, apresentamos as considerações finais sobre a trajetória desenvolvida na pesquisa, tanto em sua elaboração como na exposição da dissertação.

3 O ESTADO DA ARTE

O estado da arte tem um papel de suma importância para o desenvolvimento da nossa pesquisa, pois permite apreender o que foi investigado sobre o objeto de estudo, possibilitando-nos uma delimitação clara e precisa das nossas intenções na busca de resposta ao problema proposto.

Para a realização do estado da arte, alguns critérios foram estabelecidos: em primeiro lugar, o recorte temporal foi o quadriênio do ano de 2017 a 2020. Em segundo, selecionamos três bases de dados: o Portal de Periódicos Capes, a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A partir das duas ações apresentadas, o próximo passo foi a delimitação dos descritores para a busca.

Nesse momento, o texto está organizado da seguinte maneira: a descrição da busca realizada em cada uma das bases apresentadas, as ações desenvolvidas com os descritores e os critérios de exclusão e inclusão dos trabalhos selecionados.

3.1 O Portal de Periódicos Capes e o primeiro olhar para o objeto de estudo

A primeira base descrita é o Periódico da Capes. A primeira ação desenvolvida foi a delimitação dos descritores utilizados para a busca. Eles se constituíram das cinco palavras-chave do nosso projeto de pesquisa: educação, música, linguagem, funções psíquicas superiores e atividade de estudo. Inicialmente, com a utilização das cinco palavras-chave, encontramos três artigos, uma amostra pequena que excluimos por não possuir relação com a nossa temática.

No segundo momento, eliminamos das palavras-chave o termo atividade de estudo, resultando em uma nova configuração dos nossos descritores: educação, música, linguagem e funções psíquicas superiores. A pesquisa se sucedeu em quatro trabalhos, dos quais três consistem numa repetição da amostragem anterior e o quarto foi excluído, visto que o referencial teórico era incompatível com o enfoque teórico.

Em terceiro, limitamos a busca em três palavras-chave, omitindo o termo funções psíquicas superiores. Os descritores assim se organizaram: educação, música e linguagem. Nessa busca, os resultados foram de 275 artigos,

representando um número expressivo. Nesse momento, utilizamos vários critérios de exclusão para o refinamento da amostra. O primeiro critério foi a exclusão dos livros, fazendo com que o número diminuísse para 252 artigos.

Posteriormente, eliminamos os termos em inglês que estavam relacionados com áreas do conhecimento que não estabeleciam conexão com a nossa temática, como Mathematics (12); Mathematics Education (9); Public Health (8) e Mathematical Analysis (7). Isso permitiu alcançarmos o resultado de 226 artigos. Em nova busca, excluímos os termos Gender (4); History & Archaeology (3), resultando em 219 trabalhos. A introdução de termos por partes é justificada, dado que o site naquele momento não permitiu introduzir um número maior de expressões para o refinamento. Para a redução do número de artigos, as palavras Memes (7); Journalism & Communications (7); Law (4); Bussiness (4); Medicine (2) foram incluídas, totalizando 195 artigos. O último critério de exclusão foram artigos escritos em inglês e espanhol, permitindo a análise de 12 artigos. Após a leitura dos títulos, concluímos que nenhum dos trabalhos possuíam uma relação direta com o objeto de pesquisa.

Em nova pesquisa, os descritores foram as palavras-chave educação e música. A primeira amostra nos trouxe o resultado de 723 artigos. Em decorrência do número elevado de trabalhos, utilizamos o critério de exclusão de língua estrangeira (inglês, francês, italiano e alemão) para uma nova pesquisa, totalizando 142 artigos. A partir da exclusão dos termos livros (25); Book Chapters (1); Recursos Textuais (1); Mathematics Education (9); Legislação Educacional (7); Mathematical Analysis (5); Mathematics (4); Ensino de Matemática (3); Foucault; Michel (3); Addition & Subtraction (3); Legislation (3) e Modelagem Matemática (3), realizamos nova pesquisa, encontrando 89 artigos. Os artigos selecionados foram organizados de acordo com o quadriênio desejado (2017-2020).

Inicialmente, para a inclusão ou exclusão do artigo, adotamos como critério a leitura dos elementos pré-textuais, como por exemplo se o título tinha relação direta ou não com o tema da pesquisa. Se houvesse correspondência com o tema, então realizávamos a leitura do resumo e, havendo concordância, o artigo era selecionado para a sua leitura na íntegra.

Para o ano de 2017, houve 10 trabalhos. Após a leitura dos títulos, foram excluídos pela temática ou pela incompatibilidade do referencial teórico. Dos 10

artigos, 8 foram excluídos pela não similaridade com o objeto de estudo e 2 selecionados.

O primeiro artigo é de autoria de Arroyo, Bechara e Paarmann (2017), no qual é apresentado o resultado de três pesquisas com abordagem qualitativa, que foram desenvolvidas no contexto da internet. Esta foi considerada como campo empírico para a coleta de dados. A temática central do texto é o ensino de música para adolescentes e jovens. Os autores destacam que, com o advento da internet, houve a criação de uma linguagem que lhe é própria para a sua expressão, resultando na criação de uma visão de mundo em que as experiências que são vivenciadas pelos sujeitos se distinguem das vivenciadas no período anterior ao da Internet. Com isso, o ensino musical ganhou novas possibilidades, não se restringindo somente à sala de aula em sua forma física.

O segundo trabalho é de Aquino (2017), uma elaboração sobre o tema da epistemologia da educação musical escolar. Os estudos de Aquino (2017) têm a relevância por mostrarem como se tem constituído a produção do conhecimento em educação musical no país. A sua pesquisa tem como recorte dois periódicos de circulação nacional, que são revistas específicas para a publicação de pesquisas desenvolvidas na área musical. A autora realiza um contraponto entre as elas, mostrando as discrepâncias e destacando as aproximações e os distanciamentos em relação à temática proposta para a sua análise. Ela conclui que, apesar do grande volume de produções, os temas centrais do campo de conhecimento da área musical têm sido negligenciados.

Em relação ao ano de 2018, a nossa seleção se constitui de 26 artigos, entre os quais 22 excluímos pela temática e 4 selecionamos.

O primeiro artigo, de Rodrigues (2018), aborda o tema da música e os seus benefícios para o desenvolvimento humano. A autora aborda o desenvolvimento histórico da música e as contribuições da música indígena e africana na construção musical do país. Além disso, tece uma breve discussão sobre a utilização da música de forma ideológica.

As relações entre a educação musical e o espaço escolar mostram-se como objetivo de discussões de inúmeras pesquisas. Os estudos de Sousa e Ivenic (2018) são apresentados a partir da temática da música enquanto conteúdo escolar. O texto versa sobre três conceitos centrais: a cultura, o currículo e a identidade cultural.

O primeiro conceito de destaque é a cultura, em que os autores definem que o termo possui diferentes significados e sua definição adquire diferentes significações conforme o contexto. Fazem-no explicitando o surgimento e a transformação histórica do vocábulo. Com a ampliação do seu significado, ele foi utilizado para a divisão dos homens em civilizados e não civilizados. Pensando sobre a música, ela não é isenta das atribuições ideológicas em nossa sociedade, como por exemplo a valoração de músicas em razão dos seus compositores pertencerem a um cânone, que é outro fator que divide os sujeitos sociais em classes, tendo como referencial as suas preferências musicais.

O segundo termo discutido é o currículo, que representa as concepções sobre o papel da escola e o seu significado social em nossa sociedade. As transformações do mundo social dos homens, suas convergências e divergências no desenvolvimento histórico proporcionaram que as relações existentes entre o espaço escolar fossem problematizadas. É por meio do currículo que são definidas as concepções de homem, ou seja, uma formação acrítica ou crítica, promovendo a alienação ou a emancipação.

O terceiro elemento é a identidade, que é o resultado da cultura e do currículo. Eles são responsáveis pela formação do homem na condição de sujeito que se reconhece na sociedade em que vive. É perceptível que a música também seja envolta pelas discussões do que é a cultura e o currículo, pois para uma formação humana é imprescindível que as especificidades do conhecimento musical façam parte da constituição da formação acadêmica dos espaços escolares.

Em relação à música e à educação básica, Pereira e Figueredo (2018) em seus estudos apresentam as razões dos benefícios da educação musical na escola básica. Sua pesquisa foi realizada por meio de uma revisão de literatura e dos fundamentos sociológicos da educação musical. Os resultados encontrados nela demonstram que a música é usada para as mais variadas funções, como terapia, recurso para aprendizagem, lazer, sensibilização dos alunos, entre outros. Percebemos que o pensamento dos professores sobre o que é a música e a sua função social ainda está conectado com as crenças do dom musical, e isso tem contribuído para um esvaziamento da necessidade da música nas escolas enquanto campo do conhecimento.

Um aspecto de destaque é que os autores problematizam a formação quase inexistente e específica para o ensino de música nas escolas, mas, quando se

tem presente essa formação, por um lado ela é polivalente, abrangendo as diferentes linguagens que constituem a Arte; por outro, os professores valorizam o que lhe é familiar no campo da Arte para ser ensinado. O que tem predominado, no que concerne à música, é uma formação precária que é justificativa pela não necessidade e pela valoração da música enquanto necessária para a formação humana.

Os estudos de Martins e Messias (2018) são uma discussão sobre o conceito de psicomotricidade, nos quais destacam o papel que ele tem no desenvolvimento infantil e as suas relações com a educação musical.

Para o ano de 2019, a amostra foi de 38 artigos, dos quais no primeiro contato da leitura dos títulos excluímos 31 artigos, restando 7. Após a leitura deles, optamos pela eliminação de 2 da seleção, restando somente 5 textos para a inserção em nossa apresentação.

O artigo de Arroyo, Chiarini e Yamaoka (2019) discute o papel da educação musical em ambientes não formais de educação, abrangendo projetos sociais com a justificativa de que a música é utilizada em espaços que não se restringem ao âmbito escolar. O relato é o resultado de duas pesquisas desenvolvidas com adolescentes: no primeiro caso, são sujeitos que estão em situação de vulnerabilidade e, no segundo são adolescentes infratores que estão em medidas socioeducativas. Os autores discutem sobre as políticas públicas em nosso país e a sua relação com a educação musical.

A primeira pesquisa foi desenvolvida por Yamaoka (2019). O foco está nos adolescentes, que são os sujeitos participantes dos projetos, e nas suas percepções das aulas de música. As aulas são ministradas na modalidade de oficinas, contemplando os instrumentos de violão e bateria e a musicalização. A autora relata os benefícios que a música traz para a vida humana, uma vez que as práticas musicais são realizadas de forma coletiva, contribuindo para identificar o potencial de cada um dos adolescentes.

A segunda pesquisa é de Chiarini (2019). Em seu estudo, o cenário da pesquisa é o contexto da visão que os educadores musicais constroem da sua prática pedagógica. O espaço em que os educadores desenvolveram a sua ação docente foi a Fundação Casa, que tem como característica principal ser um polo fechado. Isso se deve ao fato de que os sujeitos participantes das oficinas de música são adolescentes que estão nesse local fechado, devido a consequências de

medidas socioeducativas, uma vez que são menores infratores. A autora destaca que existe uma visão estigmatizada dos educadores sobre o local de sua atuação, visto que esta é uma construção social que está permeada na sociedade brasileira.

A música, considerada como área do conhecimento, também possui as suas especificidades. Ela é contemplada na formação acadêmica, pois é ofertada pelas licenciaturas de música em âmbito público e privado. Esses espaços universitários têm como foco a instrumentalização do profissional para o ensino de música na educação básica. Os estudos de Del Ben *et al.* (2019), ao discutirem os dados de sua pesquisa, trazem-nos os aspectos objetivos e subjetivos na constituição do sujeito professor no papel de profissional que desenvolve o seu trabalho docente.

Para que o trabalho pedagógico do professor alcance êxito, é necessário considerar inúmeros aspectos que são influenciadores positivos ou negativos na sua ação docente. Os autores problematizam a relação existente entre as condições de trabalho e a realização profissional. Eles enfatizam que a profissão vem enfrentando uma desvalorização crescente em nosso país, cuja consequência é a desmotivação para a formação de novos professores, visto que as condições da carreira docente não têm sido um fator de motivação.

A pesquisa foi desenvolvida com professores de música da escola básica. Os aspectos mais relevantes que percebemos são a formação acadêmica, as condições de trabalho, o salário, a carga de trabalho semanal, a experiência profissional, as condições de vida e o que os professores fazem em sua hora de lazer.

Os estudos de Souza *et al.* (2019) são uma resenha do livro “Pedagogias Brasileiras em educação musical”. Este livro foi escrito por um coletivo de autores, organizado em oito capítulos e publicado em 2016. Em cada capítulo, é apresentado um educador e sua contribuição para a área musical, no que se refere ao ensino de música. Os autores afirmam que não é intuito do estudo realizar crítica sobre as diferentes teorias pedagógicas que nortearam os educadores.

Para o nosso trabalho, apresentamos brevemente a contribuição de cada educador em particularidade com o ensino de música. O compositor Heitor Villa-Lobos é destacado sobre o canto orfeônico no ensino musical; Antônio de Sá Pereira tem o aspecto central na formação do músico integral; Liddy Chiafarelli Mignone possui o seu olhar voltado para a iniciação musical com as crianças; Gazzi Galvão

de Sá, em sua temática, é a musicalização infantil; Hans-Joachim Koelreutter apresenta o ensino prefigurativo; Ester Scliar realizou importantes contribuições para o campo da teoria musical; José Eduardo Gramani tem o foco no ensino, na aprendizagem do ritmo e na sua consciência; e com Lucas Ciavatta é proposta uma metodologia de aprendizagem baseada no conceito de posição.

Assis Oliveira (2019) apresenta um dossiê sobre os principais temas das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas sobre a educação musical, apontando uma variedade de assuntos e diferentes contextos.

Um aspecto do ensino de música é a aula de instrumento, que pode ser coletiva, em escola, ou individual, com professor particular. Neto (2019), tomando como referência o conceito de interação social em sua tese de doutorado, desenvolveu um estudo analisando as relações entre professor e aluno e suas influências no processo de ensino e aprendizagem. A aula ministrada pelo professor era de instrumento de violino e de forma particular, na casa da aluna.

Neto (2019) aponta quatro momentos específicos de interação na aula: inicialmente há uma influência mútua entre professor e aluna; o segundo era o contato da criança com o instrumento; no terceiro, ocorreu a perda do interesse da aluna na aula; e por último foi o momento de guardar o instrumento. Em cada momento, é perceptível a existência de socialização entre o professor e o aluno.

Em relação ao ano de 2020, um artigo foi selecionado. Trata-se de um relato de experiência de desenvolvimento de estágio. Dallazem (2020) realiza as suas atividades com as crianças no campo de estágio com a temática música, abordando três aspectos: os elementos que compõem o som na música, a sua leitura e a sua escrita. Seus estudos demonstram possibilidades de intervenção com os alunos. A autora trabalhou com quatro atividades específicas: inicialmente propôs aos alunos o reconhecimento de diferentes timbres, trabalhando com a percepção musical; em segundo, com a produção de sons por meio do corpo humano; em terceiro, com a escada musical para o reconhecimento e sequências das notas musicais; por último, o conhecimento da música de seu local de vivência.

3.2 A Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e suas contribuições para o conhecimento da música

A segunda base de dados selecionada para o estado da arte foi a Scientific Electronic Library Online (SciELO). O primeiro procedimento foi a inserção das cinco palavras-chave do nosso projeto de mestrado, constituindo os nossos descritores. Utilizamos os termos educação, música, linguagem, funções psíquicas superiores e atividade de estudo na primeira busca e não encontramos nenhum artigo na pesquisa.

Em uma nova busca, excluimos o termo atividade de estudo, o que resultou em quatro descritores: educação, música, linguagem e funções psíquicas superiores. Novamente, não localizamos nenhum artigo para o trabalho.

Em momento posterior, reduzimos os descritores a três palavras, sendo elas educação, música e linguagem. O termo das funções psíquicas superiores foi eliminado. Nessa tentativa localizamos 11 artigos, mas, devido ao pequeno número, não utilizamos o critério de exclusão pelo quadriênio, considerando, portanto, todos eles. Embora tenhamos encontrado 11 artigos, consideramos somente 10 deles, dado que um se repetiu. Assim, selecionamos 5 dos que apresentavam relação com o tema de nossa pesquisa.

Devido à pequena amostra encontrada e à seleção de trabalhos não contemplarem o quadriênio, optamos por uma nova busca, apropriando-se de duas palavras-chave como descritores: educação e música. Nessa ação, a amostra inicial foi de 49 artigos. Utilizando-se o idioma como item de exclusão, o inglês e o espanhol, optamos somente pelos textos em português, o que resultou em 30 artigos. Entre eles, novamente um se repetiu, portanto foram 29 artigos, dos quais 9 artigos foram selecionados para a leitura na íntegra e 20 foram excluídos.

Primeiramente, apresentamos os textos que não contemplam o quadriênio, mas, por apresentar relações com a nossa temática, optamos pela sua inserção, considerando a relevância dos trabalhos e as suas contribuições para o tema proposto da nossa pesquisa.

Ao abordarmos o que é a música, percebemos que ela não se limita somente ao campo estético ou a contemplação do belo. Antes, entendemos que ela é também uma linguagem e que está envolta por seus discursos. A educação musical pode ser realizada em um movimento dialético, em que razão e emoção e objetividade e subjetividade são em essência constituintes de uma totalidade. É nessa compreensão que afirmamos que a música possibilita a sensibilização do sujeito social e ao mesmo tempo contribui para o seu desenvolvimento em outras

áreas do conhecimento. Isso se reflete no campo educacional, visto que a música é uma produção humana e se constitui como elemento da cultura.

Os estudos de Correia (2010) têm como ideia central que a música é necessária para a educação do ser humano, pois a sua presença no espaço educacional enriquece o processo de ensino e aprendizagem. O autor afirma que vários estudos comprovam os seus efeitos na linguagem matemática, na sensibilização do homem, na interação social e no desenvolvimento de atividades coletivas, como a musicalização e o canto, pois segundo o autor a música trabalha com o aspecto artístico, estético, cognitivo e emocional.

Para Correia (2010), a inserção da música na escola não tem como objetivo a formação profissional e técnica, mas dar possibilidades para que os alunos tenham contato com essa área do conhecimento humano, pois ela também possibilita o desenvolvimento da criatividade. O autor apresenta as contradições existentes na realidade educacional, pois mesmo que os documentos oficiais apresentem a música considerada como componente para os currículos, isso não se tem efetivado de forma prática. O autor destaca que a música é presente na vida humana desde a sociedade grega, demonstrando o valor que era atribuído a ela na formação do homem.

Em nossa sociedade, a formação cultural do homem é realizada por meio da escola e das relações entre professor e aluno. Neitzel e Carvalho (2011) trazem reflexões sobre a relevância do papel do professor na formação do homem e discutem sobre sua formação cultural, fazendo referência ao campo estético e destacando a música, a literatura, as artes cênicas e as artes visuais como componentes dessa formação.

O artigo é a sistematização de uma pesquisa, desenvolvida em curso de especialização para a formação de professores. O foco estava nas disciplinas ofertadas e nas atividades extraclasse em que os professores foram expostos a diferentes manifestações artísticas. Os dados apresentados demonstram que os professores são sujeitos leitores, possuem o hábito da escuta de música e não são frequentadores de cinema. Nesse ponto, Neitzel e Carvalho (2011) destacam que o professor precisa de uma formação que permita não somente a formação conceitual do papel da arte, mas que ao mesmo tempo o professor a vivencie. As autoras evidenciam as contradições existentes entre o discurso e a prática, uma vez que os professores reconhecem o papel da arte na formação dos alunos. Entretanto, isso se

contradiz quando se verifica que a arte é utilizada de forma utilitarista para com os seus alunos.

Considerando a formação humana, a música pode ser vivenciada pela criança desde a sua mais tenra idade, sendo, portanto, um momento oportuno para o desenvolvimento das aulas de musicalização infantil. Entre os teóricos, é consensual que a música tenha um papel relevante no desenvolvimento cognitivo e no processo de alfabetização, pois a criança, ao ter aulas de música, quer seja especificamente de um instrumento ou de forma coletiva, como nas aulas de musicalização, tem sua percepção afetada.

O estudo de Eugenio, Escalda e Lemos (2012) trabalha com a relação entre a fonoaudiologia e a música, destacando o papel da música no desenvolvimento auditivo. O artigo apresenta dados que são de um recorte da produção na literatura nacional e internacional, no período de 2001 a 2011. Os sujeitos participantes em foco nesses estudos foram crianças que estão na fase pré-escolar ou escolar e adolescentes. Por meio da análise dos estudos, os autores afirmam que as crianças que tiveram aula de música nas modalidades de musicoterapia, prática musical de instrumento e estudo formal da música apresentaram um desenvolvimento diferenciado em relação às crianças que não são expostas às aulas de música.

O nosso olhar sobre a música não se pode limitar somente a um único campo de visão, porque é no entrelaçamento dos diferentes sujeitos que ocorre a criação artística, que é construída coletivamente. O estudo de Peric (2013) é um relato de experiência, no qual descreve os diferentes momentos de sua trajetória profissional. Inicialmente ela relata a sua transição de formação enquanto compositora para se tornar uma educadora.

Para a autora, a sua formação acadêmica contribuiu para o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico junto às crianças, como a criação de diferentes jogos para o desenvolvimento de conteúdos musicais, visto que a vivência da criança no jogo se constituiu como uma experiência estética, incorrendo em sua sensibilização. Em outro momento, Peric (2013) demonstra a importância das oficinas desenvolvidas, como a confecção de livros no trabalho do conteúdo e forma, possibilitando a expressão dos alunos por meio de suas criações. E por último, a autora traz a integração entre a linguagem da música, do teatro, das artes visuais e da dança, apresentando uma construção coletiva que permitiu que os alunos

vivenciassem as quatro linguagens apresentadas por meio de jogos, na qual o eixo norteador era a criação.

Os estudos de Amui e Guimarães (2016) são o resultado de uma dissertação de mestrado. O objetivo era, por meio da análise, levantar dados da produção sobre a temática da educação musical na educação básica, entre os anos de 2000 e 2010. Os resultados encontrados apontam que as discussões sobre o tema proposto pelos autores têm, em sua grande maioria, referências aos documentos norteadores que legislam sobre a educação em nosso país. Outro ponto de destaque diz respeito ao referencial teórico que norteia as pesquisas. No caso da discussão da educação musical, o que foi encontrado é a existência de uma polissemia de referenciais teóricos, não se vinculando somente a uma perspectiva. Para a discussão da educação musical, utilizam-se das diferentes áreas do conhecimento.

Nesse momento, passamos a descrever os artigos selecionados que pertencem ao quadriênio de 2017 a 2021. A organização está sistematizada inicialmente pelo ano de 2017, seguindo para 2018, 2019 e por último 2020.

Em relação ao ano de 2017, encontramos 4 artigos, dos quais 2 excluímos por não haver relação direta com a nossa temática. Devido a isso, incluímos 2 artigos.

A música em cada uma das etapas da educação básica é utilizada com diferentes objetivos, mas mantendo a relação no enfoque correspondente ao desenvolvimento da criança e do adolescente e tendo como finalidade promover o desenvolvimento humano de forma integral.

O estudo de Medina (2017) tem como eixo central a discussão da relação entre a música e a expressão que a criança realiza por meio do seu corpo. O autor evidencia o papel da música e as suas contribuições para as crianças desde o seu nascimento. O estudo apresenta os dados de uma pesquisa realizada com crianças na Educação Infantil por meio da observação de suas expressões a partir do contato musical com a música instrumental na modalidade de caixinhas de música. A representação de cada criança foi singular e única, pois elas se constituem em sujeitos históricos com vivências diferenciadas.

Segundo a autora, isso vem contrapor a realidade de alguns estabelecimentos de ensino, em que a música é utilizada com coreografias prontas para a satisfação de datas comemorativas do calendário escolar. O referido estudo

contribui para a compreensão do papel potencializador que a música possui, desde que haja uma intencionalidade coerente para o seu uso.

Outro estudo que nos amparou para a reflexão da música em espaço escolar foi o de Wolffenbüttel (2017). O texto versa inicialmente sobre a constituição da educação musical em nosso país, espaço este que teve várias nomenclaturas, como canto orfeônico e educação artística, por exemplo. Apesar da existência de uma legislação orientadora sobre a obrigatoriedade do ensino de música, ela não se efetiva de fato por conta de inúmeras razões, dentre as quais destacamos a falta de professores para atender a demanda das aulas.

Para o ano de 2018, encontramos 8 artigos, sendo que 7 deles não apresentavam relação com o tema da pesquisa. Assim, incluímos somente 1 artigo.

Assim como qualquer área do conhecimento tem as suas especificidades, no que se refere à Arte se procede de maneira similar. O ensino de arte na educação básica tem inúmeras barreiras a serem vencidas, mas existem dois obstáculos que detêm um caráter de urgência. O primeiro possui relação com o ensino de arte em nossas escolas que nunca foi uma necessidade básica na formação dos nossos estudantes. O segundo é a formação do professor de arte que atenda às especificidades das diferentes linguagens que compõem esse campo do conhecimento. A formação de professores para o ensino de arte no Brasil é um problema que continua sendo discutido.

Os estudos Alvarenga e Silva (2018) realizam um resgate histórico de como se iniciou o ensino de arte nas escolas a partir de 1970, o que foi denominado naquele momento de Educação Artística, englobando a música, a dança, o teatro e as artes visuais. Para atender à demanda da formação de professores para essa disciplina, as universidades criaram as licenciaturas com uma formação polivalente e de curta duração.

As autoras, em um segundo momento, apresentam dados que nos permitiram visualizar qual é o atual panorama da oferta das licenciaturas em Arte no nosso país. Esta é ofertada em modalidade presencial e à distância, e o número de evasão dos alunos é menor do que das licenciaturas específicas de outras áreas. Houve um decréscimo na procura das licenciaturas em Educação Artística e um aumento nas licenciaturas em Artes Visuais, Música, Teatro e Dança.

Para o ano de 2019, a nossa pesquisa se resultou em 14 artigos, em que, na realidade, foram considerados 13 deles, pois houve uma duplicidade. Portanto,

excluímos 8 e selecionamos 5 por sua afinidade com o nosso objeto de estudo. No primeiro artigo refletimos sobre como as nossas concepções de educação interferem direta e indiretamente sobre a nossa prática pedagógica. A nossa compreensão das relações entre o professor, os alunos com seu meio e as suas interações são provenientes de uma perspectiva teórica. Os estudos de Teixeira e Barca (2019) têm como referencial teórico os estudos de Vygotsky¹ e o conceito de meio social educativo elaborado por ele.

Em primeiro lugar, as autoras apresentam as transformações da concepção de educação musical, mudando o foco das atividades mecânicas para as atividades em que a criança é um sujeito criador na interação. Teixeira e Barca (2019) destacam o papel que o professor tem na organização do meio com intencionalidade, o que permita à criança uma riqueza de experiências para a sua atividade criadora. Ressaltam que o olhar do professor não é a formação do músico, e sim permitir por meio da brincadeira que a criança utilize a sua imaginação para o processo de criação.

O segundo artigo tem como referencial teórico os estudos de Vygotsky. Schlindwein, Martins e Oliveira (2019), a partir do conceito de vivência, apresentam o relato de um projeto desenvolvido com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A ação docente foi desenvolvida contemplando as linguagens da música, do teatro de sombras e da literatura. A integração entre as três linguagens foi realizada por meio de quatro momentos distintos, em que as crianças partiram de um momento de exploração, de conhecimento e de reconhecimento para um momento de criação.

O terceiro artigo é o relato de uma experiência didática com crianças de 7 a 12 anos que estão em contexto de vulnerabilidade social. Soares, Cerveira e Mello (2019) afirmam que o conceito de educação musical se transformou durante o século XX. Inicialmente o termo se referia ao canto orfeônico, em que o principal objetivo era o ensino de técnicas. Em momento posterior, a educação musical se tornou sinônimo de Educação Artística. Atualmente, o termo tem o cunho de desenvolvimento de projetos no espaço escolar, abrangendo as diferentes linguagens.

¹ Para o nosso discurso textual, utilizamos a grafia de Vygotsky. Nas citações e traduções, optamo-la conforme é apresentada em seus respectivos textos.

O enfoque do texto é a educação musical. Segundo os autores, a música é utilizada pelos atores sociais do espaço escolar para diferentes objetivos, ora como atividade lúdica, ora para exemplificar conteúdos, ora para animação de atividades, e não em sua especificidade no papel da humanização do homem. Soares, Cerveira e Mello (2019) partem da perspectiva humanizadora de educação, em que a escola tem o papel de proporcionar ao aluno acesso aos objetos da cultura que não estão em sua vida cotidiana, permitindo que ele conheça outros universos além do familiar.

O quarto artigo é de Barbosa (2019), que tem como eixo norteador o conceito de catarse e a concepção estética de arte desenvolvida por Vygotsky. Com base nesse referencial, a autora destaca o papel da música na formação do homem. A partir do entendimento de que a música é um dos elementos da arte, a sua inserção no currículo escolar, segundo a autora, é de fundamental importância, mas ressalta que é preciso romper com a negligência do papel secundarizado da formação musical em nossas escolas.

Barbosa (2019) aponta a importância da seleção dos conteúdos para o ensino da música, destacando que o objetivo não é aula de teoria musical, mas promover situações de aprendizagem em que os alunos, em contato com a obra musical, possam construir os conhecimentos sobre a música.

O quinto artigo é uma síntese de uma tese de doutorado. Gonçalves e Pederiva (2019), ao discorrerem sobre as suas proposições, têm como objetivo pensar a educação musical pautada na unidade dialética educação-música, de acordo com a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Isso representa um contraponto à visão idealista de música que permeia as nossas escolas. Os autores apontam que elementos como as emoções, a criação, entre outros, devem estar presentes no ensino de música, que não deve ser construído somente sobre o primado da razão.

Em relação ao ano de 2020, a nossa busca resultou em 4 artigos, dos quais excluímos 3 pela não similaridade com a pesquisa e incluímos 1.

O binômio educação e música tem sido tema frequente na literatura, dado que é de comum acordo que a música não tem somente função social, mas que também contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes nas diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, a língua portuguesa e a matemática.

Os estudos de Said e Abramides (2020) corroboram com o pensamento da relevância do papel da música no desempenho escolar dos alunos. Os autores trabalham com as áreas da Fonoaudiologia, da Psicologia e da Música. Esses três campos do conhecimento estão interligados com suas especificidades. No texto, são apresentados os resultados de uma pesquisa desenvolvida em um projeto social que atende crianças na faixa etária de 8 a 12 anos. A amostra foi de 80 crianças divididas em dois grupos, sendo o experimental e o de controle, contendo 40 crianças cada.

Nesse caso, a música foi utilizada como ferramenta. A única diferença entre o grupo experimental e o de controle era que o primeiro não teve aula de educação musical enquanto o segundo foi exposto a duas aulas semanais de música. Como resultado, o grupo que desenvolveu atividades musicais teve uma melhora no desenvolvimento da linguagem.

3.3 O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT) e as suas produções de dissertações e teses do conhecimento musical

Nesse momento, o enfoque está centrado nas dissertações e teses desenvolvidas sobre a temática da música e as suas especificidades nas relações com a educação. Em nossa pesquisa na base de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), procedemos da maneira como expomos em seguida. Em primeiro lugar delimitamos o nosso recorte temporal, correspondendo a produções acadêmicas do ano de 2017 a 2020. Na primeira ação desenvolvida, utilizamos as cinco palavras-chave do nosso projeto de pesquisa como descritores, que se constituem pelos termos educação, música, linguagem, funções psíquicas superiores e atividade de estudo. Na primeira pesquisa, não encontramos nenhum registro de trabalhos.

Para a nossa segunda pesquisa, excluimos o termo atividade de estudo, restando as outras quatro palavras-chave: educação, música, linguagem e funções psíquicas superiores, gerando assim uma nova constituição dos descritores. Em nossa segunda ação, não localizamos nenhuma tese ou dissertação.

Para a nossa terceira ação, delimitamos os nossos descritores em três palavras-chave, retirando o termo funções psíquicas superiores. A partir dos termos educação, música e linguagem, realizamos a terceira pesquisa resultando em 67

trabalhos. Eles não estavam organizados, portanto colocamos os trabalhos em ordem cronológica do antigo para o recente, tendo como critério seu ano de publicação. Assim, o material foi organizado a partir do ano de 2017, seguindo para o ano de 2018, depois para o de 2019 e por último o de 2020. Em seguida separamos as dissertações das teses. No quadro a seguir, é possível a visualização da sistematização da nossa primeira amostra.

Quadro 1: Constituição da primeira amostra das Dissertações e Teses

Ano	Quantidades de Trabalhos	Dissertações	Teses
2017	23	13	10
2018	21	18	03
2019	19	17	02
2020	04	01	03

Fonte: O autor (2021)

Para a inclusão ou a exclusão das dissertações e teses selecionadas, o critério inicial utilizado foi se o título apresentava relação direta ou indireta com a pesquisa. Em nossa primeira leitura, a partir do título realizamos um delineamento mais preciso da amostra.

Para o ano de 2017, 5 dissertações e 4 teses foram excluídas. Os títulos das dissertações se referiam a história de coral, roda de conversa, danças circulares, climatologia e poética. Os títulos das teses especificavam temas como cinema, exercício físico, produção simbólica de torcedor de jogo e cunho religioso.

Para o ano de 2018, 6 dissertações e uma tese foram excluídas, pois na leitura do título percebemos que elas não apresentavam relação com o nosso objeto de pesquisa. As dissertações, em seus títulos, apresentavam temas como alfabetização, ensino de língua inglesa, leitura, discussão de gênero e letramento literário e visual. A tese excluída se referia à área de saúde.

Para o ano de 2019, 9 dissertações foram retiradas e não houve a eliminação de nenhuma tese. Por meio dos títulos, definimos os temas abordados que discutiam análise de clipe, área da saúde, poesia, o significado do ser torcedor, cunho religioso, área da Educação Física, discussão de gênero, interdisciplinaridade e prosódia.

Para o ano de 2020, excluimos uma tese, pois o título se referia à produção de vídeos para o ensino de matemática.

A partir da leitura dos títulos, definimos a nossa amostra da seguinte maneira, conforme representada no quadro abaixo.

Quadro 2: Constituição da segunda amostra das Dissertações e Teses

Ano	Quantidades de Trabalhos	Dissertações	Teses
2017	14	08	06
2018	14	12	02
2019	10	08	02
2020	03	01	02

Fonte: O autor (2021)

Dos 67 trabalhos encontrados, excluímos 26 textos, e na segunda ação de leitura a nossa amostra teve 41 trabalhos, 29 dissertações e 12 teses. Nesse momento, na leitura dos resumos buscamos identificar a temática, o problema proposto, o objetivo geral, os objetivos específicos, o referencial teórico, a metodologia e os sujeitos participantes da pesquisa. Optamos em apresentar cada trabalho com o título, a autoria, o tipo e a justificativa de sua exclusão ou inclusão por meio do quadro a seguir. Inicialmente, apresentamos o ano de 2017.

Quadro 3: Dissertações e teses do ano de 2017

Título	Autoria	Tipo	Critério de inclusão ou exclusão
1) As práticas pedagógicas musicais dos professores na educação infantil	Cristiani Maria Faccio	Dissertação	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico
2) Educação musical técnica de nível médio no Rio Grande do Norte: um estudo sobre ações de interiorização da EMUFRN em Florânia-RN	Franciso Canindé de Medeiros Sena	Dissertação	Incluída pelo tema pertinente à pesquisa
3) Educadores musicais, oficinas de música e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: experiência pedagógico -musical na Fundação Casa (SP)	Caio Abreu Chiarini	Dissertação	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico
4) A musicalização na educação básica: da ação técnica ao	Rosimeire Bragança Cerveira	Dissertação	Incluída pelo tema pertinente à pesquisa e pelo referencial

desenvolvimento humano.			teórico da Teoria Histórico-Cultural
5) Índícios do desenvolvimento profissional de uma professora de música iniciante: um estudo sobre os gestos profissionais	Regina Blank Wille	Dissertação	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico
6) O Ensino coletivo de contrabaixo acústico: a vivência dos processos criativos com alunos do Projeto Guri/Ribeirão Preto e a ideia de experiência de Jorge Larrosa	Danilo Ribeiro Paziani	Dissertação	Excluída pela incompatibilidade do tema e do referencial teórico
7) Os processos perceptivos do aluno surdo: o universo da arte	Caroline Zimmermann Belaunde	Dissertação	Excluída pela especificidade do tema
8) Diversas lentes de leitura do Método Suzuki: diálogos e outras experiências literárias	Samuel Campos de Pontes	Dissertação	Excluída pela especificidade do tema
9) Músicas que ultrapassam as estruturas regidas por números: uma análise de práticas matemáticas em construções de instrumentos musicais	Chrisley Bruno Ribeiro Camargo	Tese	Excluída pela incompatibilidade do tema e do referencial teórico
10) Os cursos de licenciatura em música: sentido, intencionalidade e funcionalidade na educação brasileira	Flavia Albano de Lima	Tese	Excluída pela não localização no endereço disponibilizado
11) Ensino de música na escola: contribuições para o desenvolvimento integral do ser humano	Queila Garcia Moreno Sanches Figueredo	Tese	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico
12) Música e jogos sonoros: a experiência lúdica no ambiente hospitalar infantil humanizador	Paulo César Cardozo de Miranda	Tese	Incluída pela utilização da música em seu papel humanizador
13) Informação musical: análise semiótica da experiência de não especialistas em música e as implicações teórica na organização do conhecimento	Camila Monteiro de Barros	Tese	Excluída pelo referencial teórico - Semiótica de Peirce

14) Hip-hop – Sujeito e(m) movimento: análise discursiva da imbricação entre a materialidade linguística, imagética e musical em um vídeo publicado no Youtube.com	Raphael de Moraes Trajano	Tese	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico
--	---------------------------	------	--

Fonte: O autor (2021)

Para o ano de 2017, incluímos as dissertações de Sena (2017), Cerveira (2017) e a tese de Miranda (2017).

A música é ofertada em diferentes espaços, sejam públicos ou privados. Em nosso país, existem as escolas de formação técnica, e a música também está inserida nesse contexto. A dissertação de Sena (2017) versa sobre a educação musical desenvolvida em um curso técnico musical, que tem como objetivo a formação instrumental. O enfoque do autor é sobre a contribuição da disciplina Linguagem e Estrutura Musical na formação dos alunos. O ingresso dos alunos no curso é obtido por meio de submissão a prova, que se divide em duas etapas: uma prática e outra teórica. A intervenção pedagógica ocorreu por meio de 18 encontros.

Os dados apresentados por Sena (2017) demonstram que a evasão também ocorre nas escolas de música. Dos alunos ingressantes, 50% evadiram do curso e somente uma pequena parcela o finalizou. Outro dado relevante tem relação com o gênero, cuja predominância é a do sexo masculino tanto no ingresso como na conclusão do curso. Por ser um curso técnico, Sena (2017) destaca as perspectivas que os alunos possuem relação à atuação profissional, na qual percorrem diferentes possibilidades de inserção no mercado profissional, como tocar em casamentos, lecionar, fazer parte de uma orquestra, entre outros.

Em relação às contribuições da disciplina, Sena (2017) relata que o centro das dificuldades de aprendizagem era a questão rítmica. Segundo o autor, isso é percebido no momento da leitura das partituras, dado que os alunos não tivessem clareza dos padrões repetitivos e das figuras musicais menores que um tempo, como também da quebra de padrões rítmicos e de sua constituição, havendo síncopes e tercinas. Na visão dos alunos a contribuição da disciplina foi o seu protagonismo na participação das atividades.

Pensando sobre o significado da música em nossa sociedade capitalista, o seu papel tem sido relegado ao entretenimento e não ocorre diferentemente nos

espaços escolares. A música tem sido desprestigiada, visto que não pertence ao currículo enquanto disciplina componente da formação humana. Ao considerarmos a música, o nosso olhar está na relação imbricada com a educação e na sua contribuição para o desenvolvimento humano.

Nesse sentido, a dissertação de Cerveira (2017) examina a educação musical sob a ótica da musicalização na educação básica, destacando a relevância do papel da arte na formação humana. A autora afirma que no ensino de música existe uma atenção demasiada para o aspecto técnico, e quando se aborda o ensino de música seu sentido está vinculado à aprendizagem de um instrumento musical.

Em relação à especificidade da educação musical, Cerveira (2017) afirma que ela possui um arcabouço de conhecimentos construídos. Sua principal referência é o movimento da “Música Nova”, que foi importante pelas suas inovações no momento histórico, rompendo com a concepção tradicional e propondo uma nova concepção de música. Nesse sentido, a autora realizou um contraponto entre o referencial teórico cognitivista e a Teoria Histórico-Cultural, demonstrando suas diferenças sobre o significado de aprendizagem, o papel do professor, entre outros conceitos. Segundo Cerveira (2017), existe entre os professores de música o predomínio da perspectiva cognitivista no ensino de música.

Esse trabalho trouxe inúmeras inquietações e reflexões, das quais destacamos a concepção arraigada em nossa sociedade do dom enquanto único meio para o domínio de qualquer linguagem da Arte. Cerveira (2017) desvela a existência da internalização da ideia do dom musical, ou seja, das aptidões que alguns seres humanos possuem, como uma pré-disposição herdada para o desenvolvimento musical, em que se desconsidera o aspecto da constituição social do ser humano. E refletindo sobre a construção social e suas relações, a música é cultura e ao mesmo tempo Arte, não se restringindo somente ao espaço formativo. Seu alcance percorre caminhos além dos espaços formais e informais da formação musical.

A música possui diferentes aspectos, entre os quais consta a sua utilização em diferentes espaços e com diferentes funções. A tese de Miranda (2017) tem um objeto de estudo atípico, visto que o seu olhar é voltado para as contribuições da música e da educação musical enquanto papel humanizador no ambiente hospitalar.

Miranda (2017) desenvolve as intervenções na perspectiva de três sujeitos: a criança, que está na situação de internamento, o acompanhante da criança e os profissionais atuantes na área da saúde. A afinidade das crianças para com a música era reconhecida por gosto pessoal ou por tocar algum instrumento musical. Depois das intervenções com a música, o autor afirma que houve mudança significativa não somente nos sujeitos participantes como também no próprio ambiente, demonstrando que o fazer musical em uma perspectiva humanizadora permite vivências do ser humano que o ajudam na construção de sua realidade.

Para o ano de 2018, os resultados encontrados foram:

Quadro 4: Dissertações e Teses do ano de 2018

Título	Autoria	Tipo	Critério de Inclusão ou exclusão
1) A música, linguagem tradutora: a Nota Azul e outros matizes	Fernanda Keli Pereira	Dissertação	Excluída pela incompatibilidade do referencial teórico – Teoria Lacaniana e Psicanálise
2) Linguagem escrita e música: possibilidade para o processo de alfabetização	Vivian Annicchini Forner	Dissertação	Incluída pelo referencial teórico – Teoria Histórico-Cultural
3) A música corporal na educação musical brasileira: contribuições e facilidades na visão de educadores musicais contemporâneos	Roberta do Amaral Forte	Dissertação	Excluída pela temática e polissemia de referencial teórico
4) Da educação musical escolar: um estudo da seleção curricular a partir da análise de livros didáticos brasileiros aprovados no PNLD 2017	Elisângela Cordeiro Ferreira	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico – Teoria Fundamentada nos dados
5) O passado presente na educação musical brasileira: uma análise do golpe	Francisco Guedes Paes	Dissertação	Incluída pela temática
6) A geograficidade dos alunos da EJA percebida na música como representação do lugar	Eluana Carvalho da Silva	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico – Fenomenologia
7) Educação musical e ação cultural na escola	Caio Higor Morais Araújo	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico

8) A Contribuição das atividades musicais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos alunos atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais	Elizete Ribeiro Gonçalves	Dissertação	Incluída pelo referencial teórico
9) Vozes no CCA: um estudo de caso da presença das práticas musicais com adolescentes no contexto de política de assistência social na cidade de São Paulo	Denise Maria de Carvalho Yamaoka	Dissertação	Excluída pela temática
10) Autismo e educação musical: uma proposta de formação de professores	Daniele Pincolini Pendeza	Dissertação	Excluída pela temática
11) Educação artística como disciplina escolar em Mato Grosso (do Sul): 1971 a 1982 –	Nyanne do Nascimento Silva	Dissertação	Incluída pela temática
12) Batucan(do) na escola Filomena Martins dos Santos em Cruz/CE: processo de musicalização (étnico-racial e educação ambiental) através das práticas percussivas	Lidonildo Costa Pereira	Dissertação	Excluído pela temática
13) Socializações de jovens professores nas licenciaturas em música do Paraná	Paula Alexandra Reis Bueno	Tese	Excluída pelo referencial teórico
14) Educação musical e letramento emergente: possibilidades para crianças do primeiro ano da educação básica	Renata Franco Severo Fantini	Tese	Excluída pela temática e referencial teórico

Fonte: O autor (2021)

Das 12 dissertações selecionadas, incluímos os estudos de Forner (2018), Paes (2018), Ribeiro (2018) e Silva (2018) e nenhuma tese foi incluída.

No meio educacional, existe o discurso de que a música contribui para o desenvolvimento das áreas do campo do conhecimento como a Matemática e a Língua Portuguesa. A dissertação de Forner (2018) traz apontamentos sobre a contribuição da música para a linguagem escrita. Em suas intervenções, a autora

utilizou a música com dois enfoques: em primeiro momento como recurso pedagógico e posteriormente como linguagem.

O movimento realizado por Forner (2018) se constitui inicialmente na seleção de canções, com o foco na letra e nos seus aspectos linguísticos, no sentido de quais conteúdos poderiam ser desenvolvidos da língua portuguesa. Em seguida as crianças também participaram das seleções das músicas a partir de suas vivências. No último momento, houve um envolvimento em um canto coletivo de uma música.

Por meio das intervenções é possível perceber a ação do professor em três momentos distintos: em primeiro, no planejamento inicial, permitindo ao aluno o acesso a elementos da cultura; em segundo, na valoração da bagagem cultural do aluno; em terceiro, na construção coletiva de uma composição, que representa o momento da vivência da atividade criadora.

A dissertação de Paes (2018) é um estudo de análise histórica, visando entender como a área da Educação Musical foi negligenciada a partir do Golpe Militar de 1964. O autor tem o olhar voltado para a figura do educador brasileiro, apontando a construção de uma imagem deturpada da música naquele momento histórico. Para o entendimento do momento atual que vivemos e as suas implicações ideológicas em nossa sociedade, é preciso compreender a história, pois ela permite percebermos as construções ideológicas tecidas no Período Militar.

Paes (2018) analisa o documento Os Sumários do Comunismo Internacional, redigido como forma de combate àqueles que eram contrários ao governo daquele período. O autor traz elementos do documento, a exemplo da influência da música de forma negativa sobre o cidadão, dado que ela poderia conter mensagens que promoveriam a subversão. Outro apontamento é a herança negativa que o rock tem até os dias atuais, uma vez que se criou a ideia de ser algo maléfico e estar atrelado ao consumo de drogas. Além disso, nem mesmo as orquestras e óperas, gêneros de grande prestígio social, escaparam dos ataques pejorativos. O autor enfatiza a influência do papel político no direcionamento da educação musical em nosso país e aponta em sua discussão como era temido o papel da arte na produção da consciência humana.

No contexto do regime militar, a dissertação de Silva (2018) discute a reforma educacional realizada no ano de 1971 e as suas implicações para os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º grau. É a partir das mudanças provenientes

da Lei que as diferentes linguagens como a música, o teatro, as artes plásticas e a dança são configuradas na disciplina de Educação Artística, que tinha como característica ser obrigatória nas escolas. A autora discorre sobre a Lei nº 5.692/71, apresentado minuciosamente os seus desdobramentos e as suas consequências para a formação de professores, o que tinha como característica a polivalência, os conteúdos atribuídos à disciplina, os livros didáticos produzidos para o uso nas salas de aula.

Em outro enfoque, a dissertação de Ribeiro (2018) é uma pesquisa que, segundo a autora, nasceu da necessidade de preencher as lacunas de sua prática pedagógica e, ao mesmo tempo, de seu papel como formadora de professores que utilizam a música na sala de aula. Com isso, percebemos em nossa realidade que o profissional atuante com aulas de música nem sempre tem a formação específica para a ação docente. Isso demonstra a precarização na formação que se materializa na prática pedagógica.

Ribeiro (2018) desenvolveu a sua pesquisa com o aporte da Teoria Histórico-Cultural e com o método do Materialismo Histórico e Dialético, a qual é delineada na sua apresentação sobre o desenvolvimento psíquico do homem, salientando que ele ocorre em duas instancias, uma histórica e outra social. Além disso, ressalta o papel do trabalho na formação e no desenvolvimento da consciência humana. Nessas premissas, Ribeiro (2018) discorre sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores se amparando nos estudos de Vygotsky, Leontiev, Martins e outros. Isso vem ao encontro da perspectiva teórica que orienta a nossa pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa consistiram em alunos com deficiências atendidos em Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I em um período de contraturno. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada com duas coordenadoras e vinte e cinco professores, contemplando as seguintes áreas: a profissão, a formação acadêmica, o conceito de funções psíquicas superiores e suas relações com as atividades musicais. Os resultados demonstram que as coordenadoras possuem uma carga de 40 horas semanais, não havendo tempo hábil para formações em grupo de estudos. Em relação ao conceito de funções psíquicas superiores, esse conceito não é tão claro e objetivo para elas.

Em relação aos professores, eles são formados exclusivamente por um público feminino. As questões direcionadas a ele foram objetivas, como o tempo de

serviço na escola, o local de trabalho na Sala de Recursos Multifuncional, a jornada de trabalho e a hora atividade. A formação acadêmica é predominante em Pedagogia.

As contribuições de Ribeiro (2018) para a nossa pesquisa são os dados apresentados por ela, demonstrando que as professoras utilizam a música em suas aulas com os alunos com deficiência de diferentes maneiras. A autora aponta que no discurso das professoras é perceptível que a música não seja usada nos seus conteúdos musicais, sendo apenas um recurso auxiliar na aprendizagem da matemática e da Língua portuguesa. Quando as professoras realizam a mediação com o canto, é pelo reforço dos conteúdos das respectivas áreas. Com essa prática, a música é negligenciada em sua especificidade, uma vez que é concebida no atendimento das necessidades específicas dos conteúdos escolares, perdendo assim a sua essência.

Para o ano de 2019, a nossa amostra é apresentada no quadro a seguir:

Quadro 5: Dissertações e Teses do ano de 2019

Título	Autor(a)	Tipo	Critério de inclusão ou exclusão
1) O discurso do corpo docente do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco	Marcus Vinícius Pinto Nunes	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico
2) A música na Educação Infantil no DF: estabelecendo relações entre o currículo em movimento e o currículo de Pedagogia da UnB	Sara Paraguassú Santos do Vale	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico
3) Willy Corrêa de Oliveira como professor: estudo sobre seu projeto pedagógico de ensino da composição musical – da virada do século XXI até os dias atuais	Raphael de Lima Puccini	Dissertação	Excluída pela temática
4) Donde música hubiere, cosa mala no existiere: uma collage do Concerto Vox Chorum do Coral UFPel	Carlos Alberto Oliveira da Silva	Dissertação	Excluída pela especificidade da temática

5) Processos criativos: uma experiência com a Orquestra Infanto-juvenil da EMIA	Pedro Azevedo Sollero	Dissertação	Excluída pela temática e pelo referencial teórico
6) O processo de ensino-aprendizagem musical: um fator de desenvolvimento integral humano no Colégio Marupiara	Luciane Pereira de Moraes	Dissertação	Excluída pelo referencial teórico -
7) Análise dos discursos acadêmicos da/sobre a voz cantada no processo de ensino-aprendizagem	José Reginaldo Gomes de Santana	Dissertação	Excluída pela temática e pelo referencial teórico
8) Formação, ensino e arte: implicações sócio históricas da presença e ausência na atividade do professor da primeira infância	Taira Sanches Rabal	Dissertação	Incluída pelo referencial teórico
9) Racionalidades pedagógicas na música em cursos de pedagogia: um estudo no Rio Grande do Sul	Iara Cadore Dallabrida	Tese	Excluída pelo referencial teórico
10) Os professores universitários dos cursos de Música e o desafio da construção dos saberes docentes: um estudo com bacharéis	Ricardo Abdalla Barros	Tese	Excluída pelo referencial teórico híbrido

Fonte: O autor (2021)

Para o ano de 2019, incluímos somente a dissertação de Rabal (2019) e nenhuma tese foi selecionada. A dissertação de Rabal (2019) discute a formação de professores, enfocando a arte e suas linguagens na ação docente na educação infantil. O caminho percorrido pela autora inicialmente é a conceituação da arte e as suas relações com o mundo humano. Em seguida, apresenta a constituição das Artes em nosso país e o seu papel no processo de humanização. Posteriormente, aponta a importância da arte no desenvolvimento das funções psíquicas superiores das crianças de até três anos.

Rabal (2019) analisou quatro licenciaturas específicas, sendo elas as Artes Cênicas, a Música, as Artes Visuais e a Pedagogia, buscando encontrar o que era ofertado na formação dos professores que contemplasse as especificidades da Educação Infantil. Pelos dados apresentados, refletimos que a formação acadêmica

nas licenciaturas sofre carência na constituição das especificidades do trabalho pedagógico nos espaços escolares.

Em relação ao ano de 2020, encontramos o menor número de trabalhos comparado com os anos anteriores.

Quadro 6: Dissertações e Teses do ano de 2020

Título	Autor(a)	Tipo	Critério de inclusão ou exclusão
1) A linguagem como prática social: conceitos bakhtinianos fomentando a arte lírica de expressar-se	Kátia Aparecida Ferreira Generoso Portella	Dissertação	Excluída pela temática
2) Relações com música em um projeto formativo de crianças: um estudo com profissionais de uma escola municipal de educação infantil em Porto Alegre	Joana Lopes Pereira	Tese	Excluída pelo referencial teórico
3) Memória muscular: um estudo interdisciplinar sobre a performance no violoncelo	Joel Silva de Souza	Tese	Excluída pela temática e pelo referencial teórico

Fonte: O autor (2021)

Não selecionamos nenhum trabalho para o ano de 2020.

Com a realização do estado da arte, isso permitiu a construção de uma visão que abrangesse a totalidade, visto que, por meio da leitura dos textos selecionados, observamos diversos aspectos, como políticos, sociais, econômicos, educacionais, entre outros, que permeiam o nosso objeto de estudo. A nossa intenção foi de promover ao leitor uma visão panorâmica de que a música é discutida sobre a sua abrangência em diferentes espaços, com diferentes sujeitos e diferentes objetivos.

4 AS RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE, TRABALHO E EDUCAÇÃO

A gênese do presente capítulo tem como premissa os fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético. Esse aporte teórico contém elementos na sua constituição que nos embasa para a nossa compreensão da constituição da sociedade, do trabalho, do mundo e das suas relações socioeconômicas. Ele possibilita o conhecimento necessário para entendermos e problematizarmos a realidade existente.

É nas contradições existentes na nossa sociedade que o capítulo tem como objetivo específico compreender a situação social, política, econômica e cultural da Educação brasileira em termos de objetivação do trabalho, a fim de poder perceber o processo de desenvolvimento humano. O presente capítulo teve como ponto de partida a compreensão da nossa sociedade. Em um segundo momento, estabelecemos as relações entre a categoria trabalho e o modelo societal em seu desenvolvimento. Por último, traçamos um panorama histórico da educação com seus impactos para o momento atual.

Existe uma afirmação no senso comum de que política não se discute, mas é necessário problematizar esse tema, uma vez que o homem é um ser animal e político. Tudo aquilo que nos cerca nas diferentes esferas da nossa sociedade, quer no campo político, educacional, econômico, religioso, artístico, midiático ou no mundo do trabalho, está permeado de ideologia, são “arenas” de disputa de poder, visto que são representações da nossa compreensão da realidade e que trazem concepções do que é o homem, a sociedade, o trabalho e o conhecimento. Portanto, não existe um campo de neutralidade.

4.1 As características da sociedade capitalista e a categoria trabalho no seu desenvolvimento

A nossa organização societal é caracterizada por uma composição heterogênea, que para Marx (2010) é denominada de capitalista, porque possui como fundamento a propriedade privada (o capital). Segundo Marx (2008, p. 267), “o capital é a potência da sociedade burguesa, que domina tudo”. Devido a essa especificidade, há duas classes distintas: o capitalista que possui os meios de produção e a classe trabalhadora que vende a sua mão de obra para a sua

sobrevivência. É nesse contexto que as relações sociais são constituídas pelo homem no macro e são representadas no micro, demonstrando uma conexão da totalidade da vida do homem em sociedade.

A forma como a nossa sociedade se encontra no contexto atual é o resultado de um processo histórico, o qual não é natural e espontâneo, mas antes resultado da ação do homem ao produzir e reproduzir a própria vida humana. Segundo Netto (2006), a burguesia surgiu na história como uma classe que se opunha à classe dominante no Feudalismo, mas foi com o advento da Revolução Francesa e sua ascensão como classe dominante que se tornou conservadora, perdendo o seu objetivo de oposição. Essa mudança do pensamento revolucionário da burguesia com as suas ideologias para a sua manutenção como classe dominante acarretou prejuízos para o homem. Corroborando com isso, Netto (2006, p. 20) esclarece que, “convertendo-se em classe conservadora, a burguesia cuida de neutralizar e/ou abandonar os conteúdos mais avançados da cultura ilustrada”. Com isso, justifica-se a negação do acesso da classe trabalhadora.

Para Vásquez (2011, p. 233), “nas condições da sociedade dividida em classes antagônicas, a política compreende a luta de classes pelo poder e a direção e estruturação da sociedade, de acordo com os interesses e fins correspondentes”. Portanto, é uma disputa para o acesso à instrumentalização necessária que possibilite a superação da ingenuidade na compreensão da realidade para uma consciência crítica. E para que isso ocorra, a educação é um caminho possível. Segundo Kosik (1976), o entendimento da realidade somente no fenômeno é uma construção de sua pseudoconcreticidade, que representa o conhecimento somente da aparência e não da essência da realidade.

Para ascender à uma criticidade da realidade, é necessário entender e compreender o desenvolvimento do Capitalismo em nível mundial e perceber as suas refrações a nível nacional, uma vez que esse é o modo de produção de vida pelo qual se tem produzido a riqueza e a pobreza em nosso mundo, que na sua lógica de ser, tem provocado o tensionamento entre as classes de nossa sociedade. Mézáros (2008) afirma que o capital utiliza todas as possibilidades existentes na sociedade para a sua reprodução e perpetuação, em uma forma ideológica de poder para a sua naturalização.

Paniago (2009) afirma que o Capitalismo estruturalmente sofre crises cíclicas e busca diferentes meios para a sua superação. A mais recente forma

utilizada para esse fim é o Neoliberalismo, que tem como máxima a propagação de que o Estado é ineficiente para desempenhar a sua função, apontando que o mercado deveria ser o mediador regulador em nossa sociedade. Com o avanço neoliberal, criou-se o discurso ideológico que o estado em crise precisa ser reformado, mas o intuito não é de transformação da base do modelo econômico, mas simplesmente apaziguar os seus efeitos e continuar promovendo a expansão do capital. Segundo Paniago (2012, p. 5),

As privatizações de empresas estatais, a flexibilização do papel do Estado na implementação de políticas sociais, a transferência de funções públicas para setores públicos não estatais, a reforma da previdência, tributária, administrativa, trabalhista/sindical e universitária, as ações com o intuito de derrubar todas as barreiras legais para a penetração do capital em áreas agora atrativas à busca de lucro constituem o conjunto das medidas, bem como o enfraquecimento da resistência dos trabalhadores através da perda de direitos, do desemprego, da precarização do trabalho e da redução do valor real dos salários.

Portanto, afirmamos que esse é o cenário que percebemos em nosso país, de forma sorrateira, e a política neoliberal cumpre o seu papel. O acirramento entre as classes sociais tem se intensificado, dado que existe o discurso ideológico de que tudo que é público é ineficiente, não tem qualidade e não atende às necessidades da sociedade, criando-se assim o pano de fundo para a privatização dos serviços essenciais como educação, saúde e segurança, cujo objetivo é a transformação de um direito em um privilégio. O avanço neoliberal e as transformações do capital em nosso país são resultados do processo histórico.

O desenvolvimento da acumulação capitalista em nosso país, segundo Oliveira (2003), não procedeu de forma idêntica ao desenvolvimento em outros países. Segundo Oliveira (2003, p. 35), “a revolução de 1930 marca o fim de um ciclo e o início de outro na economia brasileira: o fim da hegemonia agrário-exportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base urbano-industrial”. No processo de mudanças, a agricultura é destinada a um papel secundário, mas não sem importância no contexto do avanço do capital. Como decorrência do êxodo rural e afluência da população para as cidades, cria-se uma mão de obra disponível, não deixando espaço de trabalho para todos. É nessa transição de agricultura para indústria que ocorre uma transformação da organização da sociedade brasileira.

A sociedade e a categoria trabalho são intrínsecas e nos possibilitam entender o homem na condição de sujeito social e histórico. É por meio do trabalho que o homem produz a realidade. O nosso cotidiano é permeado por expressões muitas vezes antitéticas, como trabalho formal e informal, produtivo e improdutivo, material e imaterial, simples e complexo, divisão social do trabalho, organização social do trabalho, empregado e desempregado. No senso comum, o trabalho é considerado como emprego, que se constitui de uma atividade remunerada em que o empregado, em troca do exercício dessa função, recebe um salário como pagamento do seu tempo expendido.

Para entendermos trabalho na sua essência, recorreremos aos estudos de Netto (2006), que conceituam o trabalho como a mola propulsora que possibilita o desenvolvimento da reprodução da vida em sociedade e a caracterização do homem enquanto sujeito social, diferenciando-o dos animais. O trabalho, portanto, é uma ação do ser humano com intencionalidade na transformação da natureza e não é realizado espontaneamente, além de ter como objetivo a satisfação das necessidades humanas. Essa atividade apresenta características, como ser mediada pelo uso de instrumentos e ser uma ação que é produzida no coletivo.

É no amago da sociedade capitalista que o homem desenvolve o trabalho, que é a atividade fundante da constituição do ser social, trabalho esse que, segundo Netto (2006, p. 35), “não é apenas uma atividade específica de homens em sociedade, mas é, também e ainda, o processo histórico pelo qual surgiu o ser desses homens, o ser social”. Portanto, é no trabalho que o homem desenvolve o seu processo de humanização de forma ontológica e histórica.

Para a definição da ontologia do ser social, Lukács (2004) afirma a existência dos seres inorgânico, orgânico e social. A constituição do nosso mundo material inicialmente é formada pelos seres inorgânicos, que são representados pelas rochas, minerais etc., ou seja, tudo aquilo que não tem vida no sentido universal. Em segundo, existe a vida orgânica, em que homens e animais reproduzem a sua vida biológica, constituindo o mundo natural. Para Lukács (2004), é sobre a base inorgânica e orgânica em dependência que pode surgir o ser social, que é especificamente o homem. Para esse salto qualitativo no gênero humano, é necessário o trabalho, que é a reprodução da vida social. O homem realiza esse processo de forma consciente, diferenciando-se dos animais que o fazem somente com o único objetivo de manutenção da vida.

Lukács (2004) afirma que o trabalho é o princípio para o nascimento do ser social, que representa qualitativamente a produção do novo. O ser humano tem a consciência do seu agir no mundo, mesmo não conhecendo a totalidade da realidade. No trabalho, ele se utiliza da teleologia para as suas ações, ou seja, em um movimento dialético ele planeja, executa e enxerga as consequências do trabalho durante o desenvolvimento da sua atividade.

Para Marx (2008), tudo que existe em nosso mundo é resultado da ação do homem sobre a natureza que produz a riqueza material do mundo existente. O ser humano, em uma relação dialética, é um produtor da vida social e ao mesmo tempo é um produto da sociedade. Porém, existe uma contradição marcante na sociedade capitalista, em que a riqueza produzida não é distribuída de forma igualitária. Por isso, o trabalho não pode ser reduzido simplesmente a um emprego no papel de uma atividade remunerada ou somente como forma de atender às demandas do mercado. Antes, o trabalho é essencial para a manutenção da vida. Para Saviani (2019, p. 231),

[...] o ser do homem, a sua existência, não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens. Deixando a si mesmo, submetido ao jugo da natureza, o homem perece ou, se por alguma circunstância fortuita e excepcional vier a sobreviver, não assumira a forma humana. Diferentemente dos outros animais que têm a sua existência garantida pela natureza bastando-lhes adaptar-se a ela para sobreviver, o homem necessita fazer o contrário. Precisa agir sobre a natureza transformando-a e ajustando as suas necessidades. Em lugar de adaptar-se à natureza, tem de adaptar a natureza a si. E esse ato de agir sobre a natureza, transformando-a, é o que se chama trabalho. Portanto, é pelo trabalho que os homens produzem a si mesmo. Logo, o que o homem é, o é pelo trabalho.

É a partir do conceito de trabalho que estabelecemos a diferença entre a atividade humana e atividade animal. Outro fator é a especificidade do trabalho no desenvolvimento humano. Sem essa atividade, não seria possível ao homem a produção das condições necessárias para a vida da sociedade, ou seja, a manutenção da vida. O trabalho realizado pelo homem ocorre no âmbito da sociedade capitalista, que tem como consequência a sua exploração.

Netto (2006) afirma que o modo de produção capitalista tem uma predominância quase universal em nosso mundo, salvo algumas exceções. O capitalismo tem como objetivo primordial a produção de lucro em qualquer relação

desenvolvida em seu entorno. O capitalista, além de deter os meios de produção, também compra a mão de obra do trabalhador, que é realizada por meio da troca e que tem como mediador o dinheiro que resulta no salário para o trabalhador. E como fruto desse acordo, o capital obtém o lucro tão desejado e almejado. Segundo Netto (2006, p. 99-100), “o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir os bens que permitam a sua manutenção (ou reprodução)”. Em nossa sociedade, existe uma contradição, dado que o salário existe somente para atender às necessidades básicas do trabalhador, não permitindo o seu acesso a bens culturais e sociais produzidos pela humanidade, isto é, ao trabalhador é negado acesso ao produto, que é fruto do seu próprio trabalho.

A mão de obra não possui o mesmo valor na nossa sociedade, pois há uma valoração diferenciada de acordo com o trabalho que o ser humano desenvolve no âmbito da sociedade capitalista. Isso se justifica pela diferenciação entre trabalho simples e complexo, os quais estão condicionados ao grau de escolarização que o sujeito adquiriu ao longo da vida. Outro fator de desvalorização do trabalhador está no trabalho formal e informal, pois nem todos os trabalhadores estão inseridos no mercado de trabalho. Existem inúmeras situações promovidas pelo modo de produção capitalista que geram a precarização do trabalho e a reconfiguração do ser trabalhador.

O desenvolvimento do trabalho enquanto atividade vital do homem não ocorre na máxima de possibilidades na sociedade capitalista, antes é produzido no contexto de exploração, de alienação e de contradições. Afirmamos que o problema não é o trabalho em si, mas sim o modo de produção capitalista que, na sua essência, gera a deturpação de como o homem desenvolve a sua ação no mundo, uma vez que o capitalismo utiliza a mão de obra para que objetos sejam produzidos e consumidos. O trabalho, nessa lógica, é contemplado como necessário para a manutenção do capital. Isso ocorre dado que em nossa sociedade há uma crise entre o ser e o ter, e o sistema capitalista com sua ideologia tem apregoado necessidades que não podem ser satisfeitas.

Para Marx (1978), a alienação é o resultado da organização da nossa sociedade, dado que o nosso modelo societal é capitalista e tem como princípio fundante a propriedade privada, que é representada pelo capital e, para a sua manutenção, necessita do trabalho humano. É nesse intercâmbio que o homem é

transformado em produto, visto que as carências humanas que lhe são essenciais para a sua humanização são colocadas em um segundo plano, pois em primeiro lugar o sistema cria a necessidade do ter.

E nessa contradição que o trabalho é convertido na única propriedade que o homem possui, e ele o vende para a sua sobrevivência. Corroborando com isso, Marx (1978, p. 18) diz que “o trabalhador só deve ter o suficiente para querer viver e só deve querer viver para ter”. Podemos afirmar que o sistema cria no homem necessidades que nunca serão satisfeitas por causa das condições que lhe são proporcionadas. Nesse sentido, Marx (1978) aponta que a alienação faz com que o homem não tenha consciência real de suas verdadeiras carências, antes promulga o discurso que o ter é inerente ao homem. É somente quando o ser humano consegue compreender as relações existentes na sociedade capitalista que se passam a existir indícios de uma verdadeira humanização.

Ainda de acordo com Marx (2010), enquanto o homem age por meio de sua atividade fundante ocorre entre o trabalhador e o trabalho uma relação de estranhamento em três momentos específicos. Todo o trabalho humano tem como resultado um produto. A partir do momento que o homem não tem acesso aos objetos produzidos, gera-se o não reconhecimento de si na sua atividade. Como mostra Marx (2010, p. 82), “o estranhamento não se mostra somente no resultado, também, e principalmente, no ato da produção, dentro da própria atividade produtiva”, isto é, em decorrência das relações capitalistas, porque o trabalho como é realizado pelo homem no modelo econômico, tem como foco gerar lucro para o capital. E uma última consequência do estranhamento do trabalhador é para com o próprio homem, separando-o do real significado do que é ser humano, ou seja, da sua verdadeira essência.

4.2 A educação nas Constituições Brasileiras de nosso país e os seus desdobramentos no percurso histórico

A partir da primeira Constituição de 1824 até a Constituição de 1988 são perceptíveis momentos de avanços e retrocessos no que concerne à educação e suas especificidades. Para Cury (2005), a Constituição de 1824 é aprovada no sistema monárquico de governo, fase do Império no Brasil que é marcada pela escravatura. Cury (2005, p. 19) ainda afirma que “o Império não foi um momento

efetivo da educação como um direito universal de cidadania”, o que retrata que somente os homens livres eram cidadãos, enquanto negros e mulheres foram excluídos.

Com a aprovação da nova Constituição em 1891, o Brasil passa a ter como modelo de governo a República. Para Vieira (2007, p. 295), nesse momento “institui-se o voto direto, descoberto e reservado aos homens de 21 anos e a separação entre o Estado e a Igreja”. Novamente, as mulheres são excluídas e ser alfabetizado era condição necessária para o homem ter o seu direito ao voto. Com a abolição da escravatura, a população negra encontrou-se em situação de analfabetismo. Segundo Cury (2005, p. 22), observa-se que,

[...] com a descentralização advinda do Império, o ensino primário tornou-se competência dos Estados e o ensino secundário e superior competências recorrentes entre a União e os Estados. Com isso, manteve-se a tradição maior do ensino superior ficar predominantemente sob a guarda da União. A gratuidade foi retirada da Constituição e deixada a cargo dos Estados bem como o estatuto da obrigatoriedade. Na verdade, o corte liberal da Constituição deixava a demanda por educação escolar ao indivíduo que, atraído pelo exercício do voto, seria motivado a buscar os bancos escolares. A constituição não cogitou de vinculação de verbas, vindas de impostos, para a educação.

Percebemos, portanto, que não há preocupação com a educação na condição de instrumento necessário para a constituição da cidadania humana, e é colocada sobre o sujeito a necessidade da educação por motivos vinculados a interesses políticos. Assim, o investimento para a educação é nulo.

Em 1934, é aprovada a Terceira Constituição em nosso país. Segundo Vieira (2007, p. 296), “a carta magna de 1934 é a primeira a dedicar espaço significativo à educação, com 17 artigos, 11 dos quais em capítulo específico sobre o tema”. Isso representa um avanço em relação às constituições anteriores. Nesse momento, Cury (2005, p. 22) destaca que “a grande inovação comparece no capítulo II do Título V: um capítulo para a educação. Capítulo marcante! A educação torna-se direito de todos e obrigação dos poderes públicos”. É o primeiro momento em que a população brasileira é concebida na sua totalidade, na qual estão inseridos os negros, os analfabetos e as mulheres, além de estar explícito de quem é a responsabilidade de propiciar a educação em nosso país.

Em um curto período, é aprovada uma nova constituição, em 1937. Esse momento representa outra fase do período republicano, denominado de Estado Novo. Ocorreu, portanto, o retrocesso do papel do Estado na manutenção da educação, restringido a suporte, sendo secundário e não o principal. Segundo Cury (2005, p. 23), “retirou a vinculação de impostos para o financiamento da educação, restringiu a liberdade de pensamento, colocou o Estado como subsidiário da família e do segmento privado na oferta da educação escolar”. A ideia de outras instituições sendo responsáveis pela educação não é uma característica do século XXI, o que é percebido claramente nesse período histórico. Segundo Vieira (2007, p. 298),

É clara a concepção da educação pública como aquela destinada aos que não puderam arcar com os custos do ensino privado. O velho preconceito contra o ensino público presente desde as origens de nossa história permanece arraigado no pensamento do legislador estado-novista. Sendo o ensino vocacional e profissional a prioridade, é flagrante a omissão com relação as demais modalidades de ensino. A concepção da política educacional no Estado Novo estará inteiramente para o ensino profissional, para onde serão dirigidas as reformas encaminhadas por Gustavo Capanema.

Percebemos que, de acordo com o público-alvo a ser alcançado, a educação é proposta com diferentes enfoques, resultando na mudança do seu objetivo: em vez de uma formação humana, ela é transformada na primazia do atendimento das necessidades e exigências dos dirigentes do país. Para a formação da elite intelectual, era oferecido o ensino privado, enquanto para a população carente a oferta era a formação profissional que tinha como objetivo formar uma mão de obra para o mercado em expansão. Essa dicotomia é justificada pelo fortalecimento e pelo crescimento da indústria, e a educação é utilizada para atender à demanda da sociedade.

O contexto da Constituição de 1946 tem como característica principal o fim da era Vargas, mas continuou influenciando as decisões políticas. Os avanços em relação à educação, segundo Cury (2005, p. 22-23), são “a vinculação de impostos para o financiamento da educação como direito de todos, a distinção entre rede pública e privada, a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário”. Novamente, volta à cena principal a questão de quais recursos financeiros seriam direcionados para a educação.

Esse período foi marcado pelas Leis Orgânicas do Ensino, que na visão de Vieira (2007, p. 299) “com a reforma Capanema o sistema educacional brasileiro não só mantém como acentua o dualismo que distingue a educação escolar das elites daquela ofertada para as classes populares”. E essa contradição continua a se refratar em nossa sociedade, afinal ainda existe o pensamento dicotômico que separa os sujeitos que formarão a elite intelectual para dirigir o país dos sujeitos que constituirão a força de trabalho para o desenvolvimento do capital.

Não separamos o plano político do plano econômico, visto que existe uma relação de dependência entre ambos. No ano de 1964, em nosso país, com o advento do Regime Militar, ocorreu uma nova mudança do pensamento com o objetivo de atender às demandas dos novos dirigentes. O povo brasileiro enfrentou novamente um governo baseado no autoritarismo. Na análise de Oliveira (2003), nesse período a distribuição de renda na nossa sociedade demonstrou a desigualdade existente no país, e com o passar do tempo em que se pregava a recessão econômica houve o acirramento desta contradição.

Neste contexto, à Constituição de 1946 são adicionadas diversas emendas. Surgiu a necessidade de uma nova constituição, que foi aprovada em 1967, a qual, segundo Cury (2005, p. 24), tinha como objetivo “elaborar uma outra constituição que se adequasse ao modelo político autoritário e ao modelo econômico centralizado e concentrador de renda”. O Brasil vivia uma fase econômica na qual se tinha grande expectativas do crescimento econômico em todos os setores produtivos. Em relação à educação, ocorreram duas reformas, a do Ensino Superior e a da Educação Básica, que de acordo com Vieira (2007):

A reforma universitária tem por objetivo oferecer resposta às demandas crescentes por ensino superior. Busca, ao mesmo tempo, formar quadros deste nível de modo a dar substância ao crescimento econômico, gerado pelo “milagre milagroso”. A reforma do ensino de 1º e 2º graus, por sua vez, pretende atingir um duplo objetivo: de um lado, conter a crescente demanda sobre o ensino superior; de outro, promover a profissionalização de nível médio.

É perceptível que o militarismo objetivou formar uma sociedade conformada com a ordem, que mantivesse o *status quo* da norma vigente. A educação atendia a esses objetivos. Sempre que há mudança no governo de um país, ocorrem também mudanças nas ideologias. O pensamento vigente da época

era de que o Ensino Superior não era destinado a toda população. Sempre que é realizada uma reforma educacional, ela vem com o discurso da melhoria, mas o discurso representa algo totalmente contraditório com a realidade quando as mudanças atingem o seu ápice.

Desde 1964, o país foi governado por uma sucessão de generais. Em 1985, com o fim do regime militar, o país entra em um novo momento histórico, que possibilitou a concretização do avanço nas conquistas dos direitos. Depois de 21 anos, o país novamente elege um presidente, o que foi possível pelo movimento de eleições diretas. É nesse alvorecer de um novo momento que o Brasil mergulha em polvorosa esperança, e a Constituição de 1988 representou para cada cidadão brasileiro a afirmação de serem sujeitos de direitos e terem acesso aos bens culturais produzidos no país.

4.3 A Constituição de 1988 e a sua influência na educação brasileira

Em relação à educação, a Constituição de 1988 representa um marco histórico, pois, segundo Cury (2005, p. 25), “a educação é afirmada como o primeiro dos direitos sociais (art. 6º), como direito civil e político (capítulo da Educação) e ela, como dever do Estado, é afirmada por muitos modos”, ou seja, qualquer cidadão brasileiro tem esse direito e o Estado tem como papel a manutenção desse respectivo direito. Para Vieira (2007, p. 304), “em sintonia com o momento de abertura política, o espírito do texto é o de uma “Constituição Cidadã”, que propõe a incorporação de sujeitos historicamente excluídos do direito à educação”. Os que estavam à margem, como os negros, os índios e outras grupos étnicos, são inseridos na condição de sujeitos de direitos.

A Carta Magna de 1988 é um marco legal, uma vez que a sua promulgação permitiu que o país, imerso no período da ditadura militar, tivesse a possibilidade de avanço da criação de uma nova concepção de sociedade. Isso somente é possível por meio da educação da população brasileira. Por essa razão, o documento na sua essência representa o que é a democracia de uma nação.

De acordo com Cury (2005), os avanços que a Constituição de 1988 possibilitou são: foram a responsabilidade do Estado de oferecer e manter a educação enquanto um serviço público, e gratuito, a começar da Educação Básica ao Ensino Superior. A dicotomia entre setor público e privado sofre alterações, em

que o Estado não é responsável pelo sistema privado de ensino, mas institui-se uma rede privada de ensino no país, assim houve a criação de políticas para a carreira dos professores que se estabeleceu nos princípios da gestão democrática para a administração dos espaços escolares, entre outros. Para Cury (2005, p. 16),

Se considerarmos que a educação é constituinte da dignidade da pessoa humana e elemento fundante da democratização das sociedades, se considerarmos o quanto educadores e educadoras se empenham em prol da educação como direito, se considerarmos a importância da Constituição como pacto fundante da coexistência social, certamente o capítulo da Educação na nossa atual Constituição é avançado e contém bases e horizontes para uma vertente de alargamento da cidadania e dos direitos humanos.

A educação tem papel primordial na formação do homem enquanto ser humano e na construção da criticidade do sujeito social ao possibilitá-lo ferramentas para a percepção das contradições existentes na sociedade brasileira. O homem, na sua ação por meio da educação, possibilita a formação das novas gerações para que a história humana continue se desenvolvendo.

É perceptível, a partir do panorama histórico traçado por meio das constituições que regeram e regem o nosso país, que a educação é um campo de disputas entre os dirigentes da nação. Existem vários setores que lutam entre si para obter a hegemonia do campo educacional e que buscam a qualquer preço esse terreno fértil para que as suas ideologias prosperem. Com a promulgação da Constituição de 1988, o nosso país entra numa fase promissora para a educação. Com o passar do tempo, o que foi proposto pela Constituição de 1988 não ganhou espaço para a sua efetivação, restringindo-se somente ao âmbito do documento, com apenas intenções no papel.

A educação brasileira é realizada por meio das ações governamentais. As decisões tomadas para com a educação ocorrem por meio dos interesses entre os diferentes atores sociais que compõem a estrutura governamental. Cada governo, com sua constituição, tem os seus ideais para o desenvolvimento da nação, princípios norteadores que são desenvolvidos em defesa das suas concepções ideológicas, alinhando-se com o pensamento de direita ou de esquerda.

As medidas tomadas em relação à educação pelos governos a partir da década de 1990 contribuíram para o agravamento das crises educacionais. Esse período é marcado pelas privatizações de empresas estatais, com a justificativa de

um enxugamento de investimentos no setor público. De acordo com Fonseca (2018), em 1995 Fernando Henrique Cardoso assume a presidência do Brasil, iniciando o projeto de reforma para contenção dos gastos do Estado. Para alcançar a meta proposta, um dos seus objetivos era a privatização das universidades. Esse projeto enobrecia o setor privado e empobrecia o setor público. Em síntese, segundo Fonseca (2018, p. 302-303),

[...] a estranha equação brasileira segundo a qual a qualidade do ensino médio se encontra nas caras escolas privadas e a qualidade do ensino público se encontra nas gratuitas universidades públicas fez com que, de modo geral, os ricos continuassem a se concentrar nas melhores universidades e os pobres (ou aqueles que finalmente começavam a acessar o sistema) continuassem a acessar as universidades privadas. Ou seja, o sistema, além de elitizado, aprofundou as injustiças. E por essa razão que, nesse período e de um modo geral, as universidades federais (ao menos nos cursos mais concorridos, como medicina, direito, engenharias) eram o lugar de alunos brancos e filhos da classe média ou da classe alta.

Pensar no significado da educação para a sociedade é entender quais são os verdadeiros objetivos presentes nas reformas educacionais que são propostas pelo governo. Enquanto se conceber a educação como um gasto que deve ser o menor possível para o Estado e não um investimento, sempre haverá divergências entre o setor público e o privado. A educação em nosso país é permeada pela contradição em que se valora o Ensino Superior Público e o Ensino Médio privado, quando este é para a elite, mas quando é para o acesso dos pobres o discurso é redirecionado para a ineficácia da escola pública.

4.4 O século XXI e o cenário educacional brasileiro: implicações do governo atual na concepção de Educação

No início do século XXI, iniciamos em nosso país o governo do Partido dos Trabalhadores (PT). É a primeira vez na história de nossa nação que um candidato com um discurso eleitoral para com os desfavorecidos chega à presidência do país. Nesse governo, em relação à educação, destacamos que há uma expansão do Ensino Superior. Neste sentido, para Fonseca (2018) criaram-se possibilidades do ingresso de alunos nas universidades por meio de programas governamentais, investindo dinheiro público na rede privada por meio do

financiamento estudantil, o Prouni (Programa Universidade para Todos) e o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). Para Mancebo, Júnior e Oliveira (2018), esse período é caracterizado de 'lulismo', movimento iniciado no governo de Lula e finalizado com o impeachment de Dilma. De acordo com Mancebo, Junior e Oliveira (2018, p. 11),

A dinâmica do 'lulismo', em síntese, configurou um período de conciliação de classes, pois jamais rompeu com o modelo econômico de subordinação ao capital financeiro, mas mostrou-se social por meio do uso de políticas fiscais focais, cotas e programas sociais conjunturais, além de haver implantado algumas políticas universais de Estado. Em outro polo, as classes burguesas assumiram, com alto grau de coesão e progressivamente, o seu descontentamento com o programa neoliberal moderado, adotado pelo Partido dos Trabalhadores.

É importante observar que tecer críticas a um governo não tem como objetivo a intenção de ser a favor ou contra, e sim averiguar se avançou ou retrocedeu nos investimentos com a educação, a saúde, a seguridade social e se os direitos básicos da população brasileira foram garantidos. Percebemos que houve uma estratégia política de apaziguamento entre os polos do tecido social, com o avanço do acesso da classe trabalhadora a determinados âmbitos da sociedade, e a classe burguesa reagiu de forma acirrada para conter a expansão de oportunizar os mesmos direitos de forma igualitária para parte da população desfavorecida. Para Lima (2019, p. 15),

A configuração da luta de classes no capitalismo dependente se estabelece, assim, pelo uso da violência como um traço estruturante, constitutivo da sua lógica de funcionamento. Portanto, a burguesia brasileira não está violenta, ela é violenta.

A ação da burguesia culminou com o impeachment da presidente Dilma, como uma retomada do poder e do seu espaço político. Iniciou-se, portanto, o governo Temer, que segundo Melo e Souza (2017) é marcado de forma intensa pelas reformas educacionais de cunho privatista e pelos cortes do governo no investimento do estado em serviços públicos. Houve maior flexibilização para o mercado privado atuar na oferta do Ensino Superior em decorrência do enxugamento dos investimentos para a Universidade pública. O resultado das medidas efetivadas teve impacto na infraestrutura, na oferta de vagas para os

cursos, na perda de direitos trabalhistas. A crise financeira não tem o mesmo impacto para o setor privado e público.

Nesse contexto, ocorreu a Reforma do Ensino Médio e a aprovação da Base Nacional Comum Curricular. As intenções das propostas na base são a sincronização da educação em atender os objetivos impostos pelo capital e uma educação voltada para o desenvolvimento do mercado. Temer, para avançar na concretização de suas metas, criou o documento “Uma ponte para o Futuro”, que segundo Lima (2019, p. 21) “se destina ao desenvolvimento da economia brasileira pelo enfrentamento da crise fiscal gerada com as despesas públicas e a paralisação dos investimentos privados”. Mancebo, Júnior e Oliveira (2018, p. 11) afirmam que

[...] é um programa político-econômico que pretende de um lado, aprofundar o papel de um ‘Estado mínimo’ para realizar o benefício social, e de outro, é suficientemente forte para incrementar, a participação da iniciativa privada, flexibilizar o mercado de trabalho e ampliar a concorrência internacional, abrir de maneira escancarada as portas para a venda do patrimônio nacional, suprimindo, e até aprisionando, liberdades.

Novamente, a cena política centrou-se entre o público e o privado. Percebemos um desmantelamento dos direitos sociais, reduzindo o Estado a realizar somente o mínimo, afetando a educação em todos os seus âmbitos. Isso representa a tentativa de salvar a economia a qualquer custo. Para Lima (2019), nesta perspectiva, a educação representa um grande mercado a ser explorado.

Com a eleição do novo presidente da república, uma velha ideologia com uma nova roupagem é colocada em cena. O pensamento que sustenta as bases ideológicas do novo governo é o conservadorismo. Com os estudos de Leher (2019), compreendemos a organização do atual governo. O autor aponta que o bloco no poder é constituído de diversos setores da sociedade que não representam uma hegemonia, mas sim uma hierarquia sistematizada.

O primeiro grupo, segundo Leher (2019, p. 5), “reúne bancos, agronegócio e setor de *commodities*, setores industriais, redes comerciais de grande porte e empreiteiras. Esse é o estado maior do capital”. A essência do grupo é a promoção e a expansão do capital em nossa sociedade brasileira, representando os detentores do capital. O segundo grupo que compõe a estrutura governamental são os militares. Para Leher (2019, p. 6), “os quadros militares são convocados como

medida de anticorrupção e como sujeitos guiados por uma razão técnica, isto é, não ideológica (nesse sentido, o discurso legitimado é semelhante ao de outrora)”. O autor destaca que o terceiro grupo é constituído por uma união entre o Judiciário, Executivo e o Ministério Público. Eles possuem uma conexão com o primeiro grupo. E por último temos o grupo ideológico, que para Leher (2019, p. 7) “pode ser caracterizado como classes-apoios, pois não possuem nexos orgânicos nem poder próprio que o coloque no bloco no poder”. O grupo ideológico tem influência no sentido das tomadas de decisões e nas conexões que são estabelecidas com o bloco no poder.

Essa organização do governo atual uniu o poder econômico, o militar e a União, que com o apoio do núcleo ideológico são os sujeitos que promovem a sustentação do governo. Nessa perspectiva, a educação é vista como um mercado a ser explorado, gerando rentabilidade e lucro para o capital, o que vem de contramão ao entendimento da educação na condição de direito e também como principal impulsionadora da formação humana.

Para Leher (2019), o empresariado está presente desde a Educação Básica ao Ensino Superior, quer na oferta, quer na formação dos professores, quer na gestão. Essa ação empresarial é fortemente marcada no setor privado, mas ocorre também no setor público por conta das parcerias público-privado. Segundo Melo e Sousa (2017, p. 29),

Adentramos o século XXI com um processo já avançado de privatização da educação brasileira. Se nos anos 1990 tivemos um intenso avanço da privatização do ensino superior, com a proliferação de instituições, cursos e matrículas; no século presente essa privatização avança para a educação básica, não só com o aumento das matrículas no ramo privado, mas com diversificações de ações na área pública.

É nessa contradição que percebemos que a ideia de privatização não é recente em nossa sociedade. Na construção histórica do nosso país, sempre houve esse entrave, pois é por meio da educação e por meio do conhecimento histórico que temos a possibilidade de um enfrentamento das circunstâncias que nos rodeiam na vida cotidiana. É na relação intrínseca entre a sociedade, o trabalho e a educação que pensamos na formação humana no seu processo de humanização.

Para que o homem alcance o seu pleno desenvolvimento, é necessário o trabalho considerado como sua atividade principal, que não ocorre isoladamente do mundo social, mas no interior da sociedade capitalista. E a escola, por sua vez, possibilita o acesso do homem a toda produção da cultura desenvolvida no processo histórico, permitindo a transformação do pensamento humano.

4.5 A escola e o seu papel histórico e social

Em contrapartida, para o desenvolvimento da sociedade é necessário o trabalho humano. Para que o homem atinja o ápice do seu desenvolvimento, é primordial a escola, local de apropriação da cultura elaborada e produzida pela humanidade. O espaço escolar é constituído pelos embates políticos, ideológicos, sociais, econômicos e históricos. Para a nossa sociedade, a educação continua sendo prestigiada no sentido de que não há desenvolvimento do povo, ou da nação, sem que os seus sujeitos sejam escolarizados. Para o avanço da ciência, é fundamental o conhecimento que propicia o seu desenvolvimento em todas as suas áreas.

Para a apreensão da escola e sua especificidade, é fundamental traçarmos um panorama do seu desenvolvimento histórico, porque o nosso presente é resultado da ação humana na história que gerou transformações. A escola não é desconectada das esferas econômica, política, social e ideológica, antes é inserida na sociedade capitalista que agrega todas as suas contradições nesse espaço de formação humana.

Pensar no significado da educação para o homem é pensar em política, pois, para que a educação se concretize em nosso país, inicialmente ela é concebida no campo da política pública, visto que diferentes sujeitos definem os seus objetivos, as suas metas e as ações desenvolvidas para o alcance do propósito da educação para a nação. Segundo Souza (2006, p. 26), política pública é

[...] o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças ou rumos dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real.

A política pública não é restringida somente às tomadas das decisões do governo. Ela é representada pelo papel do Estado, que tem uma função central nas resoluções, mas ocorre também pela influência das diferentes instituições que abarcam a educação, como, por exemplo, as instituições privadas e filantrópicas, o empresariado, os organismos internacionais, entre outros. Para Souza (2006) e Mainardes (2009), existem diferentes modelos para a análise das políticas públicas e os seus impactos na sociedade. Souza (2006) aponta que o momento atual é influenciado pelo novo gerencialismo público e pelo ajuste fiscal, cuja ênfase está na eficiência da política pública. Nessa concepção, percebemos a ideologia neoliberal.

A educação enquanto política pública não é dada, mas desenvolvida nas contradições. Em nosso país, ela é caracterizada pelas lutas de direito e o seu acesso, e sempre houve embates nos documentos legais, como na Constituição, quer na efetivação das políticas públicas, no investimento e no financiamento pelo Estado considerado como órgão responsável pela manutenção da educação pública e de qualidade ou na valorização do professor enquanto trabalhador.

5 A ARTE E A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO HUMANO

Este capítulo está organizado pelas seguintes seções: primeiramente apresentamos apontamentos sobre o papel da arte na vida humana e sua importância para o homem conhecer a realidade. Em seguida, a nossa ótica é sobre a música e a expressão da sua linguagem. Por meio do desenvolvimento histórico da música, destacamos os principais períodos da música ocidental, apresentando sucintamente as características do Barroco, do Classicismo, do Romantismo e dos séculos XX e XXI. Posteriormente, descrevemos o sistema psíquico humano na constituição das funções psíquicas superiores e a suas especificidades no desenvolvimento humano.

5.1 O papel da arte na vida humana e o seu significado para conhecimento da realidade

Inicialmente nos questionamos: o que é a arte? Quais são os elementos da sua constituição? O que é representado por meio das suas produções? Qual é o seu papel em nossa sociedade e na vida humana? Esses questionamentos são pertinentes, uma vez que, ao abordarmos a arte, não estamos limitando a sua definição somente ao que é belo, à satisfação ou ao contentamento. Precisamos tomar o cuidado de não reduzirmos o conceito de arte, na esfera do senso comum, somente a uma atividade de consumo imediato, de uma satisfação efêmera e passageira, ou seja, concebermos a arte em uma função utilitarista.

Pensarmos na definição da arte e sua significação para o homem não é uma tarefa fácil. O ser humano conhece o mundo por meio de três conhecimentos: o científico, o filosófico e o artístico, sendo que cada um possui as suas particularidades. Neste momento, o nosso foco é descrever sucintamente o que é a arte e sua importância na vida humana, visto que ela dá condições para que o homem conheça a realidade.

Tomando como referência a perspectiva materialista e conceito de trabalho e seu papel na transformação da natureza e do homem, entendemos que a arte não surge espontaneamente. Assim como o trabalho, ela também é resultado da criação humana.

Inicialmente, o homem desenvolve o trabalho pela necessidade física de satisfação da sua sobrevivência, posteriormente produzindo bens além do consumo imediato. É nesse momento que a arte surge, porque além de ser um produto resultante do trabalho humano, ela também representa conceitos, ideias e valores da vida humana. A arte agrega em sua constituição um produto material e ideal ao mesmo tempo. Segundo Kosik (1976, p. 126):

Na produção e reprodução da vida social, isto é, na criação de si mesmo como ser histórico-social, o homem produz: 1) os bens materiais, o mundo materialmente sensível, cujo fundamento é o trabalho; 2) as relações e as instituições sociais, o complexo das condições sociais; 3) e, sobre a base disto, as idéias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos humanos correspondentes.

Com isso, afirmamos que tudo que é existente em nosso mundo é realizado pela ação humana, pois o homem constrói o seu entorno. Para Vygotsky (1999), a arte é uma representação da realidade social. Se considerarmos somente os produtos resultantes do trabalho humano, podemos cometer o equívoco de nos situarmos apenas na aparência da realidade. Quando enxergamos além do que está colocado diante de nossos olhos é que chegamos à essência da nossa realidade. Para o seu conhecimento, utilizamo-nos também da arte, pois segundo Lukács (1968, p. 284) “a arte representa sempre e exclusivamente o mundo dos homens, já que em todo ato de reflexo estético (diferentemente do científico) o homem está sempre presente como elemento determinante”. Podemos afirmar quem sem o homem e a sua ação não existiria a arte.

Vygotsky (1999) desenvolveu, a partir dos estudos marxistas, a obra intitulada *Psicologia da Arte*, na qual buscou uma metodologia que sintetizasse uma concepção de arte considerada como estética e também como expressão do sujeito social. Em busca de sua resposta, apresentou as diferentes correntes teóricas que explicavam a arte, refutando-as pelas suas inconsistências. O autor demonstrou a falácia existente na corrente formalista em sua concepção da arte somente por meio da forma e do material, desvinculada do seu conteúdo, uma vez que ao conceber a obra de arte em sua constituição existe uma unidade dialética entre o conteúdo e a forma.

A arte está presente em nossa vida cotidiana, e por meio de suas diferentes produções percebemos a existência do conteúdo e da forma, como, por exemplo, os quadros, as esculturas, a música clássica e popular, as obras literárias, as produções cinematográficas, além dos diferentes espaços, como as bibliotecas, os museus, entre outros.

A arte, em sua composição, abrange diferentes formas de expressões do ser humano. No ballet, temos a dança nas manifestações dos gestos por meio do corpo humano; nas óperas, a voz humana atinge o ápice de suas possibilidades para cantar os diferentes temas do cotidiano, como a vida e a morte, o amor e ódio, o bem e o mal, a aceitação e a rejeição, os dilemas sociais que são pertinentes ao mundo humano e as mazelas humanas que são representadas na junção do texto e da música.

Com as orquestras e as suas instrumentações, a música nos transporta a diferentes mundos, criando atmosferas que evocam os diferentes tipos de sentimentos. Com as catedrais, os museus e sua arquitetura construída ao longo da história, temos um favorecimento na leitura da construção da história humana. Por meio de todos os artefatos supracitados, o homem conhece a sua realidade e as contradições existentes, pois ele é criador da arte e também é afetado por essa criação. Segundo Kosik (1976, p. 130),

Na grande arte, a realidade se revela ao homem. A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até a própria realidade e a sua verdade.

A realidade não se revela ao homem espontaneamente, pois o ser humano encontra a sua essência utilizando também a obra de arte para a sua apreensão. É em toda a criação artística acumulada historicamente que o homem realiza uma leitura do mundo, que traz em si aspectos históricos, sociais e econômicos que o auxiliam na compreensão do seu desenvolvimento histórico e na sua constituição.

Kosik (1976) discute acerca da necessidade do homem de conhecer a realidade autenticamente, em um movimento que supera o fenômeno da aparência. O caminho que possibilita ao homem a realização dessa tarefa é o conhecimento da filosofia e da arte. Isso se justifica, segundo Lukács (1968, p.286), “para o

nascimento de qualquer obra de arte, é decisiva precisamente a concreticidade da realidade refletida”. Portanto, isso demonstra a gênese de nascimento da arte na humanidade.

Vygotsky (1999), ao discutir a relação existente entre a vida e arte, apresenta a teoria do contágio. Essa é uma concepção em que o sentimento cotidiano e o despertado pela obra de arte não apresentariam diferenças entre si. Isso é refutado pelo autor, visto que a arte não é reduzida somente ao despertar ou à reprodução de sentimentos. Outra conceituação da arte é a teoria do jogo, em que o papel da arte é limitado somente à excitação biológica do organismo.

Por meio das discussões de Vygotsky (1999), refletimos sobre como a arte é valorada em nossa sociedade capitalista. A obra de arte tornou-se um bem de consumo adquirido para a satisfação econômica. Em outros momentos, o seu enaltecimento é realizado por meio de sua inserção em um cânone sagrado, a fim de se classificar o que é a arte em nossa sociedade. Além disso ter contribuído para prejuízos ao homem no seu processo de humanização, Vygotsky (1999, p. 315) afirma que

A arte é o social em nós e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe em nós até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. Por isso, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social.

Portanto, pensar na arte e no seu impacto sobre o homem é entender que ela representa uma produção da história humana realizada no seio da sociedade. Cada obra de arte traz em si as objetivações e apropriações do acúmulo do desenvolvimento humano. A arte tem um duplo papel, pois ela é fruto da intervenção do homem sobre a natureza e ao mesmo tempo permite que ele reflita sobre a sua realidade, afinal a arte carrega as características do homem social.

5.2 A música e a expressão de sua linguagem em seu desenvolvimento histórico

Neste momento, a nossa ótica é a música, que representa um campo do conhecimento e ao mesmo tempo a expressão da subjetividade humana. Entre os diferentes olhares sobre a música, optamos pela abordagem histórica, dado que isso nos permitiu percebermos a relação entre a ação humana na transformação da realidade no movimento dialético da história, e que segundo Gamboa (1998, p. 19) “a dialética materialista relaciona sujeito e objeto na base real de sua unificação na história”. Na opção pela perspectiva histórica, entendemos que as transformações na área musical não se separam dos acontecimentos sociais, políticos, filosóficos e ideológicos, visto que em cada esfera da sociedade é o homem na condição de sujeito social e histórico que transforma o mundo.

Ao percebermos o nosso mundo na sua totalidade, vemos que existe uma cisão entre Ocidente e Oriente, o que resultou em duas visões de mundo distintas. A nossa herança musical é ocidental, e a música nessa ótica é conhecida e reconhecida como tonal, pois a constituição da tonalidade é o parâmetro para a referência dos períodos que a precederam e os que a sucederam. Para Wisnik (1989), a música, no seu desenvolvimento, é pensada em três momentos: inicialmente o modalismo, que compreendeu o período da Idade Média, em segundo o tonalismo, que correspondeu aos períodos do Barroco, do Classicismo e do Romantismo, e, em terceiro, o pós-tonalismo, que provoca uma ruptura com a tonalidade, representando uma diversidade de movimentos estéticos na produção musical dos séculos XX e XXI.

Em cada período, houve transformações filosóficas que influenciaram o pensamento musical e o avanço científico, e que com as novas descobertas permitiram o avanço do trabalho musical. Além disso, a natureza também foi modificada, visto que o natural cedeu espaço a uma construção artificial. O conceito de paisagem sonora, desenvolvido por Schafer (2011), traz que o mundo natural era constituído por sons da natureza, como dos animais, dos rios e dos fenômenos naturais, e com o desenvolvimento do homem cedeu lugar aos sinos das grandes catedrais na Europa, aos motores da indústria na Revolução Industrial, ao som da locomotiva nas linhas férreas. A ação do homem na natureza transformou o mundo e impactou a sua paisagem, modificando a sua arquitetura.

A música, como qualquer área do conhecimento humano, também se especializou, e o seu universo é constituído de diversos elementos, como a história da música, que corresponde aos períodos históricos da sua constituição e

desenvolvimento; a teoria musical, abrangendo aspectos da notação musical, da análise musical, da harmonia e da estética musical; os gêneros musicais, divididos em música erudita, popular, tradicional e religiosa; o campo da composição musical; e a educação musical. Os elementos musicais não se esgotam no que referenciamos.

Assim, a nossa intenção não é conceituar a música e os seus elementos em sua definição clássica. Antes, queremos permitir ao leitor uma compreensão da complexidade que envolve o termo música. Traçamos um panorama destacando os aspectos centrais do pensamento musical. Nos séculos XX e XXI, com o avanço científico, isso permitiu na área musical a resignificação das suas concepções, o que segundo Schafer (2011, p. 20), “no decorrer do século XX, todas as definições tradicionais de música foram caindo por terra em razão da abundante atividade dos próprios músicos”.

Para Candé (2001), a música em nossa sociedade sempre esteve ligada à função social, e isso permitiu o seu desenvolvimento. Outro ponto de destaque para o autor está na especialização do público apreciador da música, dividido entre ouvintes e executores da música. No século XXI, criou-se um novo tipo de público: os consumidores da música, porque na sociedade contemporânea não temos a opção da escolha do que ouvir, mas antes ouvimos o que é ofertado pela grande indústria na formação das massas.

A construção de mundo na perspectiva ocidental é um elemento fundamental na interpretação do que é a música. Assim, como a sociedade se desenvolveu em um processo histórico, a forma como percebemos a música e sua função também foi afetada pelas mudanças. Schafer (2011, p. 23) afirma que “a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos”. Isso aponta que a música não é somente uma representação estética, mas também um elemento da leitura da nossa realidade, dado que entendemos a organização societal de acordo com a música que foi desenvolvida.

Como em nosso mundo tudo tem uma gênese, consideramos como primórdio da música a herança grega, reafirmando que essa é sua visão ocidental. Candé (2001, p. 15) afirma que, “em sua origem, a música era apenas uma atividade muscular (membros, laringe) adaptadas às condições de luta pela vida”. Da Grécia, não foram somente os mitos gregos que chegaram à nossa cultura ocidental, mas

também as suas concepções musicais, que contribuíram pela grande parte do arsenal que existiu na Idade Média e na construção do sistema musical do ocidente. Grout e Palisca (2007) apresentam as concepções que os gregos possuíam da música e as suas significações na cultura grega. Era atribuído à música um carácter de formação que se expressava na vida humana. Exemplificando esse pensamento, Grout e Palisca (2007, p. 22) afirmam que:

A doutrina grega do etos, por conseguinte, baseava-se na convicção de que a música afecta o carácter e de que os diferentes tipos de música afectam de forma diferente. Nestas distinções efetuadas entre os tipos de música podemos detectar uma divisão genérica em duas categorias: a música que tinha como efeitos a calma e a elevação espiritual, por um lado, e por outro, a música que tendia a suscitar a excitação e o entusiasmo. A primeira categoria era associada ao culto de Apolo, sendo o seu instrumento a lira e as formas poéticas correlativas a ode e a epopeia. A segunda categoria, associada ao culto Dioniso, utilizava o aulo e tinha como formas poéticas afins o ditirambo e o teatro.

É nessa dicotomia que percebemos a cisão entre o corpo e a alma, e com essa separação surge assim o tipo de música ideal, existindo músicas para o elevo e outras para provocar as paixões. Esse pensamento ganha forças na Idade Média, uma vez que a igreja, como centro naquele momento histórico, definia o tipo ideal de música a ser valorada. Segundo Schafer (2011, p. 21), “no mito dionisíaco, a música é concebida como um som interno do peito do homem, no mito apolíneo, ela é compreendida como som externo, enviado por Deus para nos lembrar, a harmonia do universo”. Isso representa as diferentes significações atribuídas à música.

Cada período histórico do desenvolvimento musical foi marcado por rupturas necessárias para o avanço do pensamento musical. O período da Idade Média foi marcado pela forte presença da Igreja, em que é possível perceber a sua influência de maneira direta na construção musical.

Carpeaux (2009) aponta que a manifestação de maior referência na Idade Média foi o Canto Gregoriano, que também é denominado de Cantochão, o qual era utilizado nas celebrações da igreja. Wisnik (1989, p. 41) afirma que é “o canto gregoriano, que inaugura uma tradição que conhecemos bem, aquela que vai dar na música barroca e clássico-romântico dos séculos XVII, XVIII e XIX”. É nos fundamentos do cantochão que o pensamento musical se desenvolve em momentos posteriores. As principais características do cantochão eram ser cantado em

uníssonos, somente por vozes masculinas e sem acompanhamento dos instrumentos. Para a sua notação, eram utilizados os neumas, que eram a escrita musical utilizada naquele momento.

Em contrapartida, não existia somente a música sacra. Para Carpeaux (2009, p. 21), “outra força ‘subversiva’ foi a presença da música profana: a poesia lírica aristocrática, dos trovadores, cantada nos castelos, e a poesia lírica popular, cantada nas aldeias”. É perceptível como a música nos permite entender a estratificação da sociedade medieval, dado que o tema que permeava a música do clero era diferenciado dos temas da nobreza e dos servos. Wisnik (1989) aponta que a principal característica da música medieval é ser modal. Em relação à paisagem sonora, Schafer (2011, p. 83) afirma que:

Para toda a cristandade, o divino era sinalizado pelo sino da igreja. É um desenvolvimento tardio da mesma necessidade de clamor que antes havia sido expressa pelo canto e pelo estrondo. O interior da igreja também reverberava com os mais espetaculares eventos acústicos, pois o homem trouxe para esse lugar não somente as vozes que se ouviam nos cânticos, mas também a ruidosa máquina que até então ele havia produzido – o órgão. E ele foi todo planejado para fazer a divindade ouvir.

Não foi somente a arquitetura interior que se transformou, afinal a exterior deixou de ser rural e se tornou urbana, e o clero se centrou em torno das grandes catedrais com a sua pompa, além dos nobres cercarem os castelos e os servos os feudos. A paisagem do mundo, antes silenciosa em seus sons naturais, cede espaço para o ruído das construções humanas.

Com o declínio da Idade Média, entra em cena um novo movimento filosófico e artístico, denominado Renascimento, que provocou transformações nos alicerces do mundo feudal, uma vez que ocorreu confrontos entre o teológico e o humanístico. Nesse contexto, temos a música Renascentista. Bennett (1986) aponta que, no período, houve maior interesse pela música profana. As principais formas musicais foram a missa e o motete. Houve a valoração dos instrumentos que eram deixados em segundo plano, dado que no período anterior a voz era o centro das composições musicais.

Após a Renascença, o mundo musical passou a ser dividido entre modal e tonal, e é nessa transição que a tonalidade ocupa o seu lugar no centro da música da Europa. Esse momento é denominado de Barroco, e os seus principais

expoentes foram Johan Sebastian Bach, que entre as suas inúmeras composições destacamos “Jesus, Alegria dos Homens”, Georg Friedrich Händel, conhecido por seu famoso Oratório “O Messias” e Antonio Vivaldi, por sua célebre composição “As quatro estações”. As obras mencionadas são integrantes do acervo das grandes orquestras e são apreciadas pelo público nas suas execuções. Dentre os compositores mencionados, Bach foi responsável pelo sistema temperado existente em nossa música ocidental. Segundo Wisnik (1989, p.93):

O “temperamento” foi provocado pelo próprio desenvolvimento da música tonal e implantou-se no princípio século XVIII. No Cravo bem temperado, cujo primeiro volume data de 1722, a afinação usada por Bach, entre as dezenas de sistemas disponíveis no seu tempo, não era inda o temperamento igualado propriamente dito, mas uma solução de compromisso que permitia transitar entre os tons preservando certas qualidades particulares de cada um. [...] Os ouvidos demoraram a se acostumar, no decorrer do século XVIII, com aquela bizarra forma de afinar que, no entanto, se tonaria a retícula obrigatória do ouvido moderno (e que acabamos por tomar como natural).

O “Cravo bem temperado” é uma obra constituída por um prelúdio e uma fuga escritos em cada tonalidade, que é composta por um conjunto de escalas maiores e menores. Ressaltamos que a referida obra foi composta para o cravo, visto que era o instrumento de teclado predominante na época. A supracitada obra tem significância histórica, uma vez que é executada pelos pianistas nos seus concertos. Em relação ao sistema temperado, ele não é natural, mas o ouvido humano se adaptou à sua construção.

As principais formas musicais são o prelúdio, sendo temático ou aтемático, as formas fugadas, como o cânone, a invenção, que pode ser escrita a duas, três e até mais vozes, a fuga, que procede da mesma forma, e a suíte, que é uma peça composta de diferentes movimentos. Segundo Bennett (1986, p. 35) “o século XVII também assistiu à invenção de novas formas e configurações, inclusive a ópera, o oratório, a fuga, a suíte, a sonata e o concerto”. Nesse século, construíram-se os primórdios das diferentes formas que alcançaram o seu máximo de transformações no Classicismo e no Romantismo.

Com a morte de Bach, inicia-se o Classicismo, época marcada por ideias iluministas que têm o seu apogeu na Revolução Francesa. O trio que desenvolveu uma intensa produção na história da música nesse período tem três representantes

principais, Ludwig Van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart e Joseph Haydn. Também desse período, a tão famosa “Für Elise”, de Beethoven, “Alla Turca” e ária “A Rainha da Noite”, da ópera Flauta Mágica de Mozart, entre outras composições.

Enquanto no barroco as composições abordavam o tema religioso, nesse momento ele passa a ser abandonado pelas criações musicais. Ocorreu daí a consolidação do sistema tonal, não existindo resquícios do mundo modal como ocorreu no barroco. Para Wisnik (1989, p. 115), “a passagem do modal ao tonal acompanha a transição secular do mundo feudal ao capitalista, assim, da própria constituição da ideia moderna de história como progresso”. Entendemos que a mudança na forma da organização da sociedade também promove transformações no universo musical, porque novas necessidades são criadas no mundo humano.

De acordo com Bennet (1986), o período clássico é marcado pelo avanço da constituição da orquestra, que teve os seus primórdios no Barroco. É nesse momento que o piano entra em cena, instrumento que se diferenciava do cravo, visto que permitia uma possibilidade de recursos como o contraste entre o forte e piano, entre o som ligado e o som staccato e a possibilidade de cantar melodias com acompanhamento em diferentes nuances. O autor destaca três formas musicais que alcançaram pleno desenvolvimento para o piano: a forma sonata, que é levada ao máximo em suas potencialidades, e da orquestra a sinfonia e o concerto, escritas por Haydn e Mozart em ambas as formas. Entretanto, é Beethoven quem é reconhecido como a grande expressão do período clássico.

Os estudos de Volóchinov (2019) contribuem para o entendimento acerca de Beethoven, por este possuir um papel de destaque no desenvolvimento da música clássica. O autor tem quatro artigos dedicados ao tema musical, dos quais dois são sobre Beethoven, intitulados “O problema da obra de Beethoven”, parte I e parte II. Os textos foram escritos entre os anos de 1921 e 1923. Volóchinov (2019), para explicar a grandiosidade da obra de Beethoven, parte da ideia do gênio, demonstrando que isso é possível por dois fatores: seu nascimento em um determinado período histórico e a cultura desenvolvida nesse período. Para Volóchinov (2019, p. 351),

A fonourgia (a criação sonora) de Beethoven surgiu como a canção de uma alma elevada, como a canção de um herói trágico, derrotado externamente pelo destino, mas que venceu internamente. Nem a tirania do pai bêbado, nem a pobreza miserável de sua infância, nem

a desilusão constante no amor, tanto na juventude quanto na idade madura, nem a vida de fome e pobreza, nem a vileza de um sobrinho adorado, nem o horror da surdez absoluta, nada pôde arruinar a sua fé intensa no bem, o seu desejo poderoso de afirmá-lo. Durante toda a sua vida, Beethoven tentou encontrar a “melodia do homem bondoso” e, no final, realizou de modo genial em sua Nona Sinfonia.

É somente no contexto da vida real de Beethoven que entendemos o significado da sua música, porque a organização da sua criação musical representa os traços da sua constituição na condição de ser humano, que apesar de seus inúmeros infortúnios foi capaz de criar as mais belas páginas da música ocidental.

O último período da música tonal é o Romantismo, que marcou toda a música no século XIX. Pensamos que o período romântico entra em contraposição com o período clássico, no sentido de que a busca pela expressão da música e sua perfeição moldada no classicismo agora é manifestada por outros caminhos. No romantismo, a expressão ocorre por meio da subjetividade, e o sentimento tem primazia nas composições.

O termo romântico define que o período não pertence à música, mas sim à literatura. Carpeaux (2009) traz que não podemos cometer o equívoco de pensar o Romantismo como singular, mas em sua pluralidade, dado que a sua constituição é o resultado do movimento romântico em solo alemão, inglês e francês. Segundo Carpeaux (2009, p. 214), “as diferenças entre os três principais movimentos literários são consequência do diferente desenvolvimento social da Alemanha, França e Inglaterra por volta de 1800”. A diversidade de formação é percebida nas obras dos compositores românticos, uma vez que é rompida a hegemonia na busca pela forma ideal, e existe também uma pluralidade de criações musicais.

Grout e Palisca (2007) traçam um panorama das principais dualidades do período romântico. Destacamos a oposição entre a multidão e o indivíduo, em que o público, que era reduzido, agora se torna maior para a apreciação musical, e o compositor tem o papel de conquistar a nova plateia com a sua composição musical. Outra dualidade está na divisão de músicos profissionais, do qual surgiu a figura do grande virtuoso, que encantava os palcos musicais, e os músicos amadores, que se constituíam da execução musical em ambientes como o da família e dos amigos. Com o crescimento das cidades, o êxodo rural é frequente e as áreas urbanas são ocupadas, o que representou a dualidade entre o homem e a natureza.

O período romântico é um momento de grandes inovações, abrangendo a manutenção das formas musicais dos períodos anteriores e com o surgimento de novas formas. Para Bennett (1986), ocorre um crescimento da orquestra com a inserção de novos instrumentos. O piano também é melhorado em sua mecânica, possibilitando uma exploração de novas sonoridades.

Nesse período, existe uma maior abrangência das formas, das quais não é possível eleger apenas uma como a principal. Destacamos algumas formas, que em nosso entendimento permite apreendermos a riqueza da música romântica. Bennett (1986) destaca o Lied alemão, uma composição para piano e voz solo. Chopin alcançou o objetivo do desenvolvimento técnico em seu grau de excelência por meio de seus 24 estudos para piano.

Nessa descrição sucinta dos diferentes períodos históricos, compreendemos que eles não são estagnados em si, mas que é no movimento de transição que vemos o entrelaçamento das rupturas. Com o período romântico, encerramos o mundo tonal, e com isso não afirmamos que ele deixou de existir, mas que os compositores romperam com o modelo centrado na tonalidade e passaram a buscar novas possibilidades para as suas composições.

Em cada movimento de transição para o novo período, percebemos que pelo homem sua ação é complexificada, o que também é refletido na música. O século XX é de uma riqueza de movimentos composicionais como em nenhum outro período. Para Wisnik (1989), os principais movimentos que impulsionaram a música do século XX são o dodecafonismo e o minimalismo, que segundo Wisnik (1989, p. 174) se diferenciam, pois

A série dodecafônica foge à recorrência melódica, harmônica, rítmica, através de uma organização simultaneísta de todos os materiais sonoros, de natureza polifônica e descentrada; o minimalismo é uma música francamente iterativa, baseada na repetição de motivos melódicos e pulso rítmicos que passam por processos de fase e defasagem.

Afirmamos que o dodecafonismo realiza um movimento de oposição à tonalidade, dado que o tonalismo possui um centro definido de convergência, ou seja, uma ideia de tensão e resolução, enquanto a série dodecafônica nega essa centralidade. Bennett (1989) enumera que o mundo pós-tonal tem entre as suas principais manifestações o impressionismo, a politonalidade, atonalidade, o

expressionismo, a música concreta, a música eletrônica, a música aleatória, entre outros.

Pensar no século XX é conceber a ideia da ruptura, e não foi somente o discurso musical que sofreu as quebras de seus conceitos, mas todas as áreas do conhecimento humano, nas quais houve transformações em que velhos conceitos não conseguiam expressar ou dar conta da explicação do mundo que nos circunda. Por isso, o mundo está em constante movimento e transformação, e a música na condição de elemento da arte nos ajuda na compreensão do movimento da realidade.

5.3 O papel das funções psíquicas superiores no desenvolvimento humano

É no entendimento do papel preponderante da música na formação humana, referindo-se à construção estética do homem e na sua apropriação do conhecimento musical, quer na especificidade da leitura da partitura, em tocar um instrumento ou na aquisição da linguagem musical, que isso ocorre por meio do sistema psíquico. Ele se compõe das sensações, das percepções, da atenção, da memória, do pensamento, da linguagem, da imaginação, das emoções e dos sentimentos. Neste momento, apresentaremos as funções psíquicas com suas particularidades, visto que esse processo de constituição do psiquismo humano é fundamental para a compreensão do processo da construção do conhecimento humano.

A nossa concepção de desenvolvimento humano são os estudos da Teoria Histórico-cultural. Dessa forma, delinearemos especificamente o papel das funções psíquicas superiores na constituição do desenvolvimento humano. Entendemos que o homem não se desenvolve naturalmente ou espontaneamente, mas é fruto de um longo processo histórico.

O homem, na apreensão do mundo, utiliza os seus cinco sentidos, a audição, a visão, o tato, o olfato e o paladar. No desenvolvimento histórico, ocorreu a complexificação desses sentidos. Segundo Marx (2010, p. 110), “a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui”, portanto o refinamento de cada órgão humano ocorreu segundo as necessidades dos homens, que em sua produção cultural criou novas possibilidades para o uso específico do olho, do ouvido, do sentir, do cheirar.

Ao nascer, o ser humano possui o aparato biológico que lhe dá condições mínimas para a sua sobrevivência, mas que não é por si só suficiente para o seu desenvolvimento. Ao nos referirmos às funções psíquicas superiores, compreendemos que elas possuem os estágios elementar e superior. É na constituição do psiquismo superior que o homem se distancia do animal. Segundo Vygotsky (2000, p. 23),

As funções psíquicas superiores diferentemente das inferiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas (veja o caráter dos gregos e o nosso). Toda peculiaridade do psiquismo do homem está em que nele são unidas (síntese) uma e outra história (evolução + história). O mesmo no desenvolvimento infantil (compare as duas linhas).

A diferença estabelecida entre as funções psíquicas superiores e elementares é realizada pela compreensão de que as funções elementares estão relacionadas com o organismo biológico e a sua constituição, ou seja, é tudo aquilo que advém do nascimento, enquanto que as funções superiores são a transformação que ocorre no homem por meio da sua inserção no mundo humano na mediação com a cultura produzida pela humanidade.

Para a apresentação das funções psíquicas, optamos pelos estudos de Luria (1979b, 1991a, 1991b), porque ele nos permitiu a compreensão da definição de cada função e suas especificidades como também a percepção do funcionamento biológico do organismo e as suas patologias. Entendemos que o aparato biológico é necessário, mas não é suficiente para a explicação do desenvolvimento psíquico humano.

5.3.1 A linguagem musical e a sua representação

Ao longo do percurso histórico, percebemos que a música e a linguagem são utilizadas pelo homem no seu processo de comunicação, que é realizado de forma oral ou por meio da escrita. A relação entre a linguagem e a música é representada pela constituição dos seus elementos, uma vez que elas possuem o discurso que é apresentado por temas, cujos signos são a representação do seu universo, fazendo-se necessária à sua apropriação para a compreensão do que é proclamado.

A notação musical dos nossos dias é uma construção moderna do mundo ocidental. Candé (2001) descreve que a necessidade do registro ou da leitura da música apareceu somente no século XV. Historicamente, dos povos antigos não existem vestígios de escrita clara e concisa, e isso se deve ao fato da função social que a música possuía naquele momento. Grout e Palisca (2007) afirmam que a notação surgiu da necessidade do registro preciso das melodias, sendo que era feito oralmente. As primeiras formas de notação foram os neumas, que eram representados por desenhos sobre o texto cantado, que tinham como função demonstrar as terminações melódicas. Segundo Schafer (2011, p. 176),

A notação musical foi a primeira tentativa sistemática de fixar outros sons além da fala, e seu desenvolvimento ocorreu gradualmente, por um longo período que se estende da Idade Média ao século XIX. Da escrita, a música tomou emprestada a convenção de indicar o tempo pelo movimento da esquerda para a direita. Introduziu uma nova dimensão, a vertical, pela frequência, ou altura, era indicada ficando os sons agudos acima e os graves abaixo.

Para a leitura de uma obra literária ou de uma partitura musical, é necessário entender a sua organização. A leitura da partitura nos permite entender com precisão as propriedades do som, dado que na escrita musical percebemos a sua duração, se é longo ou curto, a sua altura, que é definida por grave ou agudo, as nuances que o som tem, em forte ou fraco. Em cada propriedade sonora existe uma variação de combinações. A música, na sua escrita, representa um movimento entre melodias e harmonias que se configuram de acordo com o momento da sua notação.

A música, na sua organização, oscila entre as tensões e o repouso dos movimentos, entre os sons representados pelas notas e no seu agrupamento de melodias e harmonias. É no seio social que a música tem significado, uma vez que é apreciada e valorizada na interação entre a obra e o ouvinte. Segundo Volóchinov (2019, p. 362), “a música adquire sua significação estética, sua vida como obra de arte, somente na presença do ouvinte, do sujeito da avaliação”.

É nesse sentido que a música não ocorre quando é decodificada a sua escrita. Antes, é no papel que o músico exerce como canal de transmissão e no ouvinte, que recebe e reelabora a música no seu pensamento por meio de suas vivências, que a música se torna promotora do desenvolvimento humano.

Afirmamos que a música é uma linguagem, pois ela apresenta elementos idênticos apresentados por Volóchinov (2019), pois é constituída por signos, é um ato discursivo que acontece na interação entre sujeitos e não se desconecta do seio da sociedade. Na sua materialização objetiva e subjetiva, forma uma unidade.

5.4 As especificidades do sistema psíquico e o papel da educação escolar no desenvolvimento humano

A primeira função psíquica que abordamos é a sensação, dado que ela é o ponto de partida para o homem perceber o mundo. Luria (1991a) define que as sensações possuem uma dupla função, uma vez que é por meio delas que o homem conhece o seu corpo e o meio em que está inserido. Ela também representa a condição primária da existência humana. As sensações têm como principal característica o caráter ativo e seletivo.

Segundo Luria (1991a), as sensações são classificadas em três tipos: no primeiro, temos as sensações interoceptivas, que são responsáveis pelo funcionamento do organismo interno, ou seja, do corpo e dos órgãos, cuja principal função é regular internamente o organismo biológico. No segundo, estão as sensações propioceptivas, que são responsáveis pela localização do homem no espaço. No terceiro grupo, existem as sensações exteroceptivas, que é o principal dos três, pois, ela permite o contato do homem com o mundo que ocorre por meio dos sentidos. Afirmamos que cada sentido tem uma finalidade para o homem captar o mundo exterior, visto que cada um é responsável por uma sensação. É por meio das sensações que a criança adentra ao mundo humano.

Somente as sensações não são suficientes para o homem na apreensão do mundo objetivo com toda a sua riqueza material e imaterial. A segunda função psíquica, apresentada por Luria (1991a), é a percepção. Ela é complexa, pois envolve diferentes elementos que o homem utiliza para nomear, identificar e distinguir os objetos da realidade. Isso é realizado por ele por meio da sua atividade, no processo de análise e síntese com a utilização da linguagem. O autor apresenta que a percepção possui quatro características básicas: a primeira é que ela tem caráter ativo e imediato, em segundo que tem o seu caráter material e genérico, em terceiro que possui constância e repetição e, por último, que é móvel e dirigível.

Existem três tipos de percepções, que são classificadas como tátil, visual e auditiva, possuindo tanto a forma elementar quanto a complexa. Para Luria (1991a), a percepção tátil é utilizada pelo homem para o reconhecimento dos objetos, desenvolvendo uma atividade na exploração deles. Nessa percepção, entendemos a importância da mão humana e o seu movimento na realização da ação, dado que isso permite o contato direto do homem com o objeto. É por meio do tato que o ser humano formula hipóteses para o conhecimento pleno do objeto.

Luria (1991a), na apresentação da percepção visual, levou-nos ao entendimento da especificidade e da importância do olho humano, pois por meio da visão o homem vê a totalidade do objeto. O autor descreve minuciosamente o olho na condição de um órgão do corpo humano, apontando a sua centralidade para o desenvolvimento da percepção visual, a qual ocorre na percepção dos objetos simples e complexos.

Segundo Luria (1991a), na percepção auditiva, o foco está no ouvido humano, pois é ele que permite o reconhecimento e a distinção entre os tons e os ruídos. O autor afirma que existe uma diferença na percepção humana sobre a música e os elementos da linguagem. Luria (1991a, p. 90) afirma que

Podemos distinguir dois sistemas objetivos, que se formaram no processo da história social da humanidade e exercem grande influência na codificação das sensações auditivas do homem em complexos sistemas de percepção auditiva. O primeiro deles é o sistema rítmico-melódico (ou musical) de códigos, o segundo, o sistema fonemático de códigos (ou sistema de códigos sonoros da língua). São esses dois fatores que organizam em complexos sistemas de reprodução auditiva os sons percebidos pelo homem.

O autor ressalta que as sensações e percepções são fruto do processo do desenvolvimento, o que não é inato. Inicialmente o homem, por meio das sensações, possui a capacidade de ouvir os diferentes sons que lhe são ofertados no ambiente, mas é somente por meio da percepção que o ser humano reconhece e classifica os sons. Leontiev (2004) aponta a diferença existente na audição humana em relação à percepção musical e à linguagem, afirmando que o homem desenvolve dois tipos de ouvido, o tonal e o timbral. Em relação ao ouvido tonal, Leontiev (2004, p. 206) afirma que “é uma faculdade própria do homem, na medida que é condição necessária para uma percepção adequada da música, que é como a linguagem sonora, produto de desenvolvimento da sociedade humana”. Afirmamos que tudo o

que o homem possui no seu desenvolvimento é resultado da sua ação humana na vida da sociedade.

Em nossa sociedade, existe uma oferta imensa e volumosa de informações e estímulos ao homem, e isso acarreta que a atenção não tenha um objetivo específico. Em nossa vida cotidiana, é comum ouvirmos expressões como “você não presta”, “atenção no que está realizando”, “tal pessoa é desatenciosa”.

Neste momento, o nosso enfoque é a atenção, que segundo Luria (1991b, p.1) “a seleção de informação necessária, o asseguramento dos programas seletivos de ação e a manutenção de um controle permanente sobre elas são convencionalmente chamados de atenção”. É por meio da atenção que o homem dá sua resposta aos diferentes estímulos que lhe são propostos no mundo.

Segundo Luria (1991b), a atenção possui três componentes básicos: o volume, a estabilidade e as oscilações. A atenção é determinada por dois fatores, pelos estímulos externos e pela atividade do homem, correspondente ao interno. Cada função psíquica desenvolve um papel único na vida do ser humano. Quando falamos em atenção, percebemos que o homem tem papel ativo na sua ação ao dar resposta ao que lhe é proposto.

Para entendermos o desenvolvimento da atenção, Vygotsky (1996) analisou o desenvolvimento infantil no processo de construção da referida função. Inicialmente a criança tem uma atenção natural que ocorre desde o seu nascimento, e ela não tem um direcionamento específico, responde a qualquer estímulo. Ela é denominada instinto-reflexiva, porque é condicionada às funções básicas do organismo biológico. Segundo Luria (1991b), a criança tem saltos qualitativos no desenvolvimento da sua atenção devido à sua interação com o mundo social, que é cercado por adultos e pelo desenvolvimento da linguagem.

O homem, para a realização da sua atividade, necessita da atenção, dado que sem ela não teria êxito em sua ação. Considerando o papel que a atenção tem para o homem, Luria (1991b) descreve sobre dois tipos básicos de atenção. O primeiro tipo de atenção é a involuntária, que está presente tanto nos homens como nos animais. O segundo é a atenção voluntária, que é especificamente humana, uma vez que o homem desenvolve a capacidade de concentração. A atenção, segundo Vygotsky (1996, p. 195), “trata da organização do comportamento, com a criação de um determinado contexto, que prepara o homem para a percepção ou para a atividade”. É essa função que permite a orientação humana.

É no sistema das funções psíquicas superiores que o homem se desenvolve. Por meio das sensações, o homem capta o mundo real, pelas percepções ele consegue perceber os objetos do mundo e pela atenção distingue os estímulos necessários no desenvolvimento da sua atividade. Para a lembrança de uma determinada sensação, a percepção de diferentes objetos, trazer a lembrança de um acontecimento ou a realização de uma atividade, o homem se utiliza da função psíquica superior denominada memória, que segundo Luria (1991b, p. 39) é “o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior”, ou seja, o homem pode evocar por meio da respectiva função informações usadas em momentos anteriores na solução de atividades.

Percebemos que cada função psíquica não utiliza somente um órgão específico do organismo humano, mas sim o trabalho de diferentes órgãos. No caso da memória, a especificidade é o cérebro humano. Luria (1991b) mostra que a memória elementar é a fisiológica, que tem como função o registro e a conservação de um estímulo.

Luria (1991b), ao descrever os tipos de memória, segue como critério o menor grau de complexidade para o maior grau de complexidade. Em cada memória, percebemos a utilização das funções supracitadas. A forma elementar de memória é a sensorial, que utiliza a visão, a audição e as sensações para a sua realização. Esta memória corresponde à formação de imagens que são subdivididas em três grupos: as sucessivas, que utilizam a visão para a sua formação e têm como característica serem breves, as diretas ou eidéticas, que são formadas especificamente na infância e na adolescência, e a de representação, que é a que conserva na memória o seu registro.

A forma complexa da memória é a verbal, visto que utiliza a linguagem. Segundo Luria (1991b), ela tem uma dupla função, pois além de nomear tudo o que existe em nossa realidade, também é responsável para o aumento do nosso conhecimento.

Vygotsky (1996), ao discorrer sobre a memória, demonstra que as crianças nas diferentes etapas do desenvolvimento utilizam a memória diferentemente. Isso aponta a transição no desenvolvimento da memória natural para a cultural, em que os signos são utilizados como instrumentos para o salto qualitativo na transformação da função psíquica superior. Segundo Mattosinho (2012, p. 70),

O aspecto interfuncional presente na memória é mediado pelo papel da linguagem (especialmente a fala) como instrumento semiótico entre a realidade objetiva, captada pela percepção sensorial, e a apropriação dos conceitos expressos pelos signos.

Isso corrobora entendimento de que as funções psíquicas superiores não são isoladas, antes são uma unidade dos diferentes mecanismos que entram em ação para o desenvolvimento humano. Ressaltamos ainda a importância dos signos para o homem, porque a sua utilização permite ao homem uma imagem do objeto nomeado mesmo sem a sua representação material.

Em nossa sociedade, para a sua comunicação, o homem utiliza a linguagem, e ela ocorre nas diferentes estâncias da sociedade como entre os diferentes grupos sociais. Em nossos dias atuais, não é possível o acesso aos bens culturais da humanidade sem a linguagem.

Para Leontiev (2004), a linguagem nasceu com a atividade essencial do homem, o trabalho, dado que havia a necessidade de comunicação para o seu desenvolvimento. Posteriormente, a linguagem é restringida somente à comunicação entre os seres humanos. Segundo Leontiev (2004, p. 93), “a produção da linguagem como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens”. A linguagem desempenha papel único na formação humana, uma vez que o homem a utiliza para expressão de suas ideias como também na organização da sua consciência. Não existe um ponto de separação entre a linguagem, pensamento e formação da consciência, visto que a sua relação é dialética na transformação que ocorre simultaneamente.

Luria (1979b) ao descrever sobre o comportamento intelectual, traz as diferenças existentes entre o homem e o animal, demonstrando que essencialmente existem três tipos de comportamento: o motor-sensorial, o perceptivo e intelectual. O comportamento intelectual é dividido em pensamento prático direto e pensamento lógico-verbal abstrato, e em ambos é utilizada a linguagem para o seu desenvolvimento, pois sem ela não seria possível ao homem a ação do pensamento. Para Vygotsky (1996, p. 213),

No ser humano, os mecanismos da fala estão longe de desempenhar somente um papel de reações expressivas. Esses (mecanismos) diferem de todas as demais reações por desempenharem um papel

funcional específico: sua ação transforma-se na organização do futuro comportamento da personalidade. E, de fato, as formas culturais superiores da atividade intelectual são alcançadas pelo planejamento verbal preliminar do homem. Passando de fora para dentro, a fala constituiu a função psicológica mais importante, representando o mundo externo dentro de nós, estimulando o pensamento e também, como acreditam vários autores, lançando os alicerces para o desenvolvimento da consciência.

Luria (1979b) apresenta que a segunda forma do comportamento intelectual é o pensamento verbal ou lógico-verbal, que ocorre somente a partir da linguagem. Nesse sentido, a palavra tem dupla significação, em que existe uma representação material dos objetos e a sua significação que permite a sua análise. É por meio do significado que é possível ao homem a realização do processo de abstração e generalização.

Segundo Volóchinov (2019), a palavra é usada na vida cotidiana na comunicação e possui diferentes valorações pelos sujeitos que a ouvem e a pronunciam. A palavra não é entendida sem a realidade material, pois é proferida em um contexto social e não isoladamente da vida cotidiana. A forma como a palavra é pronunciada é o resultado da sua entonação expressiva, e o que é falado é entendido no contexto extraverbal, ou seja, nem tudo o que falamos em nosso dia a dia necessita de explicações, porque por meio da entonação é possível entender os significados. Para Volóchinov (2019, p. 123), “a entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida”.

Ao abordar a linguagem, a sua estrutura básica é a palavra, que não é naturalmente dada. Antes, ela é o resultado de um desenvolvimento histórico. Isso é percebido no desenvolvimento infantil, dado que a construção da palavra pela criança tem diferentes transformações que são manifestas no seu discurso. Segundo Luria (1979b), é por meio da sua utilização que o homem formula conceitos, que são classificados em comuns e científicos.

O pensamento humano é organizado em um processo, e na apropriação da linguagem o homem tem sua comunicação ampliada. Luria (1979b), discorrendo sobre o enunciado, que é o ato do discurso humano, apresenta as suas variações. Nisso, percebemos a organização do processo de aquisição da linguagem humana. O enunciado tem a sua representação na linguagem falada, e o homem utiliza a

oralidade e a linguagem escrita para a expressão dos seus pensamentos. Nas duas formas, ocorrem processos psicológicos distintos.

A Imaginação também integra o sistema das funções psíquicas superiores. Vygotsky (2012), na explicação do significado da imaginação na vida humana, tem como ponto de partida o desenvolvimento da atividade humana. Para o autor, o homem realiza duas formas de atividade, que se diferenciam da seguinte maneira: o ser humano, utilizando somente o registro de sua memória para sua ação, realiza somente um ato de reprodução, enquanto no processo de elaboração ele utiliza a imaginação para a criação de novas possibilidades para o seu agir, o que é definido como um ato de criação. É nesse ponto que a imaginação entra em cena na vida humana, dado que ela que permite que o homem reelabore a sua conduta.

Toda função psíquica tem a forma elementar e superior, e seu salto qualitativo ocorre no processo de desenvolvimento, em que as experiências com a cultura vão transformando o psiquismo humano. Vygotsky (2012) afirma que o homem na realidade encontra os elementos necessários para o desenvolvimento da imaginação, e que é no acúmulo de suas experiências, mediado pela cultura, que isso ocorre. Nesse momento, percebemos a importância da memória no processo da imaginação.

Durante muito tempo na história humana, existiu a cisão entre racional e emocional, em que as ações humanas eram realizadas com a razão e as emoções foram colocadas em segundo plano. Essa dicotomia é representada pela oposição entre o objetivo e o subjetivo, mas quando pensamos na formação humana que abarca o ser humano na totalidade não existe o detrimento do intelectual sobre as emoções. Para Vygotsky (2012, p. 41), “os dois fatores intelectual e emocional – aparecem, em igual medida, necessários para o ato criativo. O sentimento e o pensamento movem a criatividade humana”.

A criança e o adulto se diferenciam na imaginação devido ao fato de que o homem tem o acúmulo maior de experiências vivenciadas, enquanto a criança está no seu processo de aquisição da construção de suas experiências e sua memória. Quanto mais rico for o meio para a criança, maior será o êxito no seu processo de imaginação. Nesse sentido, não desvinculamos o processo de imaginação dos aspectos materiais da nossa sociedade, pois o imaginar também se torna um privilégio de classe em uma sociedade marcada pela desigualdade.

E como último componente do sistema psíquico, temos as emoções e os sentimentos. O aspecto emocional humano tem conexões com todo o sistema psíquico. Por exemplo, existem memórias positivas e negativas e sensações boas e ruins, e a valoração que damos às nossas vivências e a significação que atribuímos à nossa história de desenvolvimento estão imbuídas dos nossos sentimentos e emoções. Segundo Martins (2015, p. 71), “as vivências emocionais diferenciam-se em duas categorias fundamentais: as emoções e os sentimentos”.

Martins (2015) define que as emoções não são exclusividade dos homens, afinal existem também no mundo animal. A diferença estabelecida entre a emoção humana e a animal é que a emoção do homem é pertencente ao sujeito social, ou seja, não é somente a reação do instinto biológico, mas também a apreensão do comportamento humano.

Nas emoções, também ocorre o salto qualitativo. Segundo Martins (2015, p. 72), “é por influência decisiva da cultura que as atitudes emocionais, os afetos, vão adquirindo o caráter de sentimento”, é no processo de humanização que as reações emocionais se qualificam. É esse componente do psiquismo humano que permite ao homem a sua sensibilização no contato com a obra literária, a música. Na vida humana, não existe atividade desenvolvida sem o caráter das vivências emocionais.

Diante do exposto, na descrição das funções psíquicas superiores, afirmamos que a construção da linguagem musical é permeada pelas funções psíquicas superiores. Por exemplo, ao tocar um instrumento como o piano, o aluno no momento inicial utiliza as sensações no contato com as teclas. Para as nuances dos toques, como legato e staccato, são necessárias as percepções. Na leitura da partitura, requer a atenção, e a memória evoca a construção musical no reconhecimento das notas e suas nuances. Para o entendimento do sentido musical, utilizamos o pensamento, e ao olhar a música ampara-se na imaginação na criação de uma imagem representativa. Essa ação não acontece isoladamente, todas as funções são utilizadas em conjunto.

Considerando que o Materialismo Histórico e Dialético é uma concepção mundo que contribui para o homem na reflexão da realidade social e histórica, que na Teoria da Atividade percebemos a importância do trabalho na ação humana, que na Teoria Histórico-Cultural entendemos o desenvolvimento humano na sua interação com a cultura em um dado momento histórico que promove o

desenvolvimento do seu sistema psíquico e que na Atividade de Estudo o aluno se apropria do conhecimento científico elaborado pela humanidade, levamo-nos ao apontamento do papel do professor na humanização do homem.

Ressaltamos anteriormente, de forma sucinta, a especificidade do referencial teórico, visto que o professor não é neutro na sua ação docente, e que as suas concepções de mundo, da sociedade, da escola, do aluno, do conhecimento e das relações desenvolvidas no espaço escolar na sociedade capitalista contribuem para a formação de sujeitos críticos ou alienados.

Vivemos em nossa sociedade um momento delicado, no que se refere à especificidade do papel do professor, e isso não é uma preocupação de nosso século. Os estudos de Vygotsky (2010), nas suas reflexões, buscavam uma definição para a psicologia do mestre, apontava o que não significava ser professor. O campo educacional tem diferentes concepções que versam sobre o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem.

A educação é singular em nossa sociedade, pois tem a função de contribuir para o desenvolvimento psíquico do homem, permitindo que na apropriação dos bens culturais ocorra o salto qualitativo das funções psíquicas de elementar para superior e que o homem alcance as suas máximas possibilidades.

Mello (2009) discorre sobre a tríade cultura, mediação e atividade. O primeiro componente representa o que o homem produziu e acumulou na história. O segundo termo é a mediação, que na escola é representada pelo papel do professor no processo educativo, e o último se refere à ação do homem no seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocionalmente na aquisição da cultura.

Nesse sentido, para satisfação da necessidade da apropriação do conhecimento, é necessário que o homem acesse a cultura produzida, o que ocorre por meio da escola, considerada como a instituição que permite que nas novas gerações sejam produzidas as ações do comportamento humano. No espaço escolar, o processo de ensino e aprendizagem ocorre na interação entre o aluno e professor, e que em cada um ocupa posição diferenciada no processo. Em relação ao papel do professor, Mello (2009, p. 367) afirma que

O professor é, assim um intelectual que intencionalmente apresenta às novas gerações a cultura social produzida e historicamente

acumulada. Sob a forma de experiências, vivências e situações, o professor intencionalmente produz o processo de humanização, ou seja, o processo de constituição do humano nas novas gerações.

A autora ressalta que a ação pedagógica tem intencionalidade, abrangendo não somente a escolha do conteúdo, mas o que o termo abarca em si, implicações que contemplam os aspectos políticos, sociais, filosóficos, históricos, entre outros. Cabe ao professor oportunizar a cultura, e não somente o acesso como a inserção e imersão do aluno nesse legado humano. Sem essa ação, não ocorre a humanização.

Portanto, o professor no papel de mediador da cultura e em nosso trabalho, especificamente a música, enquanto componente da Arte e no entendimento do desenvolvimento do psiquismo humano, é nessa junção um promotor do processo de humanização.

6 O MÉTODO DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO ENQUANTO CONSTRUCTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Este capítulo tem como foco descrever o Método do Materialismo Histórico e Dialético, escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, e suas implicações em teorias que surgiram com base no referencial teórico adotado. Inicialmente conceituamos os termos materialismo, histórico e dialético, no entendimento de como os respectivos termos representam uma totalidade na construção do método.

Em seguida, descrevemos o percurso histórico da gênese da Teoria Histórico-cultural, apresentando o contexto de sua criação a partir do referencial marxista para sua elaboração. Posteriormente, explicitamos as diferenças entre o psiquismo dos animais e do homem nas suas especificidades na teoria supracitada. Logo após, a partir do referencial teórico do marxismo, expomos sucintamente a Teoria da Atividade na compreensão dos elementos e a Teoria de Estudo nos seus desdobramentos para a educação. Por último, apontamos o delineamento da pesquisa, sua organização, os instrumentos para a geração dos dados e o sujeito participante do experimento formativo.

Para o avanço da sociedade em suas diferentes esferas, o conhecimento científico é fundamental, pois por meio do desenvolvimento das pesquisas científicas é possível que os conhecimentos existentes sejam reafirmados ou refutados, criando assim a possibilidade de que novos conhecimentos sejam alcançados.

A produção do conhecimento não é realizada sem o desenvolvimento da pesquisa, mas surge nas indagações humanas, nas buscas por respostas a problemas colocados em nosso mundo. Há diversas teorias que são aportes na explicação do mundo que nos circunda. É por meio de diferentes óticas que o homem conhece a realidade e os objetos que nela são encontrados, utilizando as diferentes visões de mundo que são representadas pelas teorias. Saviani (2013) afirma que os gregos se utilizavam de três formas para o conhecimento: a doxa, a sofia e a episteme. Segundo Saviani (2013, p. 14):

Doxa significa opinião, isto é, o saber próprio do senso comum, o conhecimento espontâneo ligado diretamente à experiência cotidiana, um claro-escuro, misto de verdade e erro. Sofia é sabedoria fundada numa lógica de experiência da vida. É nesse

sentindo que se diz que os velhos são sábios e que os jovens devem ouvir seus conselhos. Finalmente episteme significa ciência, isto é, o conhecimento metódico e sistematizado.

Portanto, o nosso foco de conhecimento é a episteme, que representa o conhecimento científico que possui uma metodologia própria e um rigor. Gamboa (2011) aponta que a episteme surgiu como necessidade de busca por respostas aos problemas existentes no mundo, diferenciando-se da doxa e da forma mítica, que os gregos utilizaram para as explicações de suas indagações. Afirmamos que a episteme nasce como superação do conhecimento mítico e do senso comum.

Desenvolver uma pesquisa é buscar por respostas a um determinado problema existente na realidade, pesquisa essa que é alicerçada a uma teoria que proporciona condições para a análise do objeto, que na observação é captado em todos os ângulos possíveis. Não se trata somente da sua observação com a finalidade da descrição. Segundo Paulo Netto² (2011, p. 20-21),

Para Marx, a teoria é uma modalidade peculiar do conhecimento [...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto.

Compreendendo a importância da teoria na construção do nosso pensamento teórico, no papel de pesquisador e com sua importância para apreensão e compreensão do nosso objeto de pesquisa, apontamos como fundamento do nosso trabalho a perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético.

Neste momento, descreveremos o caminho metodológico percorrido de acordo com o desenvolvimento da pesquisa em suas diferentes etapas. A metodologia é o percurso que utilizamos para o delineamento do objeto estudado. É o ponto nevrálgico em que são explicitadas a escolha do método, a sua justificativa, a abordagem, o instrumento utilizado para a geração dos e o seu tratamento na análise.

² A grafia do nome do autor é apresentada conforme a obra consultada.

É na definição do método, considerado como norte para o pesquisador, que é possível realizarmos o planejamento das ações, constituindo o corpo metodológico. Na escolha do método do Materialismo Histórico e Dialético, entendemos que ele nos orienta para a compreensão da realidade, na qual o nosso objeto de estudo está inserido. Acreditamos que não é possível o desenvolvimento da pesquisa em um campo de neutralidade, porque na escolha do caminho percorrido ao longo do desenvolvimento da pesquisa exercemos o poder de escolha entre as abordagens.

Gamboa (1998), em uma análise minuciosa do desenvolvimento das pesquisas em nosso país, apresenta um panorama da produção acadêmica, classificando-o em três abordagens epistemológicas. Elas são definidas como: as empíricos-analíticas, as fenomenológicas-hermenêuticas e as crítico-dialéticas, as quais são representações de diferentes maneiras para o desenvolvimento da pesquisa. O autor aponta que as diferenças estabelecidas entre as abordagens são referidas aos elementos essenciais da pesquisa, como o tratamento do objeto, a relação entre o sujeito e o objeto e o conceito da ciência, da educação, da realidade e da história.

Segundo Gamboa (2007), a pesquisa tem como fundamento os pressupostos gnosiológicos que são definidos na relação existente entre o objeto e o sujeito na construção do conhecimento. Possui também os aspectos ontológicos, que são as concepções da cosmovisão de mundo sobre o que é o homem, a história e a realidade. Cada uma das abordagens apresenta um foco para os pressupostos. Para as abordagens empíricos-analíticas, o objeto é o centro, em que se valoriza a objetividade, enquanto para as abordagens fenomenológicas-hermenêuticas o sujeito está no centro do processo, representando a valoração da subjetividade. E as abordagens crítico-dialéticas consideram o sujeito e o objeto no processo, no contexto do mundo real no movimento dialético.

Sumariamente, na descrição das abordagens, o Método do Materialismo Histórico e Dialético é definido como crítico-dialética, que segundo Gamboa (2011, p. 129)

O enfoque crítico dialético trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades. Para este enfoque o homem

conhece para transformar e o conhecimento tem sentido quando revela as alienações, as opressões e as misérias da atual fase de desenvolvimento da humanidade; questiona criticamente os determinantes econômicos, sociais e históricos e da potencialidade da ação transformadora. O conhecimento crítico do mundo e da sociedade e a compreensão de sua dinâmica transformadoras propiciam ações (práxis) emancipadoras.

O conhecimento nessa perspectiva não é somente pela busca da aparência do objeto, mas tem como objetivo final a sua essência. O homem não é um sujeito que está na sociedade de modo ingenuamente passivo e em posição de neutralidade. Antes, por meio de sua ação muda e transforma o *status quo* da organização societal.

De acordo com Paulo Netto (2011), a perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético foi elaborada por Marx, que teve como objeto de estudo a sociedade burguesa. O autor aponta elementos que contribuíram para a formulação do método marxista, como o papel da teoria no conhecimento do mundo, o papel desempenhado pelo sujeito na condição de pesquisador numa relação ativa com o seu objeto de estudo, os diversos instrumentos utilizados para observar o movimento do objeto e a distinção entre a investigação e a exposição da pesquisa. É necessário ressaltar que o método não se constitui em passos desenvolvidos numa sequência estanque, que resulta no conhecimento do objeto, mas é uma relação dialética entre o sujeito e o objeto em movimento na realidade concreta.

Segundo Marx (1978, p. 117), “o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado”. A finalidade do método é a busca do conhecimento da realidade em sua essência, é alcançarmos um nível de compreensão do mundo real além aparência. Marx (1978), ao expor por meio de discussão teórica como era o método utilizado por ele, apresentou três categorias essenciais que são a simples, a concreta e econômicas. Elas foram utilizadas para o entendimento do seu objeto de estudo e são percebidas no desenvolvimento histórico do homem e da sociedade. Quando o autor aborda conceitos como dinheiro, trabalho, sociedade burguesa e capital, ele os discute no contexto da materialidade.

6.1 A conceituação dos termos materialismo, histórico e dialético no método

Inicialmente, o método tem a designação de Materialismo, que nos traz a ideia da concepção de realidade que é representada, a do mundo material, sendo uma contraposição com a visão idealista de mundo. De acordo com Marx e Engels (1982, p. 14), “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”. Essa afirmação representa uma premissa de que a existência do nosso mundo possui uma base material.

Na teoria materialista, a realidade é representada pela categoria da totalidade, que segundo Kosik (1976, p. 44) “significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendidos”. Essa afirmação representa uma das premissas do método, e para Gamboa (1988, p. 27) “o método dialético não se entende fora da concepção da realidade entendida como uma totalidade concreta.”

Outro atributo na definição do método é o termo histórico. A concepção marxista de história é definida como o resultado da ação do homem no mundo na produção e reprodução da vida humana. O homem, ao nascer, não inicia a história humana no marco zero, mas é inserido no mundo concreto das produções humanas, que são o resultado do processo histórico desenvolvido até o presente momento pelo agir do homem enquanto sujeito histórico e social. Segundo Marx e Engels (1982, p. 29),

A história não é senão a sucessão das diversas gerações, cada uma das quais explora os materiais, capitais, forças de produção que lhe são legados por todas as que a precederam, e que por isso continua, portanto, por um lado, em circunstâncias completamente mudadas, a actividade transmitida, e por outro lado modifica as velhas circunstâncias como uma actividade completamente mudada [...]

E o último elemento do método é a dialética. Segundo Konder (2008, p. 8-9), ela “é o modo de pensarmos as contradições da realidade. O modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”. É por meio da dialética que entendemos que a realidade não é estática, mas que antes está em constante movimentação e que, por esse fato, o homem transforma a realidade existente.

Pensar no método do Materialismo Histórico e Dialético é considerar a existência do movimento dialético entre a realidade concreta e a história humana.

Isso representa a existência da unidade entre os três conceitos norteadores do método, que não são compreendidos isoladamente.

Segundo Kosik (1976, p.20), “a dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”. Para Gamboa (1998), a dialética é formada pelas categorias: da totalidade (que representa a realidade concreta), do concreto e do abstrato, do fenômeno e da essência, da causa e do efeito, da análise e da síntese, da explicação e da compreensão. Não é o nosso foco explorarmos as categorias dialéticas, mas compreendemos que são utilizadas no processo de investigação do nosso objeto de estudo. Sintetizando o pensamento acerca do método, Marx (2008, p. 258-259) afirma que

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação.

Portanto, é no movimento dialético que o homem apreende o mundo real e forma o seu pensamento, cujo ponto de partida é o concreto simples, que por meios das categorias dialéticas ascende ao concreto pensado como síntese.

6.2 A Teoria Histórico-Cultural e o contexto de sua gênese

O marxismo tem a sua origem no Ocidente, especificamente na Europa, e avança para o Oriente, chegando à Rússia no final do século XIX. Foi na expansão das ideias marxistas que houve o desdobramento de novas concepções teóricas, que na apropriação das premissas do Materialismo Histórico e Dialético alcançaram êxito no seu desenvolvimento. Uma teoria elaborada sobre a influência marxista é a Teoria Histórico-Cultural. Segundo Prestes (2010), para o entendimento coerente da Teoria Histórico-Cultural é necessário entendermos o contexto histórico em que ocorreu o seu nascimento e as inquietações que moviam os intelectuais naquele momento. Segundo Prestes (2010, p. 27):

Na Rússia, em 1905, ocorre a primeira tentativa de realizar uma Revolução Socialista. Seu fracasso é avaliado como ensaio geral

pelos seus líderes, pois a derrota serve de lições para o futuro e o ano de 1917 termina com a instalação do poder dos Sovietes na Rússia. O processo revolucionário, iniciado na capital, Petrogrado, é desencadeado pelo povo em estado de miséria e fome. Mas, além desses fatores, na Rússia do final do século XIX, havia se formado uma intelectualidade, munida das ideias revolucionárias de Marx que foi capaz de organizar um partido político atuante e com liderança entre as classes trabalhadoras.

A autora aponta que o marxismo com as suas ideias contribuiu para a organização da classe trabalhadora e o desencadeamento da Revolução de 1917. De acordo com Prestes, Tunes e Nascimento (2013, p. 55), “a revolução pôs como tarefa primordial a formação do homem novo e de uma escola nova que iria educar esse homem que viveria na nova sociedade socialista”. Portanto, é no contexto histórico vivenciado na Rússia, nas necessidades da criação de uma nova sociedade e na busca por uma nova concepção do homem na condição de sujeito histórico e social que ocorre o engendramento da Teoria Histórico-Cultural. Para a compreensão da referida teoria, consideramos que os seus fundamentos estão alicerçados na teoria materialista e na historicidade do início do século XX da Rússia, uma vez que sem essa lente podemos ter interpretações equivocadas.

Outro aspecto de relevância está na crise que a psicologia enfrentava na relação entre seu objeto de estudo e seu método. O nosso objetivo não é realizar um resgate histórico do desenvolvimento da Psicologia considerada como campo do conhecimento científico, mas apontar aspectos para a compreensão de por que a Teoria Histórico-Cultural foi um avanço no entendimento do psiquismo humano. Para Kravtsov e Kravtsova (2019, p. 26), “na psicologia no início século XX e até a década de 1930, havia uma clara crise. Seu motivo e sua essência era a perda do objeto”. Conseqüentemente, para a superação da crise, inúmeras correntes teóricas foram criadas na explicação do psiquismo humano, a exemplo dos gestaltistas, do freudismo, do behaviorismo.

Luria (1979) apresenta um panorama histórico do desenvolvimento da psicologia enquanto ciência, além de como o psiquismo humano era explicado na cisão entre o mundo material e o mundo psíquico do homem. Historicamente, havia essa dicotomia entre os dois fenômenos, em que subjetivismo e objetivismo não representavam a descrição da psique humana na totalidade, o que mostra o enfoque dualista.

Na busca por respostas que expunham uma explicação do psiquismo humano, diferentes correntes teóricas buscavam o seu espaço na história. Kravtsov e Kravtsova (2019) destacam que o behaviorismo reduziu o homem somente a um sujeito condicionado aos reflexos do mundo material, desconsiderando o subjetivismo como aspecto da formação humana. Outra explicação para o psiquismo foi apresentada pela psicanálise. Com os autores, percebemos que a crise da psicologia estava em seu ápice, visto que não havia clareza e coesão na definição do psiquismo humano.

Para a resolução do conflito e a proposição de nova perspectiva, Luria (1979, p. 5) afirma que “as vias para superar a crise na Psicologia foram formuladas pela primeira vez pelo notável psicólogo soviético Lyev Semiônovitch Vigotsky (1896-1934)”. Isso representa que Vygotsky foi o precursor da Teoria Histórico-Cultural. Leontiev (2004, p. 163-64) afirma que

Uma nova etapa no estudo do problema do determinismo sócio-histórico do psiquismo humano foi marcada pelos trabalhos de L. S. Vygotski. Foi ele o primeiro entre nós (em 1927) a exprimir a tese de que a démarche histórica devia tornar-se o primeiro diretor da edificação da psicologia do homem. Efetuou a crítica teórica das concepções biológicas naturalistas do homem e opôs-lhe a sua teoria do desenvolvimento histórico e cultural. O mais importante é que introduziu na investigação psicológica concreta a idéia da historicidade da natureza do psiquismo humano e a da reorganização dos mecanismos naturais do processo psíquicos no decurso da evolução sócio-histórica e ontogênica. Vygotski interpretava esta reorganização como o resultado necessário da apropriação pelo homem dos produtos da cultura humana no decurso dos seus contatos com os seus semelhantes.

A proposta de Vygotsky foi crucial nos estudos da psicologia, pois realizou críticas às teorias dominantes da época e apresentou um novo olhar para o entendimento psiquismo humano. Nesse momento, o homem não é compreendido somente por meio do aparato biológico, o qual não é negado, mas é insuficiente na explicação do processo de humanização do homem.

Na formulação da Teoria Histórico-Cultural, visualizamos a lógica dialética, porque não há negação do conhecimento construído até aquele momento, mas Vygotsky tece a sua crítica e propõe as premissas da sua formulação teórica. A Teoria Histórico-Cultural tem como pensadores em sua fase inicial Vygotsky, Leontiev e Luria, que são os representantes da primeira geração. Segundo Prestes,

Tunes e Nascimento (2013, p. 55), “não demorou muito para Vigotski assumir o papel de líder intelectual na “troika” formada com Luria e Leontiev”. Cada teórico estudou diferentes aspectos do psiquismo humano.

Os estudos de Prestes, Tunes e Nascimento (2013) dissertam sobre a vida pessoal e acadêmica de Vygotsky, mostrando-nos as temáticas centrais no desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural. Longarezi e Franco (2013) afirmam que a principal contribuição de Leontiev para a teoria foi a construção da Teoria da Atividade. E segundo Akhutina (2013, p. 112), “A. R. Luria viveu uma vida expressiva e plena. Seus trabalhos estão ligados à comprovação experimental das ideias da Psicologia histórico-cultural”. Percebemos existir uma conexão entre Vygotsky, Leontiev e Luria em relação ao fio condutor do desenvolvimento humano.

6.3 A diferença entre o psiquismo humano e animal

Luria (1979) demonstrou que o animal possui psiquismo elementar, que surgiu na complexificação da vida e que ocorre somente no vínculo biológico e na sua adaptação à natureza. Por sua vez, o homem realiza um movimento contrário, submetendo a natureza a si. Isso representa a distinção entre o psiquismo humano e o psiquismo animal. Leontiev (2004) demonstrou o caminho percorrido na vida animal em relação à vida psíquica, apontando os diferentes estágios do psiquismo animal, os quais são apresentados em três níveis: o sensorio elementar, o perceptivo e o intelecto.

Em contrapartida, o psiquismo humano é desenvolvido por meio do aparato biológico que o ser humano possui, mas isso não explica o desenvolvimento humano, embora seja necessário, mas que não é suficiente para humanização do homem. A diferença estabelecida entre o psiquismo humano e animal, segundo Leontiev (2004, p. 73), é que “no mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica; quando se chega ao homem, psiquismo submete-se às leis do desenvolvimento sócio-histórico”. Para Luria (1979), o processo de humanização do homem tem como fator essencial a relação com sua atividade que é desenvolvida no decurso de sua vida, o trabalho. E é por meio dessa ação que é formada a sua consciência. Outro fator é o surgimento da linguagem, dado que ela permitiu ao homem a comunicação com os seus pares e ao mesmo tempo a transmissão às novas gerações da cultura desenvolvida na

história. Existe uma relação intrínseca entre a linguagem e o desenvolvimento das funções psíquicas do homem. Para Luria (1979, p.81):

Ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência.

O homem e os animais são diferenciados no desenvolvimento de sua atividade, uma vez que os animais somente se adaptam à natureza enquanto o ser humano domina a natureza para a satisfação de suas necessidades. Leontiev (2004), discorrendo sobre o trabalho, apresenta duas características: o homem utiliza os instrumentos e os cria conforme as suas necessidades e sua atividade é desenvolvida coletivamente, nas relações sociais com seus pares. O trabalho, a consciência e a linguagem não são separadas em suas relações, pois estão interligados. Leontiev (2004, p. 93) afirma que “a produção da linguagem como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens”. Portanto, o homem se torna humano somente por meio do desenvolvimento de sua atividade. Para Martins (2015, p. 30):

[...] a teoria histórico-cultural, em consonância com o aporte filosófico materialista dialético, postula o psiquismo humano como unidade material e ideal construída filo e ontologicamente por meio da atividade, isto é, nos modos e meios pelos quais o homem se relaciona com a realidade, tendo em vista produzir as condições de sua sobrevivência e dos seus descendentes.

Em síntese, a Teoria Histórico-Cultural estuda o psiquismo humano, e ele é desenvolvido somente no trabalho humano, visto que o homem é sujeito ativo do processo. É na atividade que o homem perpetua a sua história.

6.4 A Teoria da Atividade de Leontiev

Para o desenvolvimento do psiquismo humano, o homem em atividade apropria-se da realidade objetiva por meio da sua relação com a natureza enquanto um sujeito ativo. De acordo com Longarezi e Franco (2013, p. 82), “ao longo de sua vida e obra, Leontiev desenvolveu de forma sistemática a Teoria da Atividade”. Não é somente o homem que desenvolve a atividade, pois os animais também a realizam. Na ação humana a atividade não é somente para a satisfação das suas necessidades, mas também para o desenvolvimento da sua consciência que tem o papel de orientar a atividade.

Leontiev (2004) define os elementos essenciais na composição da estrutura da atividade desenvolvida pelo homem, que são as necessidades, o objeto, os motivos e a ação. É a partir da satisfação de uma necessidade, material ou espiritual, que o ser humano inicia a sua atividade. Segundo Bernardes (2012, p. 48), “a necessidade como característica psíquica estabelecida na relação entre o homem e o mundo, vincula-se diretamente ao objeto da atividade, o que a determina como ação consciente”. Para suprir a carência humana, o homem necessita de um objeto que está no exterior. É por meio do trabalho que o homem produz os objetos utilizados para a satisfação das suas necessidades.

Outro elemento da atividade são os motivos, que desencadeiam a ação humana. O motivo é o impulsionador e orientador da atividade, mas não a origina. Para Leontiev (2017, p. 45), “denomina-se motivo da atividade aquilo que, refletindo-se no cérebro do homem, excita-o a agir e dirige a ação a satisfazer uma necessidade determinada”. Existem diferentes tipos de motivos, que segundo Leontiev (2017, p. 48) “dividem-se em naturais e superiores e, entre estes, existem os materiais e os espirituais”. De acordo com o motivo, é desenvolvido um tipo de atividade para a satisfação de uma determinada necessidade. É na definição do motivo que o homem escolhe a ação adequada a ser realizada.

A atividade representa o movimento dialético, porque o homem em necessidade busca um objeto para a sua satisfação. É na definição do motivo que o ser humano entra em ação. Segundo Martins (2015, p. 63), “as ações são componentes da atividade, são processos subordinados à representação do objetivo final a ser alcançado pela atividade e orientadas por seus fins específicos”. A ação no desenvolvimento da atividade representa a sua finalidade, respondendo a um motivo. E as ações resultam em operações. Conforme Bernardes (2012, p. 50), “diante das condições de execução das ações, as operações estabelecem-se

como funções automatizadas, que concretizam o objetivo da atividade”. E Segundo Martins (2015, p. 64), elas “representam maneiras de realizar-se uma ação em condições específicas”. O homem em atividade depende das condições materiais da sua vida em sociedade. Longarezi e Franco (2013, p. 92) afirmam que

A atividade, originária de uma necessidade, é dirigida a um determinado objeto (que consiste no seu conteúdo); depende dos motivos – o que move o sujeito –; e é constituída por ações – que, por sua vez, dependem dos objetivos –; e são dirigidas por operações – que são os meios ou procedimentos para realizar a ação.

Portanto, a atividade é representada na relação entre seus elementos: a necessidade, o objeto, os motivos, as ações e as operações, em movimento dialético. Existe uma relação entre o homem e o objeto da satisfação da necessidade, que a partir do motivo entra em movimento. Isso é percebido no desenvolvimento da atividade humana, desde a tenra idade, dado que o homem, ao nascer, precisa se apropriar do mundo objetivo e faz isso por meio da sua ação na realidade.

Leontiev (2010) descreve os estágios do desenvolvimento infantil demonstrando como acontece a interação da criança com o mundo em seu entorno. Em cada período a criança possui uma atividade principal, que segundo Leontiev (2010, p. 65) é “a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento”. Então, quando a criança é inserida na escola a sua atividade norteadora é a Atividade de Estudo.

Cada homem desenvolve então a atividade, conforme o sentido supracitado, no espaço escolar, além dos professores e alunos também estarem em atividade, que é diferenciada pelo conteúdo. Quando referenciamos o espaço escolar, o primeiro pensamento é a relação de ensino e aprendizagem. Moura et al. (2010) discutem o conceito de aprendizagem, apontando que os alunos desenvolvem a atividade de aprendizagem para a apropriação do pensamento teórico, e ao abordarem o conceito de ensino, afirmam que o professor é quem organiza intencionalmente a sua atividade de ensino. Com isso, não realizamos uma dicotomia no processo de ensino e aprendizagem, mas somente apontamos as especificidades de cada sujeito no processo.

Considerando que tanto o aluno como o professor são sujeitos sociais em atividade com o conhecimento histórico produzido pela humanidade, os autores propõem o conceito de Atividade Orientadora de Ensino (AOE), que segundo Moura (2010, p. 99)

É esse modo especial de organizar o ensino, em que objetivos, ações e operações se articulam como atividade, que dá a AOE a dimensão de unidade formadora do estudante e do professor, ao concretizarem a apropriação da cultura no contexto da educação escolar. Assim, a qualidade de mediação da AOE a caracteriza como um ato intencional, o que imprime uma responsabilidade ímpar aos responsáveis pela educação. Esta, entende-se, é primordialmente a responsável pela aprendizagem de conceitos científicos e pelo desenvolvimento do pensamento teórico, orientada pela intencionalidade de impactar os sujeitos, proporcionando as alterações no desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores e a apropriação de conceitos científicos.

A AOE é uma possibilidade para o desenvolvimento das ações pedagógicas na escola, uma vez que afirmamos que o trabalho escolar na perspectiva dialética dos sujeitos do processo é transformado no desenvolvimento de suas atividades.

6.5 A Teoria da Atividade de Estudo

A Teoria Histórico-Cultural é centrada na discussão do desenvolvimento do psiquismo humano, enquanto a Teoria da Atividade demonstrou que a humanização do homem ocorre por meio de sua atividade na apropriação da cultura produzida pela humanidade. A partir dos estudos das referidas teorias e do referencial teórico do materialismo histórico e dialético, é elaborada a Atividade de Estudo, que teve como precursor Davidov.

O ser humano em cada fase do seu desenvolvimento possui uma atividade que é primordial e reguladora, que contribui para o salto qualitativo na transformação do seu psiquismo. Ao nascer, a criança é inserida em um mundo humano, criado pelas gerações anteriores, e desde a sua tenra idade inicia o processo da atividade para conhecer a realidade que o circunda. Ao iniciar a sua vida escolar, a criança vivencia o processo da atividade de estudo.

Na escola, entre as atividades desenvolvidas Miller (2019) aponta que a atividade de estudo é a atividade dominante e que tem início na idade escolar, e exerce uma função diferente no sujeito em cada etapa do seu desenvolvimento escolar, que percorre dos Anos Iniciais aos Anos Finais da Educação Básica. Segundo Davidov (2020, p. 175), “a atividade principal do pequeno escolar passa a ser o estudo, que modifica essencialmente os motivos de sua conduta, criando novas fontes para que se desenvolvam suas possibilidades cognitivas e morais”. Portanto, a atividade de Estudo aponta as possibilidades do desenvolvimento das crianças em idade escolar, por meio dos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Miller (2019, p. 79),

A atividade de estudo, em seus diferentes níveis de formação, constitui-se como um caminho privilegiado para inserir o aluno em um processo de aprendizagem que gera o desenvolvimento, isto é, que o transforma qualitativamente, tornando-o sujeito capaz de agir de forma autônoma e criativa em seu meio.

A atividade de estudo não consiste em ações que o aluno realiza no sentido de reproduções ou ações puramente mecânicas. Também não representa uma nova metodologia a ser aplicada pelo professor no contexto da sala de aula. Antes, a atividade de estudo é o desenvolvimento de uma relação em que o aluno tem ação consciente e caráter ativo, e o professor tem papel relevante no desenvolvimento da atividade de estudo.

Existe uma relação essencial entre o conceito geral da atividade e a atividade de estudo, pois elas surgem a partir de uma necessidade. Segundo Davidov (2020, p. 170), “a relação teórica com a realidade e com os modos de orientação correspondentes, constituem a necessidade e o motivo da Atividade de Estudo da criança”. O viver em sociedade da criança e as exigências do seu desenvolvimento na condição de ser social é que geram a necessidade da criança na apropriação e objetivação da cultura. Isso permite a orientação da criança na realidade objetiva na sua essência, e não na aparência. Outro aspecto é a especificidade do conteúdo da Atividade de Estudo, que de acordo com Davidov (2020, p. 197) seu “principal conteúdo [...] é a assimilação dos modos generalizados de ação nas esferas dos conhecimentos científicos”.

Miller (2019) afirma que a atividade de estudo possui três níveis em que o aluno, como sujeito ativo na atividade, tem uma transformação em si. Inicialmente, a

atividade é mediada pelo professor; no momento posterior, é marcada pela maneira como o aluno desenvolve a atividade de estudo, para então finalmente apropriar-se do papel de produtor da atividade autonomamente. A atividade de estudo tem como objetivo a apropriação do pensamento teórico por meio da análise, da reflexão e da planificação.

A estrutura geral da Atividade de estudo é organizada em quatro componentes, que são: as tarefas de estudos, as ações de estudo, o controle e a avaliação. Para o desenvolvimento da Atividade de Estudo, o aluno tem a necessidade da compreensão do significado das tarefas de estudo, que segundo Davidov (1999, p. 3) “exige dos alunos da escola uma análise das condições de origem destes ou daqueles conhecimentos teóricos e o domínio de formas generalizadas correspondentes”. No desempenho das ações de estudo, o aluno realiza a proposição de suas tarefas. A atividade de estudo é desenvolvida em seis ações. Para Mame, Miguel e Miller (2019, p. 3), é

Por meio das ações realizadas pelo escolar durante a atividade de estudo movimenta-se o processo de apropriação dos conhecimentos social e historicamente produzidos, processo esse que constitui a condição essencial para o surgimento das neoformações que caracterizam o desenvolvimento intelectual na idade escolar, como análise, reflexão e planificação das ações mentais, que, ao mesmo tempo em que estão sendo formadas, participam ativamente da formação do pensamento teórico do aluno. Nesse processo, são geradas as principais mudanças qualitativas em seu psiquismo, sua consciência e sua personalidade.

Portanto, o desenvolvimento psíquico do homem não ocorre somente no aspecto cognitivo, mas também nas emoções e na afetividade. Isso tem como significado o desenvolvimento. Marino Filho (2019) afirma que a atividade de estudo nasce de uma necessidade social. Para que a atividade de estudo atinja a finalidade que se propõe, é necessário o envolvimento do aluno, e isso ocorre por meio do sentido e do significado que o aluno atribui a ela, visto que para o aluno a atividade não é somente o resultado da reprodução de uma ação mecânica reproduzida. A significação da atividade para o aluno possui o aspecto social. Para Marino Filho (2019, p. 64), “a síntese da atividade de estudo é – na esfera da individualização dos sujeitos – representada pela personalidade”.

Clarindo e Miller (2016) apresentam que a atividade é organizada de motivos, ações e operações. A atividade de estudo inicialmente não surge espontaneamente, antes é uma necessidade da criança na idade escolar, que inserida na escola tem como necessidade a apropriação da cultura, ou seja, o aluno tem uma transformação qualitativa no pensamento empírico para o pensamento teórico, além de que seja autor da sua produção. Para Miller e Clarindo (2016, p. 268),

A atividade de estudo é a ferramenta que possibilita às crianças em idade escolar inicial a apropriação das capacidades necessárias à autoria. Capacidades que são a reflexão, a avaliação, a análise e o planejamento que são produtos da apropriação do conhecimento teórico como conteúdo da atividade de estudo e formam nos escolares a relação teórica com o mundo.

Portanto, a atividade de estudo, para atingir os objetivos que são propostos, é realizada por meio de uma ação em que o aluno na condição de sujeito é ativo no seu processo, atividade que não é realizada espontaneamente. Trata-se de um processo em que o aluno desenvolve tarefas que o transformam no papel de sujeito social.

6.6 Caracterização da pesquisa – a metodologias e os instrumentos

A partir da exposição do método, realizamos a delimitação da pesquisa que é experimental com delineamento de levantamento. A justificativa por ser experimental é que o pesquisador utilizou pela primeira vez a atividade de estudo para a sua ação didática nas aulas de piano. Em relação ao delineamento de levantamento, Calais (2019, p. 106) afirma que

Por meio da pesquisa de levantamento objetiva-se chegar à descrição, explicação e exploração do fenômeno proposto. Ao fazer um levantamento, frequentemente se descreve como aparece naquela amostra aquele comportamento ou atitude. Pode-se chegar também a uma explicação para a presença daquele fenômeno e consegue-se explorar um tema que não está claro para o pesquisador.

Isso vem ao encontro do nosso objeto da pesquisa, em que as intenções são fundamentadas na busca dos elementos para a compreensão da manifestação do objeto na realidade.

A intenção inicial, proposta no projeto de pesquisa, era trabalhar com uma amostragem de quatro alunos para a geração de dados. Por causa da crise sanitária em nosso país e das incertezas em relação ao *lockdown*, optamos na amostragem de somente um aluno. Para a sua seleção, diversos fatores foram considerados: o aluno possuir o instrumento musical, ter uma regularidade de estudos da música em casa e a possibilidade do estabelecimento de um novo *lockdown* era possível a manutenção das aulas sem prejuízos para a geração de dados.

Devido ao tempo no desenvolvimento da pesquisa, os instrumentos utilizados para a geração de dados foram três. No primeiro momento, realizamos uma entrevista semiestruturada de seis questões com o foco de captar a percepção do sujeito participante sobre os conceitos de aprendizagem, o professor mediador, as funções psíquicas superiores e a atividade de estudo. Em seguida, realizamos o Experimento Formativo, e logo após ocorreu uma entrevista final também com seis questões para mapear as possíveis alterações no pensamento do aluno. Entre as entrevistas, desenvolvemos o Experimento Formativo por meio da Atividade de Estudo nas aulas de piano. Em todo o percurso, as interações entre professor e aluno ocorreram na relação dialógica do contexto da sala de aula.

A escolha no desenvolvimento da Atividade de Estudo é justificada na compreensão de sua caracterização como atividade principal na vida do aluno em idade escolar e sua contribuição no desenvolvimento do pensamento teórico. Segundo Clarindo (2020, p. 143), “a Atividade de Estudo é a que simboliza a principal forma de agir das crianças que estão iniciando a educação de caráter sistematizado”. É por meio da ação da criança, no desenvolvimento da atividade e na condição de sujeito participante, que ela se apropria do desenvolvimento histórico da humanidade.

A pesquisa foi desenvolvida no Conservatório Musical de Londrina, no qual o pesquisador é professor dos instrumentos (piano e teclado). O sujeito participante é um adolescente de 14 anos, do sexo masculino, que está nos anos Finais do Ensino Fundamental.

As aulas no Conservatório ocorrem uma vez por semana, com a duração de 50 minutos. Para a nossa geração dos dados, optamos por trabalhar com duas

aulas seguidas por semana, visto que temos um tempo maior para o desenvolvimento do Experimento da Atividade de Estudo. Portanto, um total de vinte e quatro aulas, representando 12 semanas de intervenções.

As aulas ocorreram no formato presencial, dado que o ensino do instrumento do piano é realizado individualmente, o que nos permitiu em tempo de pandemia o desenvolvimento das aulas presenciais, seguindo os protocolos sanitários necessários, como a aferição da temperatura na chegada do professor e do aluno no conservatório, o uso de máscara, a utilização do álcool em gel para as mãos e para a higienização do instrumento.

O planejamento das aulas foi realizado por meio da seguinte estrutura da Atividade de Estudo: inicialmente identificamos o conteúdo e posteriormente o objetivo, a necessidade e o motivo. O procedimento foi realizado por meio da atividade criadora, considerando a interação do aluno com o material didático utilizado no ensino de piano.

A análise de dados é realizada por meio de uma abordagem qualitativa. Os instrumentos para a análise de dados são compostos pelas entrevistas semiestruturadas realizadas antes e depois do desenvolvimento da atividade de estudo, gravação das entrevistas e “diários de bordo” acerca das atividades desenvolvidas durante as aulas.

7 A ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo apresenta a sistematização dos dados gerados e sua respectiva análise na perspectiva do referencial teórico escolhido. Existem dois personagens centrais nesse momento, o professor e o aluno, e o nosso olhar é para o movimento dialético, dado que o desenvolvimento da Atividade de Estudo não é somente na aprendizagem do aluno, mas também na transformação da prática pedagógica do professor.

Para a exposição dos dados, existem inúmeros caminhos, mas escolhemos o seguinte procedimento: inicialmente, apresentamos a análise da entrevista realizada em momento anterior ao desenvolvimento da Atividade de Estudo. Em seguida, descrevemos o Experimento Didático Formativo na realização de suas diferentes etapas, demonstrando as ações da Atividade de Estudo e ao mesmo tempo como as funções psíquicas superiores são utilizadas nas ações do aluno para o desenvolvimento do seu psiquismo. Posteriormente, analisamos a entrevista posterior ao Experimento Formativo, para a verificação das alterações no pensamento do aluno quanto às suas vivências na Atividade de Estudo.

7.1 Os dados gerados e a sua sistematização

A pesquisa foi desenvolvida no Conservatório Musical de Londrina, instituição pioneira, dado que foi a primeira escola criada em nossa cidade, especificamente no ano de 1952. Em suas seis décadas de existência, tem desenvolvido intensa atividade no ensino de música, abrangendo as áreas da musicalização infantil e os diversos instrumentos musicais, como piano, violão, guitarra, teclado e bateria, além de aulas de canto.

As aulas de instrumento, no caso do piano, ocorrem uma vez por semana com a duração de 50 minutos. Em relação ao curso de piano, ele pode ser clássico, popular ou livre. A diferença entre as modalidades citadas está no caso do piano clássico possuir um currículo, denominado programa, que é realizado pelo aluno ingressante no curso e tem sua submissão nas bancas para a avaliação.

O procedimento para a geração dos dados é iniciado com a submissão do nosso projeto de mestrado intitulado “A linguagem musical como mediadora no desenvolvimento das funções psíquicas superiores” ao Comitê de Ética, visto que é

uma pesquisa que envolve seres humanos. Após a aprovação, entramos em contato com os pais e o aluno, explicando os objetivos da pesquisa e realizando o convite ao aluno participante. Com o devido consentimento das partes, apresentamos os Termos de Livre Consentimento e Esclarecido que, após a leitura, foi assinado.

Para gerar os dados, planejamos o Experimento Formativo por meio da organização das ações da Atividade de Estudo. Optamos por um mínimo de 24 horas-aula distribuídas em 12 semanas, em que cada encontro correspondeu a 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 1h e 40 minutos por encontro. As nossas aulas ocorreram presencialmente. Por meio do notebook, utilizamos o recurso do Google Meet para a gravação. Em virtude da instabilidade da Internet e problemas técnicos, houve uma perda mínima dos dados, e não gravamos a 4ª aula. No quadro a seguir, apresentamos a cronologia das gravações, com a duração de cada intervenção.

Quadro 7 - Sistematização das intervenções realizadas no período de 06/05/21 a 05/08/21

Data	Encontro	Duração
06/05/21	1º Encontro – 1 e 2ª aula	1h 40 min 51 s
13/05/21	2º Encontro – 3ª e 4ª aula	8 min 14 s e 1h 12 min 25 s
21/05/21	3º Encontro – 5ª e 6ª aula	1h 39 min 32s
27/05/21	4º Encontro – 7ª e 8ª aula	19 min 34 s e 16 min 58 s
10/06/21	5º Encontro – 9ª e 10ª aula	1h 25 min 49 s
17/06/21	6º Encontro – 11ª e 12ª aula	1h 39 min 45 s
01/07/21	7º Encontro – 13ª e 14ª aula	1h 41 min 22 s
08/07/21	8º Encontro – 15ª e 16ª aula	1h 38 min 28 s
15/07/21	9º Encontro – 17ª e 18ª aula	1h 42 min 06 s
22/07/21	10º Encontro – 19ª e 20ª aula	1h 18 min 53 s
29/07/21	11º Encontro – 21ª e 22ª aula	1h 45 min 46 s
05/08/21	12º Encontro – 23ª e 24ª	17 min 09 s e 1h 14 min 29s

Fonte: O autor (2021).

Ao detalharmos a geração dos dados em forma de quadro, é para a visualização do leitor das quebras nos encontros, os quais não foram realizados semanalmente, além dos feriados concomitantes com o respectivo dia de aula. Outro aspecto que apontamos é que no 4º encontro a gravação foi comprometida por problemas técnicos com a Internet do Conservatório. Em outros momentos, como o 2º, o 5º e o 10º encontro, eles foram menores devido ao aspecto técnico, no sentido de haver instabilidade na transmissão e oscilação da Internet.

O próximo passo foi a transcrição de cada intervenção, e nesse momento encontramos algumas dificuldades, dado que por conta da utilização da máscara não percebemos a linguagem de forma clara e audível do aluno em alguns

momentos. Nas transcrições, tomamos o cuidado para a manutenção da fidelidade do diálogo desenvolvido em sala de aula.

Para situar do leitor sobre os diálogos, os momentos de participação do professor e do aluno nas aulas e também entender o contexto, optamos por utilizar algumas legendas. O professor é indicado pela letra (P), enquanto o aluno pela letra (A). Para o momento em que o aluno está tocando, escolhemos o símbolo que representa o sustenido (#), e para o momento em que o professor toca optamos pelo símbolo que representa o bemol (b). Quando o professor e o aluno tocam simultaneamente, utilizamos (# - b).

7.2 Análise da Entrevista inicial

A nossa primeira intervenção organizada em duas partes: no primeiro momento, realizamos uma entrevista com o aluno com o objetivo de captar as suas primeiras percepções sobre a aprendizagem, o estudo de piano, as funções psíquicas superiores, as contribuições da música e a atividade de estudo. A entrevista era semiestruturada, composta de seis questões conforme o Apêndice B. Ao realizar as perguntas da entrevista, o professor buscou em alguns momentos, pelo intermédio de outras questões, elementos para o aluno expressar as suas ideias. Não apresentaremos as questões separadamente, mas no contexto do diálogo desenvolvido em sala de aula com o aluno. Optamos por meio do negrito realçá-las.

Para a primeira questão:

P – A primeira pergunta então é assim: **o que você entende por aprendizagem?**

A – Eu entendo como alguma uma coisa que eu sei fazer.

P – O que mais?

A –

Antes da análise da questão, é necessário apresentarmos quem é o participante da pesquisa, visto que ele é um sujeito social que vive em um determinado contexto. O aluno é um estudante do Ensino Fundamental II e está cursando atualmente o sétimo ano em um colégio particular da cidade de Londrina. Os seus pais são graduados em Psicologia. Sua mãe possui mestrado em Educação, atuando como Psicanalista, e o seu pai tem doutorado em Psicologia,

sendo coordenador de um Curso de Pós-Graduação em uma Universidade particular. Outro fator é o aluno ser estudante da Língua Inglesa e praticante de tênis. Como último elemento, o aluno estava com sobrepeso e realizou uma dieta, perdendo 23 quilos. Essas informações são pertinentes, dado que são elementos da sua vida, e isso permitiu a compreensão em parte das suas respostas.

Ao abordarmos a referida questão e sua formulação, colocamos em evidência que o termo aprendizagem não é desvinculado do desenvolvimento, mas que no processo de ensino e aprendizagem existe o papel do professor e do aluno, que representam uma unidade. Nesse sentido, a ótica recai sobre o entendimento do aluno do termo aprendizagem. Segundo Vigotsky (2000, p. 322), “a aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento, que a criança adquire certos hábitos e habilidades numa área específica antes de aprender a aplicá-los de modo consciente e arbitrário”. Então, a resposta do aluno, apesar de curta e objetiva, é uma representação do que significa aprendizagem para ele.

Nesse caso, são todas as atividades que ele tem a capacidade de fazer por si em seu cotidiano, como a aquisição dos elementos de uma nova língua, a capacidade para jogar tênis e o estudo do piano. Marino Filho (2018, p. 58) afirma que “a aprendizagem, assim, revela-se como mudança da relação de um sujeito com dado objeto ou outros seres humanos, ou ainda, de forma geral, com o seu próprio mundo”.

Em relação à segunda pergunta, estabeleceu-se o seguinte diálogo:

P – Como você organiza o seu momento de estudo de piano em sua casa?

A – Ficar reto, daí tocar direito.

P – Tá, mas, assim, o que você toca primeiro em casa? Você começa tocando o livro de lição, o livro de técnica?

P – Você toca primeiro os pentacórdios? E você faz eles em casa de mão separadas, já de mão juntas?

A – Eu faço de mãos separadas.

P – E você já toca eles de cor? Você já toca os pentacórdios de memória?

A – Sim.

P – Então tá, e depois dos pentacórdios, o que você toca?

A – As músicas que eu sei tocar.

P – Mas as músicas que você já aprendeu você toca novamente ou elas já estão superadas?

A – Elas estão superadas.

P – E você nunca mais volta a tocar elas?

A – Não.

P – Então tá.

Em relação à segunda pergunta, novos elementos são necessários para sua análise. O aluno iniciou os seus estudos no segundo semestre de 2019, portanto no momento da entrevista o estudante possuía uma vivência do estudo de piano. O estudo de qualquer instrumento implica também na observância de diferentes aspectos, como a posição do corpo na postura correta, o relaxamento dos braços e das mãos, entre outros fatores. Dessa forma, inicialmente o aluno apresenta uma resposta que é a preocupação com a sua postura ao instrumento. A partir da resposta do aluno, o professor refletiu se a sua ação pedagógica não estava direcionada somente aos aspectos técnicos do instrumento.

Quando o aluno iniciou os estudos, ele não tinha piano em casa, então o seu contato com o instrumento era somente uma vez por semana no dia da aula no conservatório. Desde o início de sua formação, o professor desenvolveu com ele um procedimento de estudo, ou seja, as aulas eram momento de estudo. A maneira como o professor organizava cada aula com o aluno representava uma sistematização de como estudar. Segundo Davidov (2020, p. 179), “no trabalho de sala de aula, é importante enfatizar, para os alunos, o interesse pelo modo de planejar o seu trabalho diário, para estudar as condições de uma regulação consciente de suas ações e objetivos”. Não é possível avançar no estudo de piano sem uma constância diária de estudos.

Como a resposta do aluno não satisfaz o questionamento proposto, o professor o questionou sobre as suas ações para o estudo de piano em casa, para apreender qual é a real ação realizada por ele, uma vez que as aulas são conduzidas em um percurso. Iniciamos com o aquecimento dos dedos, e com isso o aluno demonstrou que faz por meio dos pentacórdios. Percebemos que o aluno não tem o hábito de voltar ao repertório aprendido. É necessário recordar peças aprendidas para a criação de um repertório musical.

Na terceira pergunta, o foco era o professor.

P – Uma outra pergunta é assim, ó: **qual é a importância do papel do professor enquanto mediador para a aprendizagem da música?** Ou nós podemos pensar assim: qual é o papel do professor para a aprendizagem do estudo de piano? De ler a partitura? De fazer os exercícios?

H –

P - Então qual é o papel do professor? O que você pensa? Tem importância o professor, sim ou não? Qual é o papel que o professor desempenha?

H –
P – Ok!

Considerando que não obtivemos uma resposta para a pergunta, o que é percebido por meio dos espaços brancos no diálogo, mesmo o professor reformulando a pergunta não obtivemos uma resposta objetiva. Podemos pensar que o aluno não compreendeu o questionamento ou levantamos a hipótese de que a elaboração do questionário não estava coerente com a nossa busca. Em relação ao papel do professor, segundo Mello (2009, p. 367),

O professor, é assim, um intelectual que intencionalmente apresenta as novas gerações a cultura social produzida historicamente acumulada. Sob a forma de experiências e situações, o professor intencionalmente produz o processo de humanização, ou seja, o processo de constituição nas novas gerações.

Com isso, nas aulas de piano o professor desempenha uma dupla função, dado que ele organiza o processo de ensino e aprendizagem para que o aluno adquira os conhecimentos necessários para a capacidade de tocar piano, mas ao mesmo tempo compartilha a sua experiência na condição de pianista. Pensando no processo de humanização, sem a mediação isso não ocorre. A mediação ocorre no contexto da sala de aula, em que aluno e professor estão em uma relação dialógica com produção humana.

A quarta pergunta contemplava as funções psíquicas superiores. Em relação a sensação e percepção, obtivemos:

P – Na aprendizagem da música você consegue perceber os seguintes elementos: você consegue perceber a sensação na aprendizagem do instrumento, da música?

A – Sim.

P – Como?

A – Tocar do jeito certo.

P – Tá. **E a percepção?**

A – A percepção é tipo quando a pessoa vai...

Para Luria (1991a), “as sensações permitem ao homem perceber os sinais e refletir as propriedades e os indícios dos objetos do mundo exterior e dos estados do organismo”, portanto a partir da conceituação vemos que a resposta do aluno tem como caráter um procedimento. Quando abordamos a sensação no toque

do piano, isso é percebido ao tocar de uma tecla que, para a produção do som forte ou piano, uma vez que é por meio dos dedos, sentimos o peso necessário nessa ação.

Em relação à percepção, o aluno não completou o pensamento na verbalização da sua linguagem. Uma das hipóteses levantadas é que o termo não pertencia ao seu vocabulário. Na aula de piano, o aluno realizou diversas atividades que utilizavam a percepção, como ao tocar, em que percebia a distância entre as notas, utilizando a sua percepção visual para isso.

Em relação à atenção e à memória:

P – Depois, um outro elemento, **a atenção**, você percebe que precisa ter atenção ao estudar piano?

A – Sim.

P – Por quê?

A – Porque é importante no instrumento.

P – **E a memória?** Onde nós percebemos a memória no estudo do piano?

A – Nas teclas pretas.

P – Não. O que é a memória? A memória é quando eu lembro algo. Vou te dar um exemplo, quando eu olho a partitura, eu trago na memória o reconhecimento das notas. Você está usando a sua memória para lembrar qual é aquela nota ou quando você vê um símbolo no piano tal símbolo representa tal coisa, é esse o sentido da memória. Então, nós usamos a memória para tocar piano?

A – Sim.

P – Como?

A-

Neste momento da entrevista, o aluno apresentou desconforto em relação a gravação da aula, mesmo o professor explicando que era somente um registro das aulas, que ninguém assistiria além do professor. Em vários momentos, o aluno olhava em direção ao notebook. Isso representou um fator de influência nas suas respostas.

Novamente, estamos diante de um impasse na abordagem das respostas do aluno, visto que a nossa intenção é buscar elementos que demonstrem a sua maneira de pensar por meio das respostas apresentadas. Na ótica de Vygotsky (1996, p. 195), “a atenção desempenha a função mais importante na vida do organismo. Essa função trata da organização do comportamento, com a criação de um determinado contexto, que prepara o homem para a percepção ou atividade”. Levantamos como hipótese que o sujeito da pesquisa foi idealizado, talvez

esperássemos previamente quais as respostas seriam dadas pelo aluno. Nas aulas de piano, ele tem uma conduta condizente ao seu desenvolvimento, e percebemos que a sua atenção é focada, em todos os momentos direcionada no estudo do piano na aula.

Em relação **linguagem, pensamento e emoção**:

P – Nós temos a linguagem na música?

A –

P – Tem? Você percebe a questão da linguagem na música?

A – Linguagem?

P – É.

A – Sim.

P – E o pensamento?

A – Pensamento é quando a gente fica pensando em algo que a gente...

P – E a imaginação, tem a imaginação na música?

A – Imaginação?

P – É?

A – Sim.

P – E a emoção?

A – A emoção é quando a pessoa fica contente, fica em fazer alguma coisa e o pensamento é quando a pessoa pensa em alguma coisa que gostaria de fazer.

Pensamos que a questão é o eixo central no entendimento das falas do aluno na entrevista, uma vez que um recurso que o aluno utilizou quando não responde de forma assertiva a pergunta é questionar. Aqui percebemos uma contradição, afinal o aluno não formula uma resposta para o significado de linguagem e pensamento, mas utilizou ambos para a resolução do problema que lhe foi proposto. Segundo Luria (1979b), “o pensamento permite transmitir a comunicação, codificando o pensamento no enunciado verbal, revelando-lhe o sentido interno”. A sua forma de agir mostram indícios de que existe desenvolvimento entre o seu pensamento e linguagem.

Quando abordarmos no cotidiano as funções psíquicas superiores, as sensações, as percepções, a atenção, a memória, o pensamento, a linguagem e as emoções, isso é realizado no senso comum. As respostas esperadas para os questionamentos da entrevista eram que o aluno demonstrasse uma construção de conceitos sobre os termos. Em contrapartida, para Vigotsky (2000, p. 236):

Os conceitos não surgem mecanicamente como uma fotografia coletiva de objetos concretos; neste caso, o cérebro não atua à

semelhança de uma máquina fotográfica que faz tomadas coletivas, e o pensamento não é uma simples combinação dessas tomadas; ao contrário, os processos de pensamento, concreto e eficaz, surgem antes da formação dos conceitos e estes são produtos de um processo longo e complexo de evolução do pensamento infantil.

Sendo assim, podemos entender que o aluno está no processo de desenvolvimento do estudo da música por meio do piano, e ele está no nível iniciante, em seu primeiro estágio. Talvez, com os dados escolares, poderíamos ter uma percepção sobre o real desenvolvimento do seu pensamento, uma vez que a sua aprendizagem escolar e do piano não estão no mesmo nível.

Para a quinta pergunta:

P – Estudiosos mencionam que o estudo de um instrumento musical, como o piano, contribui para a aprendizagem de outras áreas do conhecimento, como a língua portuguesa e a matemática. Você percebe isso quando você faz as suas tarefas escolares?

A – Sim.

P – Como você percebe isso?

A – Fazendo atividade.

P – Ok!

Pensando sobre o que existe de matemática na música, segundo os estudos de Eugenio, Escalda e Lemos (2012, p. 999),

As escalas musicais são constituídas por sons que têm relações matemáticas precisas entre si e, quando combinadas de determinadas maneiras, podem produzir resultados agradáveis aos ouvidos. Essas relações matemáticas, junto com as características intrínsecas das vibrações sonoras, são a base para a harmonia na superposição dos sons musicais. Além do mais, a maneira como se encadeia os sons na música também segue regras com fundamentos matemáticos. Todos os tipos de ritmos que se pode conceber musicalmente obedecem a algum tipo de divisão fracionária, cuja característica sempre está vinculada a um determinado gênero artístico ou a um tipo de cultura. Assim, o aprendizado musical formal fornece desafios matemáticos a todo o momento, uma vez que a base da teoria musical e acústica do som segue cálculos matemáticos complexos e de difícil compreensão.

O aluno, na sua aprendizagem musical, não iniciou os estudos das escalas, mas realizou os pentacórdios, que são uma preparação para as escalas. Para exemplificar a matemática na música, os pentacórdios são uma organização de

cinco notas que são distribuídas numa relação entre tom e semitom, sendo que o último é a menor distância entre dois sons na música ocidental. O tom é a soma de dois semitons. Então, para a construção de um pentacórdio utilizamos cinco sons sucessivos, guardando a seguinte relação: (I-II-III-IV-V) – (T-T-ST-T). Por isso, o estudo da música interfere na aprendizagem da matemática. Em muitos casos, o aprendizado na escola não coincide com o aprendizado da música, pois não são iniciados concomitantemente.

Outro exemplo é a duração dos tempos, como por exemplo a semibreve, que é uma figura que vale quatro tempos, enquanto a mínima vale dois tempos. Isso representa a metade do tempo de uma figura em relação a outra. O pensamento utilizado é o raciocínio matemático.

Para a sexta pergunta:

P – Uma outra pergunta é assim: **você entende o que é a atividade de estudo?**

A – Sim.

P – O que é uma atividade de estudo? Como você explicaria para mim com as suas palavras?

A – Atividade de estudo é quando o estudante faz.

Elkonin (2020) e Davidov (2020) conceituam a atividade de estudo como a atividade principal da criança na idade escolar. Ela tem na sua constituição as tarefas de estudo, as ações de estudo e as ações de controle e de avaliação, que são desenvolvidas para que o aluno aproprie o pensamento teórico. Com isso, entendemos que o aluno, na perspectiva de estudante, está inserido na escola. Para responder à questão, o aluno afirma que é quando o estudante faz, assim é possível afirmarmos que o aluno tenha a compreensão de sua autonomia, pois a sua resposta demonstrou isso.

7.3 A estrutura e organização do Experimento Didático – A Atividade de Estudo e o Psiquismo Humano

Antes de prosseguirmos na análise, traremos explicações que julgamos necessárias para a compreensão do leitor, considerando a maneira da organização e da sistematização do ensino de piano no Conservatório Musical de Londrina. Anteriormente, mencionamos o programa de piano, que é organizado em quatros

níveis: iniciação (correspondendo a iniciação, ao Pré - A e ao Pré - B), o fundamental (do primeiro ano fundamental ao quarto ano fundamental), o intermediário (do quinto fundamental ao sétimo fundamental) e o avançado (do oitavo fundamental ao nono ano fundamental). Para cada etapa do curso, são utilizados métodos que são pertinentes às exigências para cada nível, contemplando os diferentes períodos históricos da música e seus estilos. Descreveremos sumariamente a metodologia utilizada no ensino de piano.

O aluno participante da pesquisa finalizou a Iniciação e iniciou o Pré - A. Entre os métodos sugeridos no Programa de Piano, conforme Anexo C, a nossa opção foi pelo método Alfred's Basic Piano Library, que foi elaborado por Willard A. Palmer, Morton Manus e Amanda Vick Letcho. O Basic Piano se compõe dos níveis 1A, 1B, 2, 3, 4, 5 e 6, divididos em Lesson Book, Technic Book, Theory Book, Ear Book, Recital Book, entre outros. Cada livro citado tem uma função específica no ensino e aprendizagem do piano.

O Lesson Book é organizado na apresentação dos conceitos musicais, trazendo sumariamente os termos musicais e sua explicação na apresentação de uma partitura para a leitura. O Technic Book é direcionado para a técnica pianista. A sua organização é feita em grupos compostos de quatro exercícios, que estão articulados com o conteúdo ministrado no Lesson Book. O Theory Book tem como norte os exercícios na fixação dos conceitos, contemplando a escrita musical como a prática instrumental. O Ear Book trabalha com a percepção auditiva do aluno. O Recital Book é organizado em peças musicais na construção do repertório para as apresentações do aluno nas audições do Conservatório. Os livros apresentados são trabalhados em uma sequência, por ser um material didático em sua apresentação inicial tem a indicação de como trabalhar a sequencias dos conteúdos.

Para o desenvolvimento das ações de estudo, as nossas aulas foram organizadas a partir da estrutura básica que direcionou o nosso Experimento Formativo. Conforme o quadro a seguir:

Quadro8: Sistematização do Experimento Formativo

Conteúdo/Conhecimento
Objetivo
Necessidade – problema do procedimento
Motivo/Razão
Atividade criadora (procedimento)

Fonte: O autor (2021).

O Experimento Didático-Formativo foi desenvolvido no contexto das aulas de piano no Conservatório Musical de Londrina, o que ocorreu nas interações entre o professor e o aluno em uma relação dialógica, permitindo-nos alcançar os objetivos traçados em sua consecução. Considerando o significado de aula, o primeiro pensamento que nos desponta é que o professor ensina e o aluno aprende, mas o olhar não é sobre a ação do professor ou o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, e sim no movimento que ocorre entre as ações de ensino e aprendizagem. Segundo Freitas (2010, p. 3), “o experimento didático-formativo é um modo de pesquisar a atividade de ensino do professor, em relação dialética com a atividade de aprendizagem do aluno no contexto da aula”. Afirmamos que os sujeitos, nos papéis de professor e aluno, desenvolvem atividades que lhe são específicas, mas que estão conectados entre si.

Para o desenvolvimento do Experimento Didático-Formativo, usamos a Atividade de Estudo na condição de metodologia, visto que as diferentes ações desenvolvidas durante a sua realização são momentos em que aluno e professor estão em atividade entorno do conhecimento teórico. O desenvolvimento da Atividade de Estudo não ocorreu de maneira sincronizada, pois cada encontro não representou o início e o término de uma Atividade de Estudo. Antes, para o trabalho dos conteúdos específicos organizamos as ações na composição da referida metodologia.

Neste momento, situamos o nível do aluno atualmente no curso de piano. O sujeito participante está na transição da Iniciação ao Piano para o Pré - A. Dessa forma, a atividade de estudo foi utilizada para uma revisão dos conteúdos, dado que no material didático utilizado é realizada uma retomada dos conceitos.

O experimento didático formativo considerou como estrutura básica da atividade de estudo os quatro componentes básicos apresentados por Elkonin (2020): as tarefas de estudo, as ações de estudo, a ação de controle e a ação da avaliação. O desenvolvimento da atividade de estudo teve como foco principal a apropriação do conhecimento teórico da música na leitura da partitura musical pelo aluno.

No desenvolvimento da atividade de estudo, existe um caminho percorrido, cada ação posterior depende da ação realizada anteriormente. As ações

de estudo não representam passos isolados, mas são um modo de condução na apropriação do conhecimento científico.

Para a exposição da atividade de estudo no experimento formativo, fizemos um recorte de momentos que exemplificam e expressam como cada ação é desenvolvida na aula de piano. A nossa descrição não é de aula em aula, pois muitos momentos repetem as mesmas ações de estudo. As atividades desenvolvidas são organizadas em exercícios teóricos, leituras de partituras, exercícios técnicos e auditivos.

No desenvolvimento da atividade de estudo e do experimento formativo, partimos do conceito de necessidade. Para Leontiev (2004, p. 115), “a primeira condição de toda atividade é uma necessidade”, afinal o homem só inicia o processo de atividade a partir da carência de algum objeto material ou ideal. Nesse sentido, o aluno tem como necessidade tocar um instrumento, que é o piano. Para a satisfação da necessidade apresentada, ele precisa entrar em ação, não espontaneamente, mas orientada e direcionada. Para Bernardes (2012, p. 48), “a necessidade, como característica psíquica estabelecida na relação entre o homem e o mundo, vincula-se diretamente ao objeto da atividade, o que a determina como ação consciente”. É a partir do objeto que é satisfeita a necessidade humana naquele momento, e para isso o homem desenvolve um tipo de atividade. No caso do espaço da sala de aula, o aluno desenvolveu a atividade de estudo.

Não é necessária somente a identificação da necessidade a ser suprida, mas como segundo elemento identificamos o motivo do aluno entrar em ação, ou seja, qual é a razão para que ele inicie uma atividade direcionada para um determinado objeto. Segundo Elkonin (2020, p. 161), “os motivos, caracterizados por nós para a atividade, são denominados como educativos-cognitivos”, o que demonstra que, para o aluno tocar piano, ele precisa do processo de ensino e aprendizagem, conhecendo os fundamentos da linguagem musical.

É por meio da educação que o seu sistema psíquico é transformado. Para Bernardes (2012, p. 49), “na atividade, as ações dos sujeitos são mobilizadas pelos motivos, elementos excitadores da ação e dirigem-se a um objetivo que determina a forma e o caráter das ações”. Como, por exemplo, o motivo é a leitura da partitura, as ações para a tarefa são a identificação dos elementos que a compõe.

Para a exposição e análise dos dados gerados, realizamos um recorte, considerando as primeiras três intervenções como uma unidade da atividade de

estudo completa. Para a primeira atividade de estudo, o conteúdo era revisão dos conceitos apresentados no “Lesson Book 1^a”. O conteúdo central foi a Posição de Dó, que é a organização da sequência de cinco notas (dó, ré, mi, fá, sol), que são apresentadas em Clave de Sol (usada para a mão direita) e Clave de Fá (usada para a mão esquerda). Com a referida posição, foram apresentados os valores das figuras de notas (semibreve, mínima pontuada, mínima e semibreve), que são usadas na referência do som ser longo ou curto, representando os valores de quatro, três, dois e um tempo. Também existem as fórmulas de compasso, 4/4 (representa o compasso quaternário) e 3/4 (representa o compasso ternário). O conceito de compasso é a organização ou agrupamento dos tempos na música, que são as divisões das partes em quatro ou três tempos. Outro aspecto está na dinâmica do som, o qual é denominado no senso comum de “colorido”. Os símbolos *f*, *mf* e *p* correspondem respectivamente a som forte, mezzo forte ou piano.

Portanto, os objetivos para a primeira atividade de estudo foram identificar os signos musicais em sua representação e seu significado e realizar a leitura da partitura de acordo com o conhecimento dos elementos estruturantes. Na primeira intervenção (1^a e 2^a aula), a primeira atividade desenvolvida foi do “Lesson Book A”, que era a revisão dos conteúdos apresentados no primeiro livro. Ela estava organizada em 12 exercícios que abordavam os seguintes elementos: figuras de notas (nome e duração), fórmulas de compasso, figuras de notas e suas respectivas pausas, clave de sol e de fá, ligaduras e sua representação, intervalos melódicos e harmônicos, sinais de dinâmica e de repetição, sinais de alterações (sustenido e bemol), leituras de notas na posição de Dó e de Sol e articulações (legato e staccato).

Antes da realização da atividade pelo aluno em seu livro, o professor utilizou os *flash cards*, que são cartas que ilustram os signos musicais. Para termos um exemplo, numa carta temos o símbolo que é representado pela letra **p** (em música, significa piano) e que trabalha com um dos parâmetros do som, que é a dinâmica.

Como segundo momento da aula, a atividade realizada foi um exercício do “Technic Book”, com o qual percebemos as ações de estudo desenvolvidas pelo aluno na realização das tarefas de estudo propostas pelo professor. O exercício técnico estava na Posição de Dó. Nesse momento, o objeto apresentado ao aluno

era a partitura musical, que para sua respectiva interpretação era necessária a leitura.

A primeira ação desenvolvida pelo aluno na atividade de estudo foi a transformação dos dados. Essa primeira ação é caracterizada por Davidov (p. 65) como “a principal, é a transformação das condições da tarefa de estudo com o objetivo de descobrir alguma relação universal do objeto que deve se refletir no conceito teórico correspondente”. Para cada tarefa de estudo é necessária uma ação para sua realização proposta ao aluno. O aluno tem a partitura, que é um objeto que é representado graficamente, e precisa decodificar os sinais escritos na pauta musical. Segundo Elkonin (2020, p. 151), “durante a resolução da tarefa de estudo, o aluno também modifica o objeto, mas o resultado da modificação é a alteração no próprio sujeito da ação”. O objetivo não é a aquisição de informações sobre o objeto, mas o alcance do pensamento teórico.

O exercício técnico apresentado ao aluno possuía oito compassos. O primeiro passo foi identificar as notas pela sua posição na pauta e nomeá-las. A leitura é realizada na divisão do exercício em duas partes, considerando que os quatro primeiros compassos estavam escritos na Clave de Sol, o que significa que essas notas eram tocadas com a mão direita. Conforme o diálogo:

P – Agora você vai pegar o seu livro de técnica.

H –

P – Livro de técnica, isso. E nós vamos hoje aqui, que é também um grupo de revisão, tá? Então, Heitor, ó. O grupo 10 só vai trabalhar uma revisão nos quatro exercícios. Na letra A, ele vai trabalhar intervalos melódicos na posição de Dó, tá? Então quem são as notas na clave de sol?

H – Sol... sol... sol, dó... dó, ré, dó, mi, dó, fá. lá, dó, sol, dó, ré, dó, mi, dó, fá, dó.

P – Tem mais um?

H – Mi e fá.

P – Essa daqui?

H – Fá.

P – Hum, hum. Esse é? Quem que é essa?

H – Sol

P – Sol. Vamos tocar esse trecho bem tranquilo, ó: 1, 2, 3, 4.

H – #

P – Muito bem, mais uma vez.

H – #

P – Mais uma.

H – #

P – Isso.

O professor utilizou o recurso de perguntas questionadoras com o aluno, propondo as tarefas para as ações de estudo. Conforme Miller (2019, p. 80), “desde o início da tarefa de estudo e, portanto, já nesta sua primeira ação, o trabalho do aluno é feito pela via do pensamento teórico”. Na leitura do texto musical, é nessa ação que identificamos o uso da memória pelo aluno, uma vez que não é somente uma atividade mecânica na identificação das notas e que ele precisava perceber a escrita da nota na pauta musical, reconhecer a nota na linha ou no espaço, realizando essa ação conscientemente. Segundo Luria (1991b, p. 65),

A imagem da representação, é em suma não uma marca passiva da nossa percepção visual, mas o resultado de sua análise e síntese, da abstração e generalização, noutros termos, é o resultado de uma codificação percebida como certo sistema.

A leitura do aluno foi desenvolvida em um processo. Em primeiro momento, apresentamos as notas musicais para o aluno, identificando a sua localização no teclado, e em momento posterior grafamos as notas na pauta musical para a visualização e percepção do aluno da escrita de cada nota.

Dessa forma, percebemos que a ação do aluno na nomeação das notas e ao tocá-las no teclado do piano com sua respectiva localização é uma ação mental que utiliza o psiquismo humano. Outra função psíquica destacada é a percepção visual, para Luria (1991a, p. 54), “por meio da visão ele percebe de uma só vez a imagem completa do objeto”, e afirma ainda que “a visão dispõe de um aparelho para perceber simultaneamente as formas complexas do objeto”. O aluno tem dois objetos à sua frente: a partitura e o piano. A sua ação de ler e tocar é realizada simultaneamente, dado que cada nota escrita na pauta é executada em uma tecla específica do piano. Para o seu desenvolvimento, ações são realizadas pelo professor e aluno. Segundo Elkonin (2020, p. 163):

Cada modo de ação, inicialmente, é assimilado por meio da discriminação das ações que o constitui. Um aspecto importante é a materialização dessas ações para que a coerência de sua execução possa ser verificável. Não é conveniente passar para ação seguinte se que a anterior esteja completamente correta. A assimilação do modo de ação acontece melhor quando existe a discriminação completa das ações que constituem. Outra vantagem da discriminação das ações que constituem o modo de ação é o controle que isso proporciona para o professor. O controle consiste

no acompanhamento da coerência entre a execução e a sequência de cada ação particular.

Entendemos que o controle das ações é percebido, visto que a primeira ação do aluno é a leitura de cada nota isoladamente. A segunda ação está na relação entre a nota representada pela partitura e a sua execução ao piano com a ação dos seus dedos nas teclas. Na aparência, é um processo mecânico, necessário para a memória construir a sequência das notas utilizadas na música. Portanto, a ação de controle foi realizada pela visão do professor e o aluno não a realiza conscientemente, como é verificado no diálogo supracitado.

Em continuação à primeira atividade de estudo, na segunda intervenção (3ª e 4ª aula) iniciamos a aula com os exercícios do “Livro Ear Training”. O desenvolvimento da atividade era com percepção auditiva do aluno. O objetivo era diferenciar os diferentes tipos de intervalo. O primeiro exercício foi o reconhecimento dos intervalos de quarta e quinta. O intervalo é definido como a distância entre dois sons. Para que o leitor compreenda a noção de intervalo, apresentamos o seguinte exemplo: as notas musicais são sete, dó, ré, mi, fá, sol, lá e si. Quando tocamos dois sons, sendo o primeiro o dó e o último o sol, temos então uma distância de cinco notas, o que é classificado como um intervalo de quinta. O intervalo não aponta somente a distância entre as notas, mas também a diferença entre sons melódicos ou harmônicos. No primeiro caso, as notas são tocadas uma por vez, enquanto no segundo caso as notas são tocadas simultaneamente.

O exercício apresentado no livro continha quatro grupos com intervalos de quarta e quinta, e cada grupo era composto por dois exemplos para a Clave de Sol e dois exemplos para a Clave de Fá, sendo um ascendente e outro descendente. Pelo diálogo, percebemos o desenvolvimento da atividade, a qual aqui apresentamos somente seu início:

P – Então nós temos nesta página. Ó: o seu professor irá tocar para você intervalos melódicos de quarta ou quinta. Então, ó, eu vou tocar intervalos de quarta ou quinta, melódicos ou harmônicos. Você lembra que melódico é quando você tem uma nota por vez e harmônico é quando você tem as duas notas? Certo.

A –

P – Então você vai circular aquele que você ouvir, se eu tocar o intervalo melódico ou se eu tocar o intervalo harmônico.

A –

P – Daí você vai fazer o seguinte: se ele for melódico... quarta ou quinta.

A –

P – Então eu vou tocar o primeiro, você me diz. Ó, primeiro é esse daqui.

A – Harmônico.

P – Ele é harmônico, que intervalo é esse?

A – Quarta.

P – Intervalo de quarta. Então, ele é H4. Certo?

A – Certo.

O aluno, na realização dos exercícios de percepção, apresentou um resultado extraordinário, no sentido de que não houve nenhum erro. Em relação à atividade, a percepção é a função psíquica em evidência. Quando pensamos no ouvido, ele é diferente dos outros órgãos, visto que para a locomoção nos utilizamos dos pés, para nos guiarmos temos a nossa visão e para sentir os objetos existem as nossas mãos, que executam funções motoras. É pela audição que captamos os sons externos de nosso mundo. Leontiev (2004) afirma que existe uma dependência entre o ouvido que identifica os sons e a sua reprodução pelo homem. O reconhecimento preciso é um sinal de que o ser humano tem o seu ouvido tonal desenvolvido. Isso explicaria o fato de que alguns seres humanos não têm desenvolvida essa capacidade musical, pois não conseguem reproduzir um determinado som que ouvem. Leontiev (2004, p. 245) afirma que

O excitante sonoro agindo sobre o órgão periférico provoca uma série de reações de resposta, em particular a reação motriz específica da entonação, com a sua sinalização proprioceptiva. Esta reação não reproduz imediatamente a altura exata do som, mas representa um processo particular de “procura” de orientação ativa, que prossegue até que no interior do sistema receptor, da altura entonada se aproxime da altura fundamental do estímulo-resposta. Depois, estabelece-se uma “ressonância” particular entre os sinais que partem do aparelho da vocalização e os sinais provenientes do receptor acústicos (ou retidos pela “memória operacional”) e este processo dinâmico estabiliza-se, o que permite então a discriminação da altura do som, isto é, da qualidade a refletir.

Nesse sentido, afirmamos que as funções psíquicas não são utilizadas isoladamente, e sim no desenvolvimento de cada atividade das ações de estudo, em que é necessária a utilização das diferentes funções do psiquismo humano. O processo descrito por Leontiev (2004) é um exemplo de que o simples

reconhecimento de intervalos exigiu do aluno uma ação mental, que mesmo não realizando a sua aferição aconteceu em um processo dinâmico.

Para a identificação dos intervalos, o aluno necessitou também da atenção, pois ele ouvia, reconhecia e diferenciava os respectivos sons. As salas de aula do CML não são preparadas para evitar o ruído externo, portanto no desenvolvimento dos exercícios havia barulho de carros, pássaros cantando e pessoas conversando, por isso ele precisava direcionar a qual estímulo responder, pois havia vários estímulos que lhe eram oferecidos. A atividade de treinamento auditivo não foi realizada pela primeira vez nessa aula, mas também em momentos anteriores. Para Luria (1991b, p. 6),

O processo de automatização da atividade leva a que certas ações, que chamavam a atenção, se convertam em operações automáticas e a atenção do homem começa a deslocar-se para os objetos finais, deixando de ser atraída por operações costumeiras bem consolidadas. É quase fundamental o fato de que a orientação da atenção se encontra em dependência direta do êxito ou do insucesso da atividade.

Assim, percebemos que o aluno desenvolveu a atividade com êxito, dado que a sua atenção não era simplesmente uma resposta ao estímulo do som. Na sequência, o aluno precisou reconhecer as notas da posição de sol, que é organizada nas cinco notas sol, lá, si, dó e ré. Como no exercício anterior, esse foi organizado de maneira similar. Outro exercício era apresentada a posição de sol com uma nota faltando, no qual o aluno precisava reconhecer a nota em questão e fazer sua respectiva notação na partitura.

Em seguida, os exercícios estavam voltados para o sinal de sustenido, que é uma alteração que modifica a nota. Por exemplo, se temos a nota dó, ela é tocada em uma tecla branca do piano. A partir do momento em que temos a nota do #, isso representa que tocamos a nota em uma tecla preta, ou seja, eleva-se a entoação da nota, pois a disposição das teclas no teclado do piano é distribuída entre teclas brancas e pretas. Com esse esclarecimento, o primeiro exercício apresentava ao aluno duas notas iguais, em que ele deveria comparar se a segunda nota permaneceu igual à primeira ou se ela foi alterada. Caso houvesse a alteração, ele a escreveria na segunda nota após solicitado. No segundo exercício, havia duas sequências em que uma delas continha alterações. O professor tocou cada uma das

sequências para o aluno perceber suas diferenças e depois escolheu uma delas, tocando-a para o aluno realizar o exercício. Conforme o diálogo:

P – Nessa página, ele vai trabalhar com a nota sustenido, você lembra que o sustenido você o escreve com o joguinho da velha e isto significa que você toca a próxima sua direita?

A – Tá.

P – Tá. Então, ó: eu vou tocar para nós duas notas.

A – Tá.

P - Daí você vai ouvir e você vai me dizer se a segunda nota foi a mesma ou se ela alterou. Se ela alterou, você vai desenhar um sustenido nessa nota, tá? Então eu vou tocar, ó:

P – b

P – A nota alterou ou foi a mesma?

P – b

A – Alterou.

Com o desenvolvimento das atividades, percebemos que nos momentos em que o aluno estava em uma atividade que necessitava de sua participação na realização das ações com o material didático não houve hiatos no diálogo, como ocorreu na entrevista inicial, nos momentos de definição dos conceitos ou em suas respostas a questões do professor. As atividades que o aluno desenvolvia com a percepção foram o motivo da atenção do professor. Dentre todas as suas funções psíquicas, em relação à música a percepção auditiva se destacou. Segundo Luria (1991a, p. 36), “sabe-se a que sutileza pode chegar à capacidade os músicos para distinguir os sons; eles se tornam capazes de captar variações de tons absolutamente imperceptíveis para o ouvinte comum”.

Logo depois, o exercício seguinte trabalhou com o sinal de bemol, que é uma alteração que modifica a nota, contrária ao sustenido, uma vez que a sua função é de abaixar o som. A organização do exercício era apresentada semelhantemente ao que explicamos na utilização do sustenido.

Após isso, trabalhamos com as articulações, que são maneiras de tocar os sons. Nesse momento, o aluno conhece duas articulações: o *legato* e o *staccato*, que são opostas entre si. Na primeira, a ação do dedo é conectar um som ao outro, o que é denominado de som ligado, e na segunda o dedo deixa rapidamente a tecla ao tocá-la, que podemos exemplificar como uma gota de chuva que caiu ou como o quicar de uma bola de pingue-pongue. No primeiro exercício, o professor tocou quatro melodias alternadas entre legato e staccato para que o aluno identificasse a articulação usada. No segundo exercício, a melodia estava escrita. Se fosse

executada em *staccato*, o aluno deveria escrever o devido sinal de sua identificação nas notas.

Depois disso, o conteúdo eram os sinais de dinâmica, *crescendo* e *diminuendo*, que é a intensidade em que o som é executado. No exercício proposto, havia quatro melodias, e o professor tocava cada melodia ora com o *crescendo* ora com *diminuendo*, e ao aluno escrevia o respectivo signo da dinâmica. No segundo exercício, havia os sinais de dinâmica, em que o aluno escolhia o *crescendo* ou *diminuendo* de acordo com a melodia que o professor tocava.

No segundo momento da aula, retomamos o *Technic Book*, pois o grupo 10 iniciamos na intervenção anterior, na qual se realizou a leitura das notas e a sua execução. Nesse momento, trabalhamos com o aluno o critério de organização das notas por meio da revisão dos intervalos melódicos.

P – Eu lembro que na aula passada nós tínhamos começado esse exercício, tá? Então aqui, ó: o grupo 10, ele vem fazendo uma revisão dos nossos intervalos, tá? Nós vamos ter intervalos melódicos e intervalos harmônicos. No exercício A, quando você olha para ele, a forma como ele está escrito teria intervalo melódico ou harmônico?

A – Harmônico.

P – Você olhou o exercício? Deixa eu vir desse lado. Ó: lá na letra A, quando você tem essas notas escritas, isso seria intervalos melódicos ou harmônicos?

A – Melódico.

P – Melódico. Porque quando você tem uma nota por vez, ele é melódico, tá? E quais são os intervalos que nós temos aí?

A –

P – Quando eu faço isso?

P – b.

P – Isso é intervalo do que?

A – Intervalo de quinta.

P – Muito bem. E assim?

P – b.

A – 2ª.

P – E assim?

P – b.

A – De terceira.

P – Assim?

A – De quarta.

P – E assim?

A – De quinta.

P – Isso, muito bem!

O professor usou como critério iniciar a aula com conteúdo novo e em seguida retomar as atividades realizadas nas aulas anteriores. Como último

momento da aula, em nossa concepção completamos uma atividade de estudo, que foi a terceira intervenção.

No momento inicial da aula, utilizamos o “Technic Book”, retomando os exercícios trabalhados em aulas anteriores. No exercício A, consideramos que o aluno dominava a leitura das notas e as suas relações intervalares. Nesse momento, evidenciamos a memória do aluno, e segundo Luria (1991b, p. 39) é a memória que “dá ao homem a possibilidade de acumular informações e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios”. Em cada aula, as informações das aulas anteriores eram acessadas pelo aluno por meio de sua memória, visto que não as iniciamos do ponto zero. Por essa ação, percebemos se o aluno realizou ou não o seu estudo diário em casa. Nesse sentido, avançamos com o trabalho da sonoridade do exercício técnico. O professor modelou o som para o aluno, tocando o exercício para o aluno perceber o crescendo e o decrescendo que estavam escritos na partitura e a sua utilização. No exercício B, procedeu-se de forma idêntica.

Em seguida, o trabalho com uma peça do “Recital Book”, intitulada “Charlie, the Chimp”, é uma peça composta de 24 compassos. Para a leitura da peça, propomos ao aluno sua leitura de quatro em quatro compassos, começando ora pela clave de sol ora pela clave de fá em outros momentos, inicialmente de mãos separadas para o conhecimento de cada parte individualmente e posteriormente de mãos juntas, sempre agregando a leitura do trecho novo ao lido anteriormente. Essa ação foi o centro da aula.

7.4 Análise da Entrevista Final

Após intervenções do Experimento Formativo, realizamos uma nova entrevista para percebermos indícios de alterações no pensamento do aluno. Utilizamos o mesmo critério de negritar as questões como na entrevista inicial. Para a primeira pergunta:

P – E agora, depois desse percurso com essas atividades de estudos, **o que você entende por aprendizagem?**

A – Eu entendo por tocar direito e aprender mais músicas.

P – Entendi. Então isso seria o que é aprendizagem pra você?

A – Sim.

A nossa análise nesse ponto é a realização de conexões com as respostas apresentadas pelo aluno na entrevista inicial, visto que é somente nessa ótica que as relações são estabelecidas. Quando retomamos o conceito de aprendizagem, temos a clareza que não buscamos a elaboração conceitual do aluno sobre o termo, mas que a construção do seu pensamento por meio da sua linguagem demonstrasse que houve transformações. Segundo Luria (1979 b), “baseando-se nos recursos da linguagem, o pensamento permite transmitir a comunicação, codificando o pensamento interno no enunciado verbal, e decodificá-lo, revelando-lhe o sentido interno”. É então pela manifestação de forma externa que visualizamos o processo interno.

Quando comparamos a resposta da primeira pergunta na entrevista inicial com a final, afirmamos a existência do salto qualitativo, pois elas não são diferentes somente no sentido das respostas, mas também na elaboração da própria construção. A resposta do aluno demonstrou que a atividade de estudo alcançou os seus objetivos, pois segundo Elkonin (2020, p. 160)

O resultado da atividade de estudo é a alteração do próprio aluno, seu desenvolvimento. De maneira geral, pode-se afirmar que as modificações que o aluno experimenta são as novas habilidades e conhecimentos adquiridos. Trata-se, pois, de uma atividade de autotransformação, cujo produto é as alterações que acontecem no próprio sujeito durante a execução.

Como primeiro sinal de alteração no pensamento do aluno, destacamos que não houve hiato em suas respostas para a questão proposta. Outro ponto é que em suas afirmações levantamos como hipótese que no seu entendimento, ele necessita de um modo de ação para tocar piano. Na entrevista inicial ele havia afirmado que aprendizagem era o que ele sabia fazer, e nesse momento ele percebeu que existem conhecimentos não apropriados por ele, mas demonstra uma ação futura para novas aprendizagens, visto que existem músicas que ele não toca.

Para a segunda pergunta:

P – Como você organiza o seu momento de estudo de piano em casa, depois desse período? Ou seja, depois de nós termos feito várias aulas com a atividade de estudo, como que você, é... organiza, ou como você estuda piano em casa? Então eu preciso que você me descreva, como você tem estudado?

A – Bom, eu tinha estudado muito pra tocar pro meu professor que eu já sei de todas as notas.

P – Tá. Mas como que você estuda em casa?

A –

P – Quanto tempo, você tem estudado por dia em casa?

A – Há mais de um.

P – Ó, Heitor, o professor tá perguntando assim: quanto tempo do seu dia você tira pra estudar piano em casa?

A – Ah, nos outros anos eu não conseguia, nos outros anos eu não conseguia estudar porque eu não tinha piano em casa, mas quando chegou, quando eu decidi ter um piano na minha casa, eu decidi estudar muito.

P – Entendi, ó. Vamos pensar assim: segunda-feira você estuda piano em casa?

A – Ah, só. Segunda-feira? Ó, segunda-feira eu tenho inglês, você entendeu? Então, eu estudo, eu estudo, eu só estudo umas duas horas.

P – E na terça-feira?

A – Na terça-feira eu estudo umas cinco horas, umas três horas.

P – E na quarta-feira?

A – Na quarta-feira eu estudo, eu só, eu estudo no mesmo horário.

P – Na quinta você vem na aula, tudo bem. E na sexta?

A – Na sexta eu não tenho nada, então eu posso o quanto eu quiser.

P – E no sábado?

A- No sábado também e no domingo.

P – Ok! Então quando você fala que você estuda duas horas ou três horas, você está dizendo que é esse horário que você vai para o piano?

A – Hum, hum.

P – Ok!

Considerando que, para Davidov (2020, p. 215), “na atividade de estudo, os alunos reproduzem o processo real pelo qual os homens criaram os conceitos, as imagens, os valores e as normas sociais”. O piano é instrumento da criação humana, ele tem as suas particularidades diferenciando-se de outros instrumentos musicais. Por ser um objeto do patrimônio da humanidade, ele vem agregado de significação humana. Para Leontiev (2004, p. 180),

O instrumento não é para o homem um simples objeto de forma exterior determinada e possuindo propriedades mecânicas definidas; ele manifesta-se-lhe como um objeto no qual se gravam modos de ações, operações de trabalho socialmente elaboradas.

Sendo assim, para a apropriação e objetivação do aluno na música, especificamente no estudo piano, é necessária uma vivência da atividade de estudo, permitindo ao aluno a apropriação de um método para o estudo diário. Quando focamos a resposta do aluno, vemos que a sua motivação para o estudo estava na

aprovação do professor e ao mesmo tempo no conhecimento das notas musicais. Apesar de ter dois motivos diferentes para a sua ação de estudo, ela foi concretizada.

Percebemos que o aluno tem consciência do estudo do piano, visto que ele justificava o porquê de não estudar. Em sua fala, percebemos a existência de uma rotina diária construída para o seu momento de estudo em casa. Anteriormente, na entrevista inicial não havia clareza quanto ao significado do que era a organização do estudo diário do piano. Segundo Clarindo e Miller (2016, p. 265), “na prática de estudo as mudanças não estão dirigidas aos objetos com que o indivíduo atua ou que ele manipula e sim a ele próprio”. Portanto, o aluno em sua atividade de estudo em casa tem a consciência transformada no desenvolvimento de sua ação, dado que ela é planejada.

Para a terceira pergunta:

P – Qual a importância do papel do professor enquanto mediador para a aprendizagem da música? Então, o professor tá perguntando assim: é importante o fato de ter o professor enquanto enquanto um canal? Na realidade, o professor faz o papel de que o professor, ele conhece a música.

A – Ham, ham.

P – E você está conhecendo então o professor. Ele media esse caminho entre você e a música. Então eu queria saber assim, na sua opinião, nas suas palavras, qual é importância do professor para o ensino da música.

A – O ensino do professor na música?

P – É. Você acha assim: é importante o papel do professor, não é importante, se não tivesse o professor eu aprenderia sozinho, ou se faltar o professor eu não aprendo. Então qual é a importância do professor?

A – Se o professor faltar, daí eu não aprendo.

P – Tá, mas na sua opinião, qual é essa importância?

A – A importância é ter o professor pra te ajudar com outras músicas.

Do diálogo, destacamos a afirmação do aluno de que “se o professor faltar, daí eu não aprendo”, e na mesma questão, na entrevista inicial, não obtivemos uma resposta, mas discutimos sobre o papel do professor na mediação da cultura. Nessa questão, destacamos o papel do professor no papel da humanização do aluno. Para o desenvolvimento da atividade de estudo é necessário o professor, pois segundo Moura et al. (2010, p. 94):

Para que a aprendizagem se concretize para os estudantes e se constitua efetivamente como atividade, a atuação do professor é fundamental, ao mediar a relação dos estudantes com o objeto do conhecimento, orientando e organizando o ensino. As ações do professor na organização do ensino devem criar, no estudante, a necessidade do conceito, fazendo coincidir os motivos da atividade com o objeto de estudo. O professor, como aquele que concretiza objetivos sociais objetivados no currículo escolar, organiza o ensino: define ações, elege instrumentos e avalia o processo de ensino e aprendizagem.

Na atividade de estudo, inicialmente o professor trabalha em conjunto com o aluno, mas o objetivo final é a autonomia dele na realização das tarefas e ações de estudo conscientemente. O papel do professor está na condição de sujeito social que se apropriou do conhecimento teórico e o objetivou para si. Por essa razão, o professor em uma relação dialógica com o aluno possibilita que ascenda ao desenvolvimento do psiquismo humano.

Para a quarta pergunta:

P – Na aprendizagem da música, você consegue perceber os seguintes elementos. Então é assim, ó: tem a sensação, tem a percepção, tem a memória, tem a linguagem, tem o pensamento, tem a imaginação, a emoção e o sentimento. Qual ou quais esses elementos que conversamos mais se destacou em você?

A – Quais os elementos que mais destacou em mim?

P – Pode relatar para mim? Então, é assim: quando você tá estudando a música, ou quando você tá na aula tocando para o professor, ou quando nós fazemos exercícios da técnica, ou a lição do livro, ou quando nós fazemos o exercício de treinamento auditivo. Então eu quero assim: o que eu estou lhe perguntando é se você consegue perceber, tem sensação, tem percepção, tem atenção, tem memória, tem linguagem, tem pensamento, tem imaginação, tem emoção e sentimento. Então, quais desses você percebe? O professor vai dar um exemplo, ó: eu percebo que você tem memorizado as músicas.

A – Hum, hum.

P – Que você, a partitura está ali na sua frente, mas eu percebo que muitas vezes você não está olhando para ela, você já está com ela gravada em sua mente, então você está tocando de memória. Então, ó: aqui, o professor, o que que o professor percebeu? Que você tem usado a memória. Um outro exemplo, quando você olha uma nota e já identifica o nome dela ou já consegue tocar ela, você também tá usando a memória.

A – Hum.

P – Entendeu? Ó: então o professor deu um exemplo. Então, agora eu queria ver, com as suas palavras, que você me desse outros exemplos de coisas, assim, que você podia dizer “olha, quando eu toquei tal música aconteceu isso”, “quando eu toquei tal música, aconteceu aquilo outro”.

A – Olha, eu acho que pra mim aconteceu uma música, uma música pra tocar, pra tocar de, pra outra?

P – Então, ó, agora não é, nós não estamos fazendo um questionamento, é o Heitor, na experiência dele, na vivência dele de tocar, que tem que me contar, é como se você fosse, ó, imagina que você vai contar pra um amigo seu sobre a aula de piano, se foi legal? Ou não foi? As coisas que aconteceram, se você fosse contar pro seu amigo, ou você fosse dizer pra ele, olha eu acho que nós podemos fazer piano por causa disso, porque lá acontece isso ou aquilo.

A – Hum.

P – Então o professor, nós vamos esperar, o Heitor tem que responder algo para o professor.

A – Bom, sabe, não estamos falando de questionamento, não?

P – Não entendi.

A – Não estamos falando de questionamento, não?

P – Não estamos falando de questionamento, não são perguntas, é você contar sobre algo. Eu vou usar algo que você faz no tênis, se você fosse me contar sobre o tênis, eu não sei nada de tênis, o que você me falaria que aprende jogando tênis?

A – Ó: eu aprendo a dar raquetada na bola direito e também fazer saque e também fazer, sabe, saque? Trocar a bola e também...

P – E também?...

A – E também jogar, ficar em posição.

P – Entendi. Tá vendo? Você me falou coisas do tênis. Agora e do piano? E se fosse pra você contar com as suas palavras assim?

A – Aí, no piano eu resolvo contar, eu resolvo contar a música, os andamentos, as notas, os andamentos e também a velocidade, aumentar. Como que chama aqueles símbolos que tem embaixo, *forte, piano, mezzo forte*?

P – A dinâmica, os sinais de dinâmica.

A – Os sinais de dina...

P – Dinâmica.

A – Dinâmica.

Analisando o diálogo entre professor e aluno, percebemos que na abordagem do sistema psíquico estamos em um impasse. Como descrevemos na atividade de estudo supracitado, o aluno no desenvolvimento de suas ações usou a memória, a percepção, a sensação e no início da entrevista percebemos que o seu pensamento é elaborado.

Pensamos que o professor, na tentativa de buscar por respostas para as questões, talvez tenha sido prolixo em sua ação. Isso é o que nós percebemos pela interação no discurso. Segundo Vygotsky (2000, p. 11), “a função da linguagem é a comunicativa. A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão”. Temos a plena consciência do aluno utilizando a linguagem como forma da expressão do seu pensamento. Vemos que existe uma diferença das ideias do aluno entre a entrevista inicial e a final, mas quando

questionado sobre as funções psíquicas superiores as respostas não são construídas.

Em contrapartida, quando o aluno descreve sobre como joga tênis, entendemos claramente as suas ações. Ele usou uma forma análoga para relatar os elementos da música no piano. Para Leontiev (2004, p. 93), “a linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e o do pensamento humano”. Com isso, evidenciamos a comunicação da entrevista final com desenvoltura, que tem a consciência das suas diferentes atividades mas está em desenvolvimento do pensamento teórico.

Em relação à quinta pergunta:

P – Ó, estudiosos mencionam que o estudo de um instrumento musical como piano contribui para a aprendizagem de outras áreas do conhecimento, como a língua portuguesa e a matemática. Você percebeu alguma alteração para outra área do conhecimento da escola? É assim: você percebeu se houve alguma melhora, o fato de você entender alguma matéria da escola pelo fato de você estudar piano? Se isso tem contribuído para você ter uma, assim, uma maior facilidade na aprendizagem?

A – Uma, assim maior facilidade?

P – É. O que professor tá perguntado é assim, ó: você viu a diferença, antes de você estudar piano, você ia na escola e hoje que você estuda piano e vai na escola, você tem uma diferença entre o que você aprende e o que você já aprendeu?

A – Sim, eu acho que tem uma diferença.

P – Você poderia me dar um exemplo? Ou me contar onde você vê essa diferença.

A – Sabe quando eu to fazendo uma mesma, uma matéria da escola, daí o professor vai e passa outra matéria, aí no piano eu tô tocando a mesma música, daí o professor passa uma música diferente.

P – E?...

A – E também no tênis, e também no... eu tô lá jogando, eu to lá jogando a minha, jogando o mesmo jogo, aí o professor me passa outro jogo para eu fazer.

Em relação à mesma pergunta na entrevista inicial, a resposta não apresentou elementos sobre os impactos da música na aprendizagem escolar. Nessa questão, a explicação do aluno sobre o papel da música na aprendizagem escolar é insuficiente para uma conclusão do seu benefício na perspectiva do aluno, visto que o exemplo utilizado por ele é idêntico. A sua fala aponta para a compreensão de mudança de conteúdo, e não estabelece uma relação entre o

conteúdo da música e os escolares. Exemplificamos esse fato na análise da mesma questão na entrevista inicial.

Em relação à sexta pergunta:

P – Qual **é o significado da atividade de estudo para você?**

A – O significado de estudo pra mim?

P – É, de atividade de estudo.

A – Pra mim é muito legal você tocar e estudar, estudar pra estudar até o, até o fim do dia.

Partindo de que o experimento formativo tem a atividade de estudo como norte no desenvolvimento das atividades propostas para o aluno, em sua resposta evidenciamos que tocar e estudar nos dão a impressão de estarem separados em suas ações, mas ao mesmo tempo ele demonstra que o estudo é uma ação contínua, que ela é parte da sua rotina. Entendemos que ensino e aprendizagem são atividades que adquirem sentido para cada ser humano. No caso do aluno, por meio das aulas verificamos que ele desenvolvia as ações da atividade de estudo em casa ao realizar o estudo do piano. Segundo Marino Filho (2018, p. 59),

Se voltarmos a ideia de que toda atividade se estrutura em torno do fato de que o seu sujeito é portador de uma necessidade e que esta corresponde um objeto que se transforma em motivo das ações, veremos, então que a significação só se concretiza como possuidora de sentido pessoal coerente quando o sujeito é portador da necessidade como sendo a da sua própria atividade, essa condição é fundamental para que no processo de apropriação das formas ser, o sentido pessoal se coadune com o sentido social das ações a sua significação.

Afirmamos que o Experimento Formativo obteve os seus resultados. Dado que verificamos uma transformação do psiquismo do aluno, houve a elaboração de novas construções. Percebemos que pensar no percurso como representação de uma totalidade é significativo, visto que a vivência da atividade de estudo adquiriu um significado tanto para o professor como para o aluno.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da dissertação, apresentamos a história de vida do autor, e neste momento, como conclusão do percurso, tecemos reflexões acerca do desenvolvimento do trabalho. Logo, consideramos seus aspectos positivos e negativos, isto é, um processo de autoavaliação, visto que é possível o olhar crítico aos resultados alcançados com a pesquisa.

No primeiro capítulo, expomos a vida do autor, trazendo os fatos que marcaram a sua existência e ao mesmo tempo informações para que o leitor visualizasse a justificativa da pesquisa ser centrada na linguagem musical. A narração de vida trouxe a perspectiva do desenvolvimento do pesquisador na condição de sujeito social, demonstrando que o contato com a cultura e ter acesso às produções humanas historicamente criadas foram primordiais na sua formação humana.

No segundo capítulo, apresentamos a introdução com a delimitação do problema de pesquisa, do objetivo geral, dos objetivos específicos, da metodologia e a da organização dos capítulos. O problema norteador da pesquisa era responder a seguinte questão: quais são as contribuições da música como linguagem na mediação da cultura para o desenvolvimento do psiquismo humano? Para atingir o alvo que almejamos, várias ações foram necessárias, dentre as quais em primeiro lugar destacamos a escolha pelo Método do Materialismo Histórico e Dialético. Ele nos conduziu pela nossa jornada.

No terceiro capítulo, explanamos sobre o estado da arte e a sua sistematização, o que permitiu a ampliação do olhar sobre a temática da pesquisa. O levantamento realizado criteriosamente trouxe-nos informações de que a música é utilizada nos diferentes espaços de educação, desde os formais como os não formais. Outro destaque foram as produções atuais das pesquisas desenvolvidas nesse campo do conhecimento, demonstrando que há uma diversidade de epistemologias para a sua conceituação. Nesse sentido, afirmamos que a música tem a sua utilização para diversos fins.

O maior desafio na realização do estado da arte foi a delimitação de inclusão ou exclusão de trabalhos. Em nossa seleção, buscamos um número de artigos, dissertações e teses que se aproximassem do referencial teórico definido. Os dados levantados por meio da busca revelam que existe um número ainda

pequeno de pesquisas desenvolvidas na visão do Materialismo Histórico e Dialético. Ainda há a predominância de um viés cognitivista para as explicações dos benefícios da música para o ser humano. Isso foi o que nós constatamos na busca preliminar.

No estado da arte, a música enquanto objeto de estudo foi contemplada nas diferentes perspectivas do seu uso, considerada ora como um campo específico do conhecimento científico, ora como estudo da música por meio do um instrumento, ora como visão do professor enquanto sujeito formador, ora como recurso pedagógico com as contribuições que a música agregara para o estudo das disciplinas escolares.

Na escrita do texto apresentado, são explicitadas as principais características teóricas do Materialismo Histórico e Dialético. Apesar do texto estar dividido em partes, a sua real significação é materializada quando o concebemos na sua totalidade. A perspectiva marxista tem como categorias centrais a base do mundo material em um desenvolvimento histórico que está em constante transformação.

No quarto capítulo, temos como premissa o fato de que o homem é um sujeito histórico e social que se torna humano somente por meio do desenvolvimento de sua atividade principal, que é o trabalho. Ele é o centro do desenvolvimento da nossa sociedade que tem como característica ser capitalista. Nesse contexto, de forma sumária descrevemos a origem da sociedade burguesa e as suas transformações enquanto classe dominante e a categoria trabalho que em primeira instância tem papel fundante do ser social, mas que nas relações entre o homem e a sociedade ocorrem de forma fragmentada, uma vez que no modelo societal dividido em classes os interesses são antagônicos.

Entendemos o trabalho como essencial para o desenvolvimento humano, e que apesar das contradições existentes na sociedade capitalista é necessário que o desenvolvimento da referida atividade seja desenvolvida como condição da essência humana, e não somente para uma satisfação de necessidades para a sobrevivência humana. É preciso que cada homem tenha plena consciência da ação de sua atividade, e para isso a educação tem um papel de primazia. No contexto dos interesses das classes sociais e suas arenas de disputa de poder, afirmamos que não existe um ponto de neutralidade.

Em seguida expomos, como a educação foi concebida nas nossas constituições, o que demonstrou que a sua valoração nunca foi a primazia da elite

dirigente do nosso país, mas que visa atender a interesses que são contraditórios, uma vez que ela é utilizada para dominação ou emancipação em sua acepção. Posteriormente, realizamos um resgate das influências da Constituição de 1988 e os seus desdobramentos para os governos que a sucederam.

Por escrevermos a dissertação no período de 2020 a 2022, discutimos as implicações das gestões anteriores e da atual no campo educacional, bem como as reformas de propostas com viés privatista têm avançado na desconstrução e perda dos direitos sociais que foram alcançados por meio dos embates no percurso histórico.

Para esse capítulo supracitado, o objetivo específico foi entender a situação social, política, econômica e cultural da Educação Brasileira em termos de objetivação do trabalho, a fim de poder perceber o processo de desenvolvimento humano. Com isso, o que atingimos é a compreensão da relação dialética entre a sociedade, o trabalho e a educação, tríade é determinante para a formação humana, porque o homem, por meio de suas relações sociais e na exploração da natureza, realiza o trabalho, e a educação é necessária na formação das novas gerações, visto que permite em sua relação com a cultura que oportunize o desenvolvimento do ser humano.

Esse capítulo contribuiu para a construção de um olhar crítico sobre a nossa realidade, desvelando as mazelas existentes no seio de nossa sociedade e entendendo como a exploração do sistema capitalista é maléfica para o ser humano, além de como a alienação deixa-nos inertes diante dos avanços nefastos do projeto de sociedade que nos é proposto atualmente.

No quinto capítulo, inicialmente discutimos sobre o papel da arte na vida do ser humano, uma vez que o homem, no desenvolvimento de sua atividade, tem como resultado a criação de objetos materiais e ideais. Nesse sentido, o objeto de estudo da pesquisa foi a linguagem musical, que é uma criação do ser humano em um desenvolvimento histórico. A arte, enquanto acervo da cultura humana, tem em sua constituição diferentes manifestações artísticas do homem.

Em seguida, evidenciamos o desenvolvimento histórico da música enquanto linguagem, apontando as principais características do período grego, da Idade Média, do Barroco, do Classicismo, do Romantismo e dos séculos XX e XXI. Esse recorte demonstrou que é a ação humana que transforma a história, afinal é o homem quem interfere na realidade de maneira objetiva.

Entendemos que a arte e a música afetam o ser humano em sua expressividade, pois contribuem para o salto qualitativo do psiquismo humano. Na próxima seção, apresentamos o sistema psíquico na definição das funções psíquicas superiores com as suas especificidades. O homem, para mover-se e existir na realidade, utiliza em sua vida cotidiana as sensações, as percepções, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação e as emoções. Discorreremos de maneira sumária cada uma das respectivas funções psíquicas superiores, apontando o papel que cada uma desenvolve no psiquismo humano, dado que representam um único sistema.

Com a escrita do referido capítulo, houve saltos qualitativos em nossa definição do que é a arte, o seu significado e a sua representação para o homem. Em relação à música, expomos que a sua utilização não pode ser somente pelo viés utilitarista, mas que na condição de cultura deve ser acessível à humanidade, visto que é uma criação humana. Em relação ao sistema psíquico, evidenciamos que o desenvolvimento humano é complexo e não pode ser visto somente pelo aspecto biológico, o qual é necessário, embora não seja condição para definir o que é o ser humano.

No sétimo capítulo, o ponto de partida foi a importância da pesquisa na construção do conhecimento humano. Ressaltamos a necessidade da leitura do mundo pelo viés científico, superando o senso comum. Apesar de somente nesse momento evidenciarmos o método condutor do trabalho com as explicações do significado dos termos Materialismo, Histórico e Dialético, anteriormente são realizadas menções ao método de maneira implícita e explícita.

Consideramos o método como o ponto nevrálgico da dissertação, dado que é a partir dele que outras teorias são desenvolvidas. A partir da perspectiva marxista, apresentamos a Teoria Histórico-cultural e a sua gênese com as principais características do seu desenvolvimento. A premissa da referida teoria é que o homem, em contato com a cultura, desenvolve-se em um processo histórico e social, e que tudo aquilo que existe no ser humano não é inato, mas fruto do seu percurso na história.

Em outro momento, expomos a diferença entre o psiquismo humano e o animal. Na relação com a natureza, o animal tem uma ação que é somente de adaptação, em que o seu biológico é determinante nessa interação; o homem, ao contrário do animal, tem uma atividade que tem caráter ativo, dado que no papel de

sujeito social submete a natureza para a satisfação de suas necessidades, e nessa troca é transformado ao mesmo tempo em que transforma a natureza.

Para a compreensão do que é o trabalho na vida humana, explanamos a Teoria da Atividade de Leontiev, que discorre que a partir de uma necessidade em um objeto que se encontra no meio externo o homem entra em ação para satisfazê-la. Para desenvolver a ação ele precisa de um motivo. Esse movimento é percebido quando o ser humano realiza a atividade do trabalho.

Posteriormente, apresentamos a Teoria da Atividade de Estudo, que é caracterizada como a atividade principal na idade escolar para o desenvolvimento infantil. Essa teoria tem como núcleo central a tarefa de estudo, que é realizada inicialmente em parceria entre o professor e o aluno. A organização da Atividade de Estudo é proposta nas ações de estudo, nas tarefas, no controle e na avaliação.

Por fim, no oitavo capítulo temos a culminância da dissertação, dado que é nesse momento que há o entrelaçamento de todos os capítulos construídos, pois foi com o referencial teórico que chegamos à análise dos dados, ou seja, é o ponto em que evidenciamos a resposta para o problema proposto.

Os desafios enfrentados pelo professor, na condição de pesquisador, foi o desenvolvimento do Experimento Formativo em que o ensino de piano era contemplado pela perspectiva da Teoria da Atividade de Estudo. O planejamento das aulas, a partir de uma necessidade que o aluno possuía, nesse caso era a leitura da partitura musical. Em seguida, estabelecemos um motivo que seria a mola propulsora para a sua ação, a qual não era simplesmente mecânica, mas tinha o objetivo de ascender ao pensamento teórico.

Temos a real consciência que no curto período do desenvolvimento do Experimento Formativo não chegamos à formação em sua plenitude da atividade de estudo, mas percebemos que a sua utilização no ensino de piano promoveu no aluno um salto qualitativo do seu psiquismo. Isso é evidenciado por meio dos dados apresentados, visto que da entrevista inicial para a final é marcante como a linguagem do aluno se transformou.

Por desenvolvermos uma pesquisa na perspectiva dialética, o olhar também recai sobre a ação pedagógica do professor, uma vez que a partir da sua apropriação teórica a sua ótica sobre as relações de ensino e aprendizagem foram transformadas. Nesse sentido, as intencionalidades para as aulas de piano alcançaram um novo patamar.

Como guisa de conclusão, afirmamos que o homem, ao apropriar-se da linguagem musical, quer por meio de um instrumento musical ou outras formas de exposição, tal ação permite que haja uma reelaboração do seu psiquismo humano.

Iniciamos a pesquisa na busca de uma determinada resposta a um problema suscitado, e chegamos à sua conclusão entendendo que respondemos à pergunta norteadora. Com isso, não afirmamos que essa seja a única resposta para o que propusemos. Em muitos momentos, não conseguimos dimensionar ou aferir o salto qualitativo no sujeito participante ou no professor, mas é no desenvolvimento, na escrita e na exposição da pesquisa e por meio do movimento dialético que são perceptíveis as transformações.

REFERÊNCIAS

AKHUTINA, Tatiana. A. R. Luria: uma trajetória de vida. *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (org). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 111-136.

ALVARENGA, Valéria Metroski; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. Formação Docente em Arte: percurso e expectativas a partir da lei 13.278/16. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul./set. 2018.

AMUI, Gustavo; Guimarães, Fernanda Albernaz do Nascimento. Música na educação básica: referenciais teóricos de periódicos nacionais publicados entre 2000 e 2010. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.34, p. 89-112, 2016.

AQUINO, Thaís Lobosque. Da perspectiva histórica da epistemologia da educação musical escolar: uma análise sobre os saberes musicais na Revista da ABEM e na OPUS – Revista da ANPPOM. **Opus**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 224-255, abr. 2017.

ARROYO, Margarete; BECHARA, Sílvia Regina C. C.; PAARMANN, Heraldo. Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos. **Opus**, Uberlândia, v. 23, n. 3, p. 67-90, dez. 2017.

ARROYO, Margarete; CHIARINI, Caio; YAMAOKA, Denise. Educação musical e políticas públicas para proteção social básica e medidas socioeducativas envolvendo adolescentes na cidade de São Paulo. **Opus**, Uberlândia, v. 25, n. 3, p. 446-473, set./dez. 2019.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. Vigotsky e Psicologia da Arte: Horizontes para a educação musical. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 39, n.107, p. 31-44, jan./abr. 2019.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O desenvolvimento humano e apropriação da cultura. *In*: BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 29-77.

CALAIS, Sandra Leal. Delineamento de levantamento ou survey. *In*: BATISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Correa de. **Metodologia de pesquisas em ciências: análises quantitativa e qualitativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Reimpr, 2019. p. 105-114.

CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARPEAUX, Otto Maria. **O livro de ouro da história da música**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

CERVEIRA, Rosimeire Braganca. **A musicalização na educação básica: da ação técnica ao desenvolvimento humano**. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2017.

CHAGAS, A. Processos Interacionais na Educação Musical: reflexão sobre a aula de instrumento musical. **ouvirOUver**, v. 15, n. 1, p. 44-59, 17 jun. 2019.

CLARINDO, Cleber Barbosa da Silva; MILLER Stela. Atividade de estudo: ferramenta para a constituição do autor dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 261-270, maio-ago. 2016.

CLARINDO, Cleber da Silva Barbosa. **Atividade de Estudo e capacidades do pensamento teórico: análise, reflexão e planificação mental**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 236 p.

CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, Curitiba, v. 26, n. 36, p. 127-145, jan./abr. 2010.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação nas constituições brasileiras. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena. **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 17-28.

DALLAZEM, Aline. Estágio curricular obrigatório: vivências musicais na educação de crianças. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2020.

DAVIDOV, V. V. Conteúdo e estrutura da atividade de estudo. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed.** Curitiba: CRV, 2020. p. 213-229.

DAVIDOV, V. V. Desenvolvimento psíquico da criança. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed.** Curitiba: CRV, 2020. p. 173-188.

DAVIDOV, V. V. O que é a atividade de estudo. **Revista Escola Inicial**. n. 7, 1999.
DAVIDOV, V. V. Os problemas psicológicos do processo de aprendizagem dos estudantes. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed.** Curitiba: CRV, 2020. p. 169-172.

DAVIDOV, V. V.; MÁRKOVA, A. K. O conceito de atividade de estudo dos estudantes. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo:**

contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020. p. 189-212.

DAVIDOV, V. V. Desenvolvimento psíquico da criança. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo**: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020. p. 173-188.

ASSIS OLIVEIRA TORRES, F. Dossiê Educação Musical, Formação, Contextos, Ensino, Aprendizagens Musicais e Reflexões. **ouvirOUver**, v. 15, n. 1, p. 12-14, jun. 2019.

PEREIRA, Emanuel de Souza.; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Fundamentos sociológicos da educação musical escolar. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 5, n. 7, p. 318-332, 2018.

DEL-BEN, Luciana et al. Sobre a docência de música na educação básica: um estudo sobre as condições de trabalho e a realização profissional de professores(as) de música. **Opus**, v. 25, n. 2, p. 144-173, maio/ago. 2019.

DUARTE, Newton. A Pedagogia Histórico-Crítica e a formação da individualidade para si. *In*: SILVA, João Carlos da. **Pedagogia histórico-crítico, a educação brasileira e os desafios de sua institucionalização**. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2014. p. 33-47.

ELKONIN, D. B. Atividade de estudo: sua estrutura e formação. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo**: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020. p. 155-165.

ELKONIN, D. B. Questões psicológicas relativas à formação da atividade de estudo. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (org). **Teoria da Atividade de Estudo**: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin – Livro I. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020. p. 139-141.

EUGÊNIO, Mayra Lopes; ESCALDA, Júlia; LEMOS, Stela Maris Aguiar. Desenvolvimento Cognitivo, Auditivo e Linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional. **CEFAC**, v. 14, n. 5, p. 992-1003, maio. 2012.

FONSECA, Ricardo Marcelo. Democracia e acesso à universidade no Brasil: um balanço da história recente (1995-2017). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 299-307, set/out. 2018.

FORNER, Vivian Annicchini. **Linguagem escrita e música**: possibilidades para o processo de alfabetização. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira. Pesquisa em didática: O experimento didático formativo. *In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPED CENTRO-OESTE: DESAFIOS DA PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO*, 2010, v. 10, p. 1-11.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. A unidade educação-música: educação musical na teoria Histórico-Cultural. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 39, n. 107, p. 19-30, jan./abr. 2019.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. **História da Música ocidental**. 5. ed. Portugal: Gradiva, 2007.

KONDER, Leandro. **O que é a dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 250 p.

KRAVTSOV, G. G; KRAVTSOVA, E. E. O Objeto e o método da psicologia histórico-cultural. **Teoria e Prática da Educação**, v. 22, n. 1, p. 25-31, abr.2019.

LEHER, Roberto. Apontamentos para análise da correlação de forças na educação brasileira: em prol da frente democrática. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 40, p. 1-18. 2019.

LEONTIEV, A. N. As necessidades e os motivos da atividade. *In: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (org). Ensino desenvolvimental: antologia: livro I*. Uberlândia: EDUFU, 2017. p. 39-58.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Farias. São Paulo: Centauro, 2004. Título original: *Le développement du psychisme*.

LONGAREZI, Andréa Maturano; FRANCO, Patrícia Lopes Jorge. A. N. Leontiev: a vida e a obra do psicólogo da atividade. *In: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (org). Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos*. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 67-110.

LUKÁCS, George. A arte como autoconsciência do desenvolvimento da humanidade. *In: LUKÁCS, George. Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1968. p. 282-298.

LUKÁCS, György. **Ontologia del ser social: el trabajo**. Buenos Aires: Herramienta, 2004. p. 35-53.

LURIA, A. R. Curso de Psicologia geral: Atenção e Memória. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991b. v. III.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral: introdução evolucionista à psicologia**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 115 p. Título original: *Evolyutsionnoe Vvedênie V'psikhológiyu*.

LURIA, A. R. Curso de Psicologia geral: Linguagem e Pensamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b. v. IV.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral: Sensações e Percepções** introdução evolucionista à psicologia. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979 (a). 115 p. Título original: Evolyutsiônnoe Vvedênie V'psikhológuiyu.

MAINARDES, Jefferson. Análise de políticas educacionais: breves considerações teórico-metodológicas. **Contrapontos**, Itajaí, v. 9, n. 1, p. 4-16, jan/abr. 2009.

MALANCHEN, Julia. Cultura, processo de humanização e emancipação: definição e compreensão a partir da teoria marxista. *In*: BARROS, Marta Silene Ferreira; PASCHOAL, Jaqueline Delgado; PADILHA, Augusta. **Formação, ensino e emancipação humana: desafios da contemporaneidade para educação escolar**. Curitiba: CRV, 2019. p.43-54.

MAME, O. A. C.; MIGUEL, J. C.; MILLER, S. Atividade de estudo: sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento teórico da criança em situação escolar. **Acta Scientiarum. Education**, v. 42, n. 1, p. e45463, 18 nov. 2019.

MANCIBO, Deise; JÚNIOR, João dos Reis Silva; De Oliveira, João Ferreira. Políticas, Gestão e Direito a Educação Superior: novos modos de regulação e tendências em construção. **Acta Scientiarum. Education**, v. 40, n. 1, p. e37699-e37699, 2018.

MARINO FILHO, Armando. Significação e envolvimento na atividade de estudo. *In*: MARTINS, D. A. DE F.; MESSIAS, P. Q. Motricidade humana na educação musical. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 168-180, jul. 2018.

MARTINS, Ligia Márcia. Da concepção de homem à concepção de psiquismo. *In*: _____. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2015. p. 31-74.

MARTINS, Ligia Márcia. O desenvolvimento do psiquismo humano e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-escolar e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2015.

MARTINS, Ligia Márcia. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e desenvolvimento humano. *In*: MARTINS, Ligia Márcia; ABRANTES, Angelo Antônio; FACCI, Maria Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. 13-34.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Bointempo, 2010. 190 p.

MARX, Karl. Terceiro manuscrito. *In*: MARX, Karl. **Manuscritos econômicos - filosóficos e outros textos escolhidos**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3 - 32.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Feuerbach: oposição das concepções materialista e idealista. *In*: BARATA MOURA, J.; CHITAS, E.; MELO, F.; PINA, A. **Marx e Engels: obras escolhidas**. Tomo I. Lisboa, Portugal: "Avante": Moscovo, URSS: Progresso, 1982. p. 08-37.

MEDINA, Alice. As escritas corporais da caixinha de música: Educação Infantil. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 00, n. 64, p. 267-281, abr./jun. 2017.

MELLO, Suely Amaral. Cultura, mediação e atividade. *In*: MENDONÇA, Suely Guadalupe de Lima; SILVA, Vandei Pinto da; MILLER, Stella. **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara, SP: Cultura acadêmica, 2009. p. 365-376.

MELO, Adriana Almeida Sales de; Sousa, Flávio Bezerra de. A agenda do mercado e a educação no governo Temer. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.9, n.1, p.25-36, ago. 2017.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Bointempo, 2008.

MILLER, Stela. Atividade de estudo: especificidades e possibilidades educativas. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; MELLO, Suely Amaral. Teoria da atividade de estudo. Uberlândia: Edufu, 2019. p. 71-93.

MIRANDA, Paulo César Cardozo de. **Músicas e jogos sonoros: a experiência lúdica no ambiente hospitalar infantil humanizado**. 2017. 523 f. Tese (Doutorado em Artes - Música) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOURA, Manoel Oriosvaldo *et al.* A atividade orientadora do ensino como unidade entre ensino e aprendizagem. *In*: MOURA, Manoel Ortiosvaldo. **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília: Liber Livro, 2010. p. 81-109.

NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. Estética e arte na formação do professor da educação básica. Ver. Lusófona de Educação. Lisboa, n. 17, p. 103-121, 2011.

NETTO, José Paulo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006. 259 p.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Bointempo, 2003. 152 p.

PAES, Francisco Guedes. **O passado presente na história da educação musical: uma análise do golpe**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2018.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. Keynesianismo, Neoliberalismo e os antecedentes da crise do estado. *In*: MELO, Edivânia; Andrade, Mariana A. de; PANIAGO, Maria Cristina Soares (org.). **Marx, Mézáros e o Estado**. São Paulo: Instituto Lúckás, 2012. p. 59-80.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; PADILHA, Augusta. **Formação, ensino e emancipação humana: desafios da contemporaneidade para educação escolar**. Curitiba: CRV, 2019. p. 43-54.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

PERIC, Thereza. No exercício da arte: o professor criador. Diálogo entre o fazer artístico e a prática pedagógica. **Pro-Posições**, v. 24, n. 2, p. 195-220, maio/ago. 2013.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa** – Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – Repercussões no campo educacional. 2010. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth; NASCIMENTO, Ruben. Lev Semionovitch Vigotski: um estudo da vida e da obra do criador da psicologia histórico-cultural. *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (org). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 47-66.

PUENTES, Roberto Valdés (org). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 67-110.
PUENTES, Roberto Valdés; MELLO, Suely Amaral. **Teoria da atividade de estudo**. Uberlândia: Edufu, 2019. p. 53-70.

RABAL, Taira Sanches. **Formação, ensino e arte: implicações sócio-históricas da presença e ausência na atividade do professor na primeira infância**. 2020. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2020.

RIBEIRO, Elizete Gonçalves. **A contribuição das atividades musicais para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores dos alunos atendidos na sala de recursos multifuncionais – tipo I**. 2018. 142 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2018.

Rodrigues, M. F. E assim a música caminhou pelo Brasil. **Revista Mosaico**. v. 9, n. 2, p. 32-32, jul./dez. 2018.

SAID, Paula Martins; ABRAMIDES, Dagma Venturini Marques. Efeito da educação musical na promoção do desempenho escolar em crianças. **CoDAS**. v. 32, n. 1, fev. 2020.

SANCHEZ GAMBOA, S. Os projetos de pesquisa: alguns fundamentos lógicos necessários. *In*: MIRANDA, E. y PACIULLI BRYAN, N.; (Editores). **(Re)pensar la educación pública**: aportes desde Argentina y Brasil, Córdoba: Ed Universidad Nacional de Córdoba, 2011. p. 121-150.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**. Campinas: Praxis, 1998. 155 p.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007. 193 p.

SAVIANI, Demerval. Da inspiração à formulação da pedagogia histórico-crítica: os três momentos da PHC que toda teoria verdadeiramente crítica deve conter. *In*: SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano**: novas aproximações. Campinas: Autores Associados, 2019. p. 227-243.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado do nosso ambiente: a paisagem sonora. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 382 p.

SCHLINDWEIN, Luciane Maria; MARTINS, Aline Santana; OLIVEIRA, Rafael Dias de. Plunct Plact Zum: imaginação e criação artística na escola. **Cad. Cedes**. Campinas, v.39, n. 107, p. 125-138, jan./abr. 2019.

SENA, Francisco Canindé de Medeiros. **Educação musical técnica de nível médio no Rio Grande do Norte**: um estudo sobre ações de interiorização da EMUFRN em Florânia / RN. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SILVA, Nayanne do Nascimento. **Educação artística como disciplina escolar em Mato Grosso (do Sul)**: 1971 a 1982. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Grande Dourados, Dourados. 2018.

SOARES, Olavo Pereira; CERVEIRA, Rosimeire Bragança; MELLO, Suely Amaral. Educação musical na escola: valorizar o humano em cada um de nós. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 39, n. 107, p. 125-138, jan./abr. 2019.

SOUSA, R. S.; IVENICKI, A. Cultura, currículo e identidade (cultural): conceitos-base para uma educação musical multicultural. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 438- 450, jul./dez. 2018.

SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de et al. Resenha do livro Pedagogias brasileiras em educação musical. **Opus**, v. 25, n. 2, p. 270-277, maio/ago. 2019.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, p. 20-45, jul/dez. 2006.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; BARCA, Ana Paula de Araújo. A organização do meio social educativo para a criação musical na educação infantil. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 39, n. 107, p. 73-86, jan./abr. 2019.

VÁSQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VIEIRA, Sofia Lerche. A educação nas constituições brasileiras: texto e contexto. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos**, Brasília, v.88, n. 219, p. 291-309, maio/ago. 2007.

VIGOTSKI, Lev S. **Manuscritos de 1929**. Educação & Sociedade, nº 71, jul. 2000. Vigotsky, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 496 p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e na poesia**: ensaio, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. 400 p.

VYGOTSKY, L. S. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A psicologia e o mestre. *In*: VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 445-464.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Imaginação e criatividade na infância. Ensaio de Psicologia. Portugal: Dinalivro, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINISK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo, Companhia da Letras, 1989. WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Música nas escolas públicas municipais do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 71, p. 1-21. 2017.

APÊNDICES

APENDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A linguagem musical como mediadora no desenvolvimento das funções psíquicas superiores

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa **A linguagem musical como mediadora no desenvolvimento das funções psíquicas superiores**, a ser realizada no Conservatório Musical de Londrina. O objetivo da pesquisa é compreender as contribuições da música, enquanto linguagem como elemento mediador da cultura, para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Esclarecemos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) recusar a participação, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo ao senhor(a). Esclarecemos, também, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos, ainda, que o senhor (a) não pagará e nem será remunerado(a) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Quanto aos riscos, podem conter tanto riscos conhecidos como potenciais, contudo, tratam-se apenas de atividades desenvolvidas com orientações pedagógicas, envolvendo lápis, papéis e livros. O pesquisador irá garantir que possíveis danos sejam evitados e caso haja qualquer situação o mesmo estará disposto a auxiliar no que for necessário, tomando as devidas providências como, por exemplo, assistência psicológica pública.

Os benefícios esperados são avanços em conhecimentos científicos; aprendizagem; novos conceitos, contribuindo para novas metodologias de ensino.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos pode procurar o discente do Programa de Pós-Graduação em Nível de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Edgar de Campos Neto, Rua Alagoas, 878, Edifício Castelo Forte, apto 1102, Londrina, Pr, telefone: 3027-1914 ou 99904-6744 (TIM), e-mail: edgarcamposneto@gmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Rodovia Celso Garcia Cid Pr 445 Km 380 Campus Universitário, pelo telefone 3371-5455 ou por e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Londrina, 24 de Junho de 2020.

Pesquisadora Responsável – Edgar de Campos Neto

RG: 7.739.297-1

_____ (Nome por extenso do participante),
tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre os procedimentos da pesquisa,
concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Data: 24 de Junho de 2020.

APENDICE B – Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Entrevista semiestruturada

Entrevista 1

- 1- O que você entende por aprendizagem?
- 2- Como você organiza o seu momento de estudo de piano em casa?
- 3- Qual é a importância do papel do professor enquanto mediador para a aprendizagem da música?
- 4- Na aprendizagem da música você consegue perceber os seguintes elementos: a) sensação; b) percepção; c) atenção; d) memória; e) linguagem; f) pensamento; g) imaginação; h) emoção e sentimento
- 5- Estudiosos mencionam que o estudo de um instrumento musical, como o piano, contribui para a aprendizagem de outras áreas do conhecimento como a língua portuguesa e matemática. Você percebeu isso quando faz suas tarefas escolares?
- 6- Você entende o que é atividade de estudo? O que pensa que pode ser?

Entrevista 2

- 1- E agora depois desse percurso com essas atividades de estudo o que você entende por aprendizagem?
- 2- Como você organiza o seu momento de estudo de piano em casa, depois desse período?
- 3- Qual é a importância do papel do professor enquanto mediador para a aprendizagem da música?
- 4- Na aprendizagem da música você consegue perceber os seguintes elementos: a) sensação; b) percepção; c) atenção; d) memória; e) linguagem; f) pensamento; g) imaginação; h) emoção e sentimento. Qual ou quais desses elementos que conversamos mais se destacou em você? Pode relatar para mim?
- 5- Estudiosos mencionam que o estudo de um instrumento musical, como o piano, contribui para a aprendizagem de outras áreas do conhecimento como a

língua portuguesa e matemática. Você percebeu alguma alteração para outra área de conhecimento na escola?

6- E agora depois desse novo período e com outras atividades, qual o significado da atividade de estudo para você?

ANEXOS

ANEXO A – Carta de Apresentação



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação, Comunicação e Artes

Departamento de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Londrina, 24 de Junho de 2020.

O Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, vem por meio desta apresentar o aluno do Mestrado em Educação, Edgar de Campos Neto, que desenvolverá neste Conservatório Musical de Londrina uma pesquisa intitulada “A Linguagem Musical como mediadora no desenvolvimento das funções psíquicas superiores”, que faz parte das ações da pesquisa no ano de 2020. Os horários para o desenvolvimento da pesquisa ficam condicionados ao horário dos alunos e combinados previamente com o professor regente deste Conservatório Musical.

Fico a disposição para eventuais esclarecimentos e dúvidas.

Sandra Aparecida Pires Franco

Profa. Dra. Sandra Ap. Pires Franco
Orientadora do Mestrado
Coordenadora do Projeto de Pesquisa
Leitura e atividade de estudo: práticas pedagógicas
com a leitura literária na Educação Básica

ANEXO B – Declaração de Concordância da Instituição Co-Participante

**Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição
Co-Participante**

Local, 22 de junho de 2020.

Ilma. Sra. Profa. Dra. Adriana Lourenço Soares Russo
Coordenadora do CEP/UEL

Senhora Coordenadora

Declaramos que nós do Conservatório Musical de Londrina, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa **A linguagem musical como mediadora no desenvolvimento das funções psíquicas superiores** sob a responsabilidade de Edgar de Campos Neto, discente no Programa de Pós-Graduação em Nível de Mestrado em Educação, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, até o seu final em 28/02/2022.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão os alunos participantes, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

Diretora
Silvia Maria de Lemos Baptista

ANEXO C – Programa do Curso de Piano

Conservatório Musical de Londrina

PROGRAMA DO CURSO DE PIANO

INICIAÇÃO

- Pentacordes Maiores: Dó – Ré – Mi – Fá – Sol – Lá – Si
(Mãos Separadas)

- Alfred's Basic Piano Library Level 1A
(ou Alfred Adult - All-in-one Pág. 1 a 51):

Lessons Book
Technic Book
Theory Book
Ear Training Book

- Peças: 8

1º PRÉ

- Pentacordes Maiores: todos de sustenido (mãos juntas)
- Escalas e Arpejos maiores de sustenido – mãos separadas (1 oitava)
- Alfred's Basic Piano Library: Level 1B e 2
(ou Alfred Adult - All-in-one Pág. 52 a 109):

Lessons Book
Technic Book
Theory Book
Ear Training Book

- Peças: 5 (1 de autor nacional)

2º PRÉ

- Pentacordes Maiores – todos de bemol (mãos juntas)
- Escalas e arpejos maiores de bemol – mãos separadas (1 oitava)
- Alfred's Basic Piano Library: Level 3
(ou Alfred Adult - All-in-one pág. 110 a 144):

Lessons Book
Technic Book
Theory Book
Ear Training Book

- Czerny (B. Neto – 1º volume até o nº 10): 05 números
- Peças: 05 (1 de autor nacional)

Métodos opcionais para Iniciação, 1º e 2º Pré

- Piano Bastien
- Hal Leonard
- Leila Fletcher
- Dose do Dia
- Método para Piano – Violeta H. Gainza – Tomo I, II e III
- Explorando Música através do Teclado – Marion Verhaalen Vol. 1 e 2.